

cadernos
Junguianos
nº 5 - 2009

**Revista anual
da Associação
Junguiana
do Brasil**

*Membro da International
Association for Analytical
Psychology*



Cadernos Junguianos
Publicação da Associação
Junguiana do Brasil
Nº 5 - 2009

Editor
Gustavo Barcellos

Editora Executiva
Sílvia E. F. Graubart

Editor de Resenhas
Rubens Bragarnich

Editores Assistentes
Acací de Alcântara
Angela Cosac Nacacio
Letícia Capriotti

Conselho Editorial
Andrew Samuels
Edgard de Assis Carvalho
Glaucio Ulson
John Beebe
Leonardo Boff
Luigi Zoya
Roberto Gambini
Walter Boechat
Wolfgang Giegerich

Revisão
Antonio Carlos Marques

Projeto Gráfico
Nelson Graubart

Produção e Preparação
On Art Design & Comunicação

Capa
Chymica Vannus,
Joannes de Monte-Snyders, 1666

Impressão
Ferrari Editora e Artes Gráficas
São Paulo, 2009

Distribuição
Venda avulsa,
distribuição gratuita, permuta

Colaborações para os **Cadernos Junguianos** devem seguir as orientações especificadas no final da publicação.

Proibida a reprodução parcial ou total por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em língua portuguesa ou qualquer outro idioma, sem a devida autorização do editor.

Pede-se permuta
Exchange requested
Se solicita canje
Man bitte um Austeusch
On demande l'échange
Si chiede lo scambio

Associação Junguiana do Brasil
Membro da International Association for Analytical Psychology (IAAP) - Zurique

Presidente
Dr. Joel Sales Giglio
Diretora de Estudos
Dra. Dulce Helena Rizzardo Briza
Diretora Administrativa
Zilda Maria de Paula Machado
Diretor Financeiro
Dr. David Phillip Butler
Diretor de Publicações
Dr. Gustavo Barcellos

Permuta e venda
R. Deputado Lacerda Franco, 300 - cj. 51
Pinheiros - São Paulo - SP - 05418-000
Tel/Fax: 11-3030-9315
www.ajb.org.br

Os artigos e resenhas publicados representam a opinião de seus autores. Eles não refletem necessariamente as ideias da AJB, de seus membros ou da comissão editorial.

ISSN - 1808-5342

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Catalogado por: Maria Aparecida de Godoy - Bibliotecária - CRB 8-4048

Cadernos Junguianos. / Associação Junguiana do Brasil. –
v. 5, n. 5, setembro 2009. São Paulo: AJB, 2009
v.; il.; 23 cm.

Anual
ISSN: 1808-5342

1. Psicologia Analítica – Periódicos. 2. Psicologia
Junguiana – Periódicos. I. Associação Junguiana do Brasil.

CDU: 159.018.4 (05)

Sumário

Editorial 5

Artigos

Tempo da Tesoura,
Tempo da Cola: uma metodologia 7
Rosa Maria Carollo Blanco

Dioniso com Gentileza:
uma contribuição junguiana 21
Aurea Christina Torres

A Herança Psíquica 35
Renata Whitaker Horschutz

Vinícius, o Poeta do Amor;
Jung, o Poeta da Alma 44
Dulce Helena Rizzardo Briza

Islã, Pós-Modernidade e Jung:
um encontro possível? 58
Claudia Morelli Gadotti

Histórias que a Alma Conta:
reflexões sobre eventos do filme *A História Oficial* 68
Elizabeth de Miranda Sandoval

As Fases da Lua 80
W. B. Yeats,
tradução e comentário de Dora Ferreira da Silva

Entrevista

Ficar com a Imagem:
uma entrevista com Patricia Berry 87



Resenhas

Eurípides para Junguianos	91
<i>Rubens Bragarnich</i>	
Acerto de Contas	94
<i>Acaci de Alcantara</i>	
<i>A Voz e o Tempo</i>	96
<i>Silvia Graubart</i>	
Ivo Storniolo (1944-2008)	99
Orientações aos autores para publicação	101

Editorial

É com a contínua percepção de que os **Cadernos Junguianos** vêm se alinhando entre as mais respeitadas publicações de psicologia analítica que finalizamos a preparação do exemplar que você tem em mãos. Nesses cinco anos, não nos desviamos de nossa proposta original, ou seja, de sempre privilegiar reflexões que tratam do que há de mais inquietante nas experiências da psique: ideias com as quais nos confrontamos nas artes visuais, na literatura, na política e, especialmente, nos consultórios, e que nos foram generosamente encaminhadas por colegas que, como nós, têm a preocupação de levar adiante o pensamento junguiano no mundo contemporâneo.

Espaço para múltiplas possibilidades, as páginas de nossa revista também devem ser vistas como estímulo para que outros autores sejam atraídos para a aventura de transformar as próprias ideias em palavras e colocá-las em discussão.

Mitos da vida moderna, conflitos eternos, questionamentos contemporâneos, histórias de alma e a poesia de Yeats são temas que enriquecem a edição deste ano. Reafirmam que pensar psicologicamente é pensar por analogias e que psicologia analítica, filosofia, antropologia, sociologia e arte caminham juntas na compreensão do indivíduo e do mundo.

Patricia Berry, a quem devemos grandes contribuições no campo da psicologia arquetípica, concedeu-nos entrevista via *e-mail* na qual reflete de modo muito profundo sobre questões da clínica e do mundo contemporâneos de modo a deixar entrever uma analista no amplo exercício de sua sensibilidade. As resenhas de livros, elaboradas cuidadosamente por nosso corpo editorial, completam e enriquecem o quadro das reflexões junguianas deste número.

Especialmente significativa para nós, contudo, é a inclusão neste número da tradução e do comentário que fez Dora Ferreira da Silva do poema "As Fases da Lua" de W. B. Yeats. Tivemos acesso a eles graças à colaboração e à amabilidade de Rodrigo Petrônio, que, a nosso pedido, gentilmente vasculhou e encontrou em edições esgotadas da revista *Cavalo Azul*, que Dora editava, várias possíveis contribuições. Com essa inclusão queremos homenagear a importância que teve entre nós junguianos esta grande poeta brasileira, que traduziu Jung para o português em primeira mão e ensinou poesia com psicologia. Ou seria o contrário?



Aqui tão bem representada pelo nome de Dora, a *anima*, altura e profundidade dos homens - sem a qual aquela "mandala dourada" de que falava Jung permanece sem corpo -, reafirma continuamente o mistério da Lua, a saber, do princípio feminino. Assim, com a publicação do poema de Yeats os **Cadernos Junguianos** querem ainda ressaltar e também homenagear, neste ano de 2009, a lembrança dos 40 anos transcorridos depois de na Lua haveremos pousado, certamente com algum tão ilusório triunfo de literalismo. Essa Lua, no entanto, guarda, para analistas e poetas (e para amantes e místicos), os segredos da loucura. E mesmo depois daqueles pequenos grandes passos de Armstrong e Aldrin na terra branca, quando então os americanos lá estiveram ficando nela uma bandeira (que não era branca) - definitivamente rompendo uma barreira psíquica imponderável -, podemos dizer que para alquimistas de todos os tempos ela ainda é *Luna, albedo*, Rainha, como mostra Yeats, o segredo interno da obra.

Gustavo Barcellos

Tempo da Tesoura, Tempo da Cola: uma metodologia

Artigo

Rosa Maria Carollo Blanco*

Sinopse: Este artigo faz parte da tese de doutorado da autora na qual discute caminhos possíveis para a prática da clínica a partir das demandas do contemporâneo. Isto implica em pensar a psicopatologia a partir de outros parâmetros e em criar outras ferramentas para trabalhar, e uma delas é a arte da colagem.

Palavras-chave: clínica, psicopatologia, arte, colagem.

Resumen: Este artículo es parte de la tesis de doctorado de la autora en la que se discute caminos posibles para la práctica clínica a partir de las demandas del contemporáneo. Esto implica en pensar la psicopatología a partir de otros parámetros y en crear otras herramientas para trabajar: una de ellas puede ser el arte del colaje.

Palabras clave: clínica, psicopatología, arte, colaje.

Abstract: This article is a part of the author's doctoral thesis and discusses possible alternatives for practicing clinical psychology based on others parameters and creating other working tools - one of which is the art of *collage*.

Key words: clinic, psychopathology, art, *collage*.

* Rosa Maria Carollo Blanco é psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade de São Paulo-PUC-SP, Diretora da Clínica-Oficina Kairós.

Tempo da tesoura

Debruçar-se sobre obras já existentes e lançar mão delas para fazer algum trabalho assemelha-se muito ao processo de fazer uma colagem. Cada um recolhe uma quantidade qualquer de pedacinhos e os reagrupa à sua maneira. Em especial, quando a obra escolhida é de C. G. Jung, que nos deixou uma enorme quantidade de ideias e conceitos. Ao longo de seus escritos vamos encontrando a mesma noção dita de várias maneiras, algumas contradizendo-se. Ele não nos apontou qual era a "correta", e isto contribuiu para que muitos de seus seguidores criassem os mais diversos pontos de vista.

A possibilidade de usar inúmeras formas de utilizar uma colagem, além de infinitos materiais, pode dar a impressão de que é um processo completamente arbitrário, mas é mostrada de outra maneira por Frederico Morais, quando fez a apresentação da obra do colagista Tide Hellmeister. Diz ele que a colagem

(...) é uma linguagem, uma poética, enfim. [As imagens] são também criações mentais, existem virtualmente na imaginação do artista e, quando viabilizadas (...) de forma encadeada, passam a constituir a expressão de um universo particular do artista (Morais, apud Hellmeister, 1994, Collage, p. 5).

Braque, a quem se atribui o invento do *papier collé*, referia-se aos pedacinhos de papéis colados como *certitudes*. As pequenas *certitudes*, familiaridades que se vão recolhendo ao longo do tempo em que se estuda uma obra, vão compondo uma caixa de guardados, de afetividades, às quais se recorre sempre que é necessário retomar a um tema. E com esses papéis, tesoura e cola, introduzir uma informação intelectual, um conceito.

Segundo Morais, fazer colagem é uma obra em dois tempos - o da tesoura e o da cola:

Do lado da tesoura, temos a realidade, que é descontínua, fragmentária, dispersa. Quando se toma um material que vem inteiro, contínuo e ordenado, a tesoura corta, recorta, divide, separa, isola, fragmenta, embaralha e cria a dispersão. Depois vem a cola, que busca uma nova continuidade, outra síntese, outra ordem, ou [o que para Morais é igualmente válido] a exacerbação das características iniciais. A cola multiplica, junta, reaproxima, reúne, totaliza. A tesoura des-monta, des-constrói o construído, desarticula o articulado; a cola re-monta, re-constrói, re-articula. E assim, ao recriar, reativar, o artista da colagem acrescenta à imagem recortada o seu inteligível e o seu imaginário... [as imagens] arrancadas do seu contexto original, postas em confronto ou colisão com outras imagens provocam...o desabrochar de novos processos imaginativos, revelando [outros] sentidos da imagem... (Morais, apud Hellmeister, 1994, Collage, p. 10 e 11).

Tentar fazer uma colagem a partir de obras já existentes, recortar algumas das *certitudes* que irão compor uma outra figura, tentar colar as pequenas familiaridades que se adquirem ao longo do tempo que se passou estudando e tentando aprender. Jung dizia que tudo que acontece em um determinado tempo adquire as características desse tempo. A isto ele chamou de sincronicidade. Ou, nos dizeres de Marques, do Instituto Bricoleur,

o meu tecido difere do teu quadro, porque nele gastei o meu tempo, que não foi o teu tempo. Mas com o meu tempo também saberei fazer o meu quadro. E o teu quadro e o meu quadro provarão que somos tão diferentes quanto foram nossos tempos (apud Hellmeister, Collage, 1994, p. 16).

Após meio século dos últimos escritos de Jung, fez-se necessário confrontar seus pensamentos com outros, colocá-lo em outro tempo e concretizar outra figura. Recolher da sua obra as *petites sensations* (como propunha Cézanne) em vez dos *ismos* teóricos seria tão ao gosto do próprio Jung, que nos ensinou a nunca negligenciar qualquer manifestação psíquica, mesmo que se chamasse delírio e não devesse ser levado em conta, por ser obra da cabeça de um louco. Pois foi exatamente daí, das chamadas loucuras, que ele tirou todo o material necessário à sua concepção da mente humana.

Erigir a esquizofrenia como paradigma para se compreender a psique levou-o a propor uma forma de pensar o psíquico de uma maneira nova na psiquiatria de sua época, dominada por um tipo de medicina completamente materialista, isto é, centrada na anatomia e fisiologia. Seus primeiros escritos são de 1901, e já ali, apoiado nos escritos de Freud, rompia com o mando máximo da medicina para a qual as doenças mentais são doenças do cérebro, propondo um acontecer psíquico autônomo e autogerador.

De todos os seguidores, James Hillman é, talvez, o mais junguiano, no sentido de romper com o mando máximo das ideias do próprio Jung. Ele diz que Jung será sempre bússola, mas jamais doutrina. Talvez por isso mesmo continue apresentando-se como junguiano, embora sua obra tenha seguido muitos outros nortes para além daqueles que a bússola apontava primeiramente. Hillman fez seus recortes com base em algumas *idées force* que Jung lhe ofereceu e compôs outra obra, tão diferente quanto foram seus tempos, mas as figuras que ele criou a partir dos recortes contêm a mesma radicalidade de mergulho nos temas que aborda e a mesma coragem de romper com mandos máximos.

Hillman nos lembra que coube aos psiquiatras debruçar-se sobre as inquietações críticas de uma cultura apresentadas *in extremis*, sintomaticamente. Os sintomas dos sofrimentos psíquicos se apresentavam em todos os lugares com sua virulência e criações.

O termo "esquizofrenia" cunhou-se oficialmente no período imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial, um período que assistiu à correspondente fragmentação na pintura, música, literatura e à correspondente relativização do ego nas ciências naturais. Os casos de personalidade múltipla eram importantes porque confirmavam a multiplicidade do indivíduo num momento em que o mesmo fenômeno fazia sua aparição na cultura em geral. Graças a essa perspectiva esquizoide múltipla contemplamos um mundo que já não estava unido pela razão, que já não estava unido em absoluto. Em seu lugar víamos espontaneidade caótica, relatividade, descontinuidades, desarmonias, superpovoação de espíritos e de imagens anímicas viventes (...) (Hillman, 1999, p. 96).

Propor-se a uma clínica nessa perspectiva esquizoide implica escolher e acolher cada fragmento. Tomar cada um como uma *petite sensation* e saber que é um vivente com sensações, opiniões e necessidades, como um complexo, à maneira como Jung imaginou. Uma psique composta de personalidades parciais que se comportam como corpos estranhos, animados de vida, características e memórias próprias, os muitos "eus" que somos cada um de nós.

Escrever um trabalho que busque uma certa inteligibilidade para o que parece ininteligível parece exigir um exercício de ficar com o fragmento, apresentá-lo da melhor maneira possível e ficar com a tensão que exige o encontro com o inacabado, disforme, sem a saída fácil de explicá-lo ou defini-lo. E, no entanto, ver cada pedacinho como uma certeza.

A vida psíquica pensada a partir da prática clínica exige, também, ficar com a tensão. Pensada com base nos eventos ocorridos, esses mesmos eventos contrapõem-se às teorias criadas, um sem-número de vezes. Qualquer trabalho em psicologia acontece no encontro ou entrechoque dos acontecimentos e os pensamentos gerados por eles. Hillman propõe encruzilhadas, em vez de estradas, *hodos*, ficar no encontro, onde acontecem as conexões. Encruzilhadas, no lugar do *metha hodos*. Nas encruzilhadas das leituras e da prática é que foram recortadas as *certitudes* teóricas deste trabalho, que serão apresentadas. Assumir o caminho do erro:

O raciocínio psicológico prospera com a compulsão repetitiva e os ciclos de retorno aos mesmos temas insolúveis (...) sua aprendizagem é através do erro (...) O caminho errante nos conduz àquilo de que estamos menos seguros, reduz nossos conhecimentos e dissolve o conhecimento na dúvida, na liberdade da incerteza. (...) As reflexões psicológicas sempre tomam a luz desde um ângulo peculiar. (...) O espelho psicológico (...) O Cavaleiro Errante em sua aventura é, também, um factótum, (...) um bricoleur (...) que psicologiza tudo o que tem à mão; não se trata de um arquiteto de sistemas nem de um planejador. E deixa, antes de completar sua tarefa, uma sugestão fluando no ar, uma pista falsa, uma frase aberta... (Hillman, 1999, p. 329).

A estas *certitudes* foram acrescentadas outras, recolhidas da prática com todos aqueles que a compuseram: pacientes, técnicos, interlocutores de outros projetos, familiares... A cola utilizada aqui, às vezes, faz contornos e delinea figuras; outras vezes, acrescenta um material que se "descola" do resto e fica ali, no quadro, como uma pergunta. Quando nos deparamos com os textos da prática, eles sempre nos trazem o novo, o inusitado, o incompreensível. São o elemento estranho ao quadro teórico, que fica ali; é o enigma que não pede para ser decifrado: pede conexão. Fica ali para lembrar-nos o tempo todo que, sem ele, voltaríamos à cegueira de Édipo, que tudo quis ver e compreender. "Prefiro complicar o enigma a explicá-lo; agravá-lo a defini-lo; confirmá-lo a resolvê-lo" (Hillman).

Para fazer as reflexões psicológicas, Hillman propõe um modo de trabalhar que Levi Strauss denominou como ciência do concreto, um pensar/fazer que atende pelo nome de bricolagem. Diz ele:

O *bricoleur* é aquele que opera sem plano prévio, com meios e procedimentos afastados dos usos tecnológicos normais...opera com fragmentos de obras, pedaços...a regra de seu jogo é arrumar-se "com o que houver", isto é, um conjunto de instrumentos e materiais que não estão em relação com qualquer projeto, mas que é resultado de todas as ocasiões oferecidas para renovar ou enriquecer suas existências ou de conservá-las com os resíduos de construções existentes. A poesia da bricolagem advém sobretudo daquilo que não se limita a realizar ou executar; "fala" não somente com as coisas, mas por meio das coisas (Strauss, p. 35 a 37).

As coisas a partir das quais fala um trabalho escrito baseiam-se em recortes feitos das obras escolhidas. Hellmeister disse que as imagens escolhidas fazem parte da visão de mundo do colagista. Sendo assim, descolar trechos de uma obra é uma forma de apropriação de suas ideias, mas, quando se trata da obra de Hillman, de certa maneira, temos sua autorização, pois ele disse que "as ideias não são minhas, elas estão aí".

Desde o advento da psicanálise, uma das preocupações de Freud foi afastá-la do modelo e da ciência médica. O primeiro nome que ele deu à Psicanálise foi a Arte da Cura pela Fala. E o grupo das 4.as-feiras em Viena vinha das mais diversas formações profissionais. Jung seguiu as mesmas preocupações e propôs que, para compreendermos a psique, era muito mais necessário o conhecimento de filosofia, antropologia, literatura etc. Em especial, dava os maiores créditos aos poetas, que, para ele, sabiam falar mais e melhor sobre as paixões humanas que qualquer diagnóstico. A ideia de arte está associada à psicanálise desde o seu nascimento.

James Hillman começa com a literatura. Americano de nascimento, cidadão suíço, seus estudos se dão em Paris, onde trabalha como radiojornalista no pós-guerra e em Dublin, onde participa de uma revista literária. Antes disso, entretanto, entre 1944 e 1946, a Marinha o envia para cuidar de feridos de guerra na Alemanha destruída.

O trabalho que eles me deram era com os cegos, os aleijados e os surdos. (...) que voltavam da guerra do Pacífico. Fiquei extremamente identificado com essa gente e com o horror da reabilitação americana. Nós os levávamos a festas, bailes, encontros (...) Tudo voltado para a adaptação, mas nada significava coisa alguma e ninguém nos oferecia treinamento, ferramentas com as quais trabalhar. Então me mudei da caserna direto para o hospital e vivi com os pacientes, o que não era permitido, mas alguma coisa queria ir mais fundo naquilo, e o único modo de fazê-lo era chegar mais perto. (...) De qualquer maneira eu já estava envolvido com psicoterapia, aos 19 anos, sem nunca ter escutado a palavra (Hillman, 1983, p. 103).

Este chegar mais perto do sofrimento para ir mais fundo é uma das marcas de sua obra. Talvez, por ter começado com a Arte da Palavra, Hillman pôde desenvolver uma psicologia mais afastada da medicina como quiseram Freud e Jung. Uma de suas grandes críticas é quanto à linguagem que a psicologia herdou da medicina e a transformou em palavras tão grandes, que as esvaziou. Ficou, apenas, o relato de sentimentos introspectivos como depressão ou ansiedade, completamente conceitualizados.

Será por isso que Flaubert disse a um jovem escritor para sair e observar uma árvore por horas e horas? Pare de escrever sobre você mesmo. Resgate as qualidades da árvore na sua linguagem. A própria emoção inventa movimentos incríveis, insultos e maldições complicadíssimos (...) A diferenciação, o matizar de emoções, tudo isso é trabalho da cultura. A poesia moderna veio com Williams, Pound, o imagismo, o próprio Elliot; insistiram em fragmentar grandes emoções em imagens precisas. Este movimento apareceu ao mesmo tempo que a psicanálise, um pouco antes da Primeira Grande Guerra, e a psicanálise é um tipo de imagismo - um modo de fazer com que as imagens tornem as emoções mais precisas. A psicanálise é um movimento poético (Hillman, 1983, p. 52, 53).

Pensar na psicanálise como um movimento poético, como um trabalho da cultura, também afasta Hillman de uma psicologia que contenha qualquer ideia de civilização. Este movimento para a frente carrega uma noção de caminho em direção à consciência, que começa nas hordas primitivas e se dirige ao mundo civilizado. Não importa se a consciência se traduz na racionalidade egoica na obra de Freud ou no caminho do *Self*, proposto por Jung. As duas ideias pressupõem um ponto para onde deva convergir a cura da neurose (Freud) ou o processo de individuação (Jung). A ideia de civilização sugere a existência de uma sequência que leva a algum lugar, um mundo que tem uma história, que se conta desde o começo.

Precisamos fazer uma distinção entre o sentido grego de *kosmos* e o universo latino, *unus verito*, revertendo a um ponto: a unificação monoteísta do sentido grego específico e plural das coisas, o mundo como mundos (Hillman, 1993, p. 19).

Abandonar qualquer ideia de processo, progresso, crescimento psicológico, autoconhecimento e reconhecer o pensamento selvagem da desordem que insiste em não se desenvolver de acordo com nenhum critério preestabelecido quer da prescrição médica, quer da psicodinâmica. Pensar nos diversos mundos que as paixões criam, os muitos centros que se produzem a partir de um determinado evento, pensar a vida a partir da desordem, que insiste em ser crônica e não se dispõe a evoluir no tempo, quer buscando suas origens no passado, quer buscando sua finalidade.

Quando Hillman propõe a psicologia como um trabalho da cultura, refere-se a esta, não com uma definição, mas querendo

dar à palavra uma penumbra, uma atmosfera conotativa. Ela evoca o culto - e evoca o oculto (difícil de ver, deliberadamente secreto, misterioso) -, e cultura também evoca formas orgânicas em fermentação que crescem em vasos mornos, intensos, ricamente alimentados e não naturais. Cultura evoca uma *intelligentsia* ou iniciados - e estes podem ser qualquer um numa sociedade (...) que apreciam, talvez vivam em termos do oculto (aquilo que não está simplesmente dado como ideias, qualidades, virtudes, formas). Ou seja, os valores invisíveis e o valor das invisibilidades (Hillman, 1993, p. 33).

Tempo da cola

Qualquer descrição clínica de psicologia ou psiquiatria começa apresentando o estudo de caso falando de um paciente e apresenta seus sintomas ou queixa. Os sintomas são algo que ocorre no paciente, no portador. Apesar da mudança da nomenclatura que destituiu os nomes como psicótico ou esquizofrênico (para não caracterizar ou tachar toda a pessoa como doente), continuamos a descrever os sintomas como pertencentes a um indivíduo, e a doença é algo que pertence a ele. Afinal é seu portador.

Ao pensarmos nos sintomas como linguagens ficcionais que nos contam (como personificações) e que falam a todos nós, talvez possamos fazer outras histórias ou lidar com eles de outra maneira.

[Os sintomas] são uma forma de tradução, uma forma de converter algo literalmente conhecido, habitual e trivial, como as psicopatologias da vida cotidiana, em algo desconhecido e profundo (Hillman, 1999, p. 178).

A psicopatologia torna-se doença quando os sintomas adquirem o comando total da vida de pessoas que, quando assoladas por eles, passam a viver toda a existência em função de seu comando. Quando as falas sintomáticas passam a ser entendidas e vividas em sua concreta literal, sem nenhuma possibilidade de filtro ou manejo. Quando os sintomas se impõem de tal forma que toda a vida passa a ser remetida a eles, nada mais acontece sem sua presença ou seu comando. Acontece uma escravidão sem escapatória do senhor. Os sintomas se tornam os donos da vida.

Um axioma da psicologia profunda assevera que aquilo que não se admite na consciência irrompe nela de maneira torpe, obsessiva, literalista e a afeta, precisamente, com as qualidades que pretende excluir. A personificação que não é aceita como visão metafórica retorna sob uma forma concreta: apoderamo-nos de outras pessoas, aferramo-nos a elas. Investimo-las com imagens reprimidas, de forma que crescem em importância, idealizam-se, 'idolizam-se', enquanto que a psique sente-se mais fascinada ainda por estes indivíduos concretos, mais aderida a eles, do que teria sentido pelas pessoas metafóricas que estão na raiz da projeção sobre a gente. Sem as pessoas metafóricas, somos conduzidos à força às desesperadas garras dos literalismos (Hillman, 1999, p. 132).

Uma clínica do sofrimento psíquico necessita, portanto, conhecer esses senhores. Debruçar-se sobre o discurso dos delírios, alucinações e tentar extrair deles outra ficção possível, além da mera escravidão. Pensar nos sintomas como personificações que nos habitam e têm uma vida e fala próprios. Para ouvir o relato que os portadores fazem de suas experiências, nada mais vazio que qualquer linguagem médica ou mesmo interpretação psicológica. Nos dois casos esvazia-se a escuta do que é dito para voltar-se para a história do narrador: pessoal, étnica, social. Outra consequência que decorre de pensar-se a patologia dentro do corpo do narrador é o sigilo. Um grande segredo deve pairar sobre o assunto, uma vez que vai desvendar-se a mais profunda intimidade de uma pessoa. Este enorme segredo, assunto sempre a portas fechadas, acarreta para o portador mais um elemento a carregar: sua doença é seu segredo. A tal ponto isto é incorporado, que muitos pacientes não contam suas fantasias ao médico porque ficam com vergonha.

O que é narrado, os personagens apresentados pelas falas dos pacientes, são instrumentos diagnósticos ou para a compreensão técnica. O que fica de fora é sempre a narrativa doente. Assumida como doente, é algo para ser sanado, curado, superado ou integrado. O que Hillman nos propõe é deixar que a depressão sente na cadeira com sua imensa tristeza, que o delírio e sua grandeza ocupem todo o espaço da sala.

Pensar nos sintomas como personificações faz pensar em dar-lhes outros nomes. Jung disse que a medicina apropriou-se dos antigos deuses e os transformou em doenças. Pobreza de linguagem, para descrever a imensidão das histórias que a patologia nos conta.

Os relatos aqui apresentados são produto de uma forma de entender o trabalho com o sofrimento psíquico. Como se apresenta a vida, numa perspectiva deformada e atormentada? A primeira coisa a fazer com a patologia é afirmá-la, convidá-la a sentar à mesa conosco, deixar que ela se apresente. E, a partir daí, entrar em relação com as pessoas psíquicas que aparecem, enquanto o resto da vida anda.

Ao trabalhar com uma clínica que leve em conta a existência real, verdadeira e encarnada desses personagens, acolhe o desafio de ver todo o tempo as suas irrupções nos momentos mais inesperados. Acolhe um trabalho em que as espontaneidades caóticas se tornam o cotidiano. Hillman insiste em dizer que devemos reportar-nos a essas personificações como estilos de consciência. Esses estilos de consciência se fazem presentes na prática da clínica e na hora de escrever sobre ela, pois personificar é uma forma de conhecer, especialmente aquilo que é invisível...

Falar dos sintomas como personificações nos remete a outros modos de consciência. E consciências são modos de experimentar. Hillman fala de consciência mítica, que fala por meio de personificações, para diferenciá-la de literal, isto é, aquela que traduz as experiências através de conceitos fechados, leis ou "fatos comprováveis", contados "como realmente aconteceram". A consciência mítica remete a uma psique imaginal.

O termo imaginal adquire importância capital na obra do islamólogo Henri Corbin, que se valeu do termo com o propósito de evitar qualquer confusão com o meramente imaginário e poder devolver à imaginação seu legítimo lugar de valor noético, isto é, restituir-lhe "sua função de verdadeiro órgão de conhecimento, capaz de criar". Corbin reconhecia à imaginação uma função produtiva e não somente reprodutiva... (Hillman, 1999, p. 59).

E, no entanto, este *pathos*, este algo que nos acontece (pois é isso que quer dizer *pathos*), realmente acontece. Aqui, Hillman segue Jung sobre o critério de verdade ou realidade psicológica que é um fato e não um julgamento. E por fato devemos entender que qualquer pensamento, sensação, emoção, só pode ser levado em conta enquanto experimentado, enquanto acontecimento. Qualquer ideia, sob o ponto de vista psicológico, não pode ser vista sob a óptica do verdadeiro ou falso, mas no que esta ideia instala na vida de um indivíduo ou grupo. Se é experimentado, se produz algum efeito, é real e verdadeiro.

Não há, portanto, confronto possível entre fantasia e realidade; fantasia é realidade, e a psique está criando realidade o tempo todo.

Nada sabemos do Real, mas experimentamos, vivemos diferentes afetos, desde "fora", pelos sentidos, e desde "dentro", pela fantasia. (...) não deveríamos acreditar que a fantasia é uma coisa que existe independentemente e, por fim, que se possa tomar ao pé da letra. É uma expressão, uma aparência que figura no lugar de uma incógnita que, entretanto, é uma coisa real. (Jung, 1975, p. 198).

Contar as histórias que os sintomas nos contam e não saber em que lugar exatamente devemos colocá-las. Não se encaixam em nenhuma moldura; não se adaptam a qualquer ideia de desenho. Aqui, a cola será mais fluida e, talvez, nem consiga colar. E, no entanto, essas pessoas estarão presentes em todo o trabalho. Não somente presentes, mas fazendo parte dele como as dissonâncias e ruídos que fizeram a clínica olhar para si mesma. Foram elas que introduziram uma informação, foi também com elas que aprendemos a recortar e a colar. Levar em conta que personificar é a atividade psicológica básica, que é

de experimentar, conceber e falar espontaneamente das configurações da existência como presenças psíquicas...é uma forma de estar no mundo e de experimentar o mundo como um campo psicológico... Personificar nos ajuda não só a discriminar; também nos oferece outra via para amar, para imaginar as coisas de maneira pessoal, para que possamos aceder a elas com o coração (Hillman, 1999, p. 74 a 78).

Trabalhar, escrever, clinicar, com a presença desta multidão de pessoas ao mesmo tempo... Aceder às configurações da existência com o coração. Eis a tentativa desta colagem: escrever a respeito de uma clínica que se debruçou sobre os sintomas de sua prática, em meio a todos, às vezes sabendo que *certitude* pegar, outras deixando-a de lado, para poder compor figuras de uma clínica possível. *Certitudes* - sintomas, relatos, delírios, textos, inquietações -, todos os personagens que compõem um lidar que, necessariamente, propõe enigmas. Algumas destas pessoas nos foram apresentadas da maneira que segue:

As Vozes

Quem são elas? São homens e mulheres, pode ser um ou vários falando ao mesmo tempo. Em geral são apenas ouvidas e sempre falam mal de quem as escuta. Comentam, xingam, depreciam. Às vezes, vêm do rádio ou da TV. Sempre falam coisas pessoais e inventam coisas que o ouvinte nem fez; acusam. E não param; são

muitas, falando o tempo todo, não dão sossego, estão em todo lugar. Às vezes, e é aí que elas são piores, mandam fazer coisas ruins. Ficam tão mandonas que são chamadas de imperativas. Mandam, obrigam a sair à rua e matar gente - pessoas conhecidas ou não -, brigar, quebrar coisas, destruir. E não param. Só calam quando se dorme.

Ladrões de Pensamentos

Roubam os pensamentos ou ideias, que usam para ficar ricos ou ter poderes. Roubam e esvaziam a cabeça, que fica sem nada, oca. Depois do roubo, não se consegue fazer nada porque não sai nenhuma ideia, e aí dá muito medo, porque os ladrões vão voltar. Eles sempre voltam. Então, talvez seja melhor esconder todos os pensamentos, mas não dá... "eles" descubrem e roubam de novo. Há outra coisa diferente do roubo, mais sutil; a irradiação de pensamentos. As pessoas estão ouvindo os pensamentos; todos sabem o que se está pensando, tudo. Até os pensamentos mais íntimos, os mais vergonhosos. Não dá pra parar de pensar, e todos ficam sabendo. Nem sempre todos ficam sabendo, só alguns, que têm mais poder. Então, só resta dormir (não se pensa no sono) ou trancar-se no quarto, na tentativa de não ser descoberto. Ficar no quarto por oito anos. Quando obrigado a sair, medo, pânico...ou, então, fúria. A única defesa contra esse enorme medo é a fúria.

Presenças

Milhares de formigas andando pelo corpo, picando, picando. Coça muito, o corpo todo. Aranhas enormes subindo pelas pernas, subindo. Cheiro de pneus queimados, ruim. Pessoas que aparecem e ficam na frente, não se sabe de onde vieram; algumas vezes ficam só ali, algumas vezes falam. Macacos que se sentam na poltrona do consultório e ficam olhando. Os bichos não param de picar, as pessoas não desaparecem, o mau cheiro persiste. Não se sabe como fazê-los parar ou mandar embora. Como dizem que não existem? Estão bem aí, picando, olhando. E não desaparecem. Talvez dormindo...

Conspirações

O mundo todo está conspirando contra para destruir a família, os entes queridos, o quarteirão, o bairro, o planeta. Não há fuga possível porque a conspiração é internacional, interplanetária. O que fazer além de desesperar-se, tentar, tentar, tentar... o quê? Não há força possível contra tal poder, que é inexorável. E "eles" não param de conspirar. Quem são eles? A vizinha, que todos os dias põe o lixo na calçada, mas seu lixo tem a peste ou uma bomba.

O médico que diz querer dar remédio, mas quer mesmo é envenenar, assim como não se pode comer fora porque a comida está envenenada; até a merenda da escola do filho tem veneno. O transeunte que olhou com "aquele olhar". A mãe, o pai, o irmão,... que não são mãe, pai ou irmão, porque algum maligno lhes tomou o corpo e quer matar, machucar. Fazer o quê? Desesperar-se, esconder-se e às pessoas que se ama, ou armar-se de uma fúria do tamanho da ameaça e quebrar tudo e todos, já que dormir neste caso não é possível. Exige alerta máximo.

Toda Luz

Pode tudo; não há sono ou cansaço. Dormir duas horas por dia e sair para a vida a todo gás. Gastar, gastar, comprar a cidade. Fazer sexo com todos e muitas vezes repetidamente. Falar sem parar por dez horas, e nada, nada de ruim existe. Só que não deixam fazer tudo o que se pode, não querem escutar. Não dá para aceitar isso, irrita. Generosidade total, doar a fazenda da família; não deixaram. Irritação total. Afinal, era para caridade. Construir o palácio do Itamaraty com lago e tudo com algumas pedrinhas quebradas, sem ferramentas além de lixas e cola. Disseram que é impossível. Irritante esse cerceamento. Não há nada que não se possa fazer. Não há sono, cansaço; só a irritação porque o mundo não aceita ou impede.

Toda Escuridão

Tudo está parado. Só este bolo que sobe para a garganta, apertando, dando enjoo. Sem fome, vários quilos se perderam num mês. Só sono, quase o dia todo. Sem sono, horas deitado no quarto, olhos abertos, exausto. Não se dorme e tudo está escuro. Dia, noite? Não se sabe, mas a luz faz mal. O corpo está exausto e se arrasta, ou nem isso: só quer ficar parado. Mexer-se pra quê? Não há nada a ser visto. Só este negro, negro, negro. Só chorar dias e dias, sem fome sem sono ou só sono. Banho, escovar dentes? Pra quê? Dói, dói muito. Dói na alma. Só querer ficar quieto, só querer que esta dor acabe. De onde vem esta dor? Não se sabe, só dói. Só se quer que acabe. Então, talvez, acabando com tudo, a dor passe: tomar formicida, cortar os pulsos, a faca da cozinha, a arma que o parente guarda no sítio, a janela do andar alto do prédio. Fracasso: não consegue nem acabar com tudo.

Tarefas Hercúleas e Transmutações

O exército precisa dele para poder fazer a bomba atômica, porque do seu corpo que é retirada a energia para produzi-la. Teve de doar-se ao exército para impedir que a família seja assassinada. O tempo todo o corpo está ocupado com a produção

de energia. É muita coisa, muito trabalho. Mas não dá para deixar morrer mais ninguém. As duas vezes que se negou, morreram dois irmãos. É preciso salvar todos os outros. O corpo trabalha, trabalha, eles sempre vêm buscar mais. Cansaço. Não dá para acordar cedo depois de tanto esforço. Dizem que é preguiça, mas não é. É cansaço. Não sabem que correm perigo, não escutam os avisos. Dizem que são espíritos; não são. São assassinos. Há que salvá-los, e a energia é retirada do corpo.

Ser um venusiano, com aparência de marciano, travestido de terráqueo. Ver os pensamentos dentro da própria cabeça antes de eles acontecerem. Ninguém consegue entender, conviver.

Pacto com deus e com o demônio para manter a guerra no hemisfério norte. Esse pacto tem de ser renovado de sete em sete anos. Está quase na hora da renovação. Até agora, o pacto teve sucesso, e já faz mais de vinte anos que foi feito. É preciso continuar, para proteger a família e o Brasil. Ser eu, ser a esposa. A esposa são duas. Difícil saber com qual falar. Ela orienta, ajuda. Como saber qual delas é? Fica difícil. O que ajuda é o pacto.

Ninguém

São só pensamentos. Nada fica, nada retém. É como se atirasse uma bola e ela fosse embora porque não encontrou nenhuma parede. Cai no nada. Não aprende, nada fica. Só a persistência desses pensamentos ruins. Não querer chegar perto das facas para não matar. Raiva? Não, não há a sensação física da emoção. Só o pensamento que não é bom matar. Ficar horas vendo pornografia na Internet. Tesão? Não, só o pensamento voltado para porcarias. Comprar algo e não saber pra quê nem por quê. Começar tudo a parar tudo. Nada fica. Gostar ou não das pessoas. Não há nenhuma relação com as pessoas. Gosto, sabor... pizza. Mas dura só aquele momento. Não lembrar do gosto. Só esses pensamentos, sempre iguais, sempre os mesmos, sempre ruins. Quando ficam ruins demais, enjoo e diarreia.

Essas pessoas psíquicas vividas, assim, em sua literalidade concreta, são a matéria sobre a qual se debruça esta clínica. Partir delas como fonte para aproximar-nos e compor uma ficção no lugar da literalidade e concretude que paralisa. Afinal, são elas que vão nos ensinar seus métodos, mostrar suas necessidades e contar suas histórias. É com elas que queremos trabalhar e, seguindo suas instruções, poderemos "diferenciar nossa fragmentação, procurar a diferenciação precisa de suas qualidades". É a isto que se propõe o "método psicológico": Lidar com estas *metaphorica*, imagens agentes, impulsadoras, que comovem. Este é o sentido que Hillman dá quando diz que a fala da alma é sempre metafórica e carregada de importância. Ele pede emprestado do filósofo e poeta Whitehead o significado de importância como transições de emoção e "minha importância é meu valor emocional, neste momento".

Compor com as pessoas psíquicas; ficar com os relatos dos pacientes; pensar a psique como um lugar cheio de gente e ver histórias de vida em lugar de históricos de caso. Pensar a realidade psicológica como a vida que se compõe com os enigmas em vez de tentar solucioná-los. *Seguir a alma* leva a lugares "inusuais", embora propostos pelos inventores da psicologia moderna: Freud já não quis a psicanálise associada à medicina; Jung propunha que, para se entender melhor a psique, era preciso aliar-se à filosofia, antropologia, literatura, e dizia que os poetas sabiam falar mais e melhor sobre as paixões humanas do que qualquer cientista; Hillman diz que precisamos pensar o homem em seu *background* artista.

Retirar os sofrimentos da alma dos estreitos caminhos propostos pela ciência parece ser, então, uma medida que retoma aquilo que os grandes construtores da psicologia atual nos propuseram desde o início. Devolver a psique para as ruas, cidades, famílias; encontrar fora dos muros protetores dos saberes legalizados, normatizados, parece ser o que a psique está pedindo para encontrar outros modos de lidar com ela. Aliar-se aos sintomas, ficar seu *amigo*, também é algo que a psique está pedindo para ser feito. Se são eles que nos orientam, nos mostram seus métodos e leis então, trata-se de dar a eles um legítimo lugar de existir, mesmo quando é feito de materiais que destoam do quadro.

Se a aposta maior é ficar com os valores invisíveis e o valor das invisibilidades, devemos então tentar, como o poeta Manoel de Barros, encontrar as *grandezas do ínfimo*, o *sabimento de pedras*. Ficar em meio ao terror que a loucura promove e encontrar ali o elemento que sai do quadro. Pois naquele elemento que não pertence ao quadro, que se compõe de materiais estranhos ao desenho, que propõe enigmas, é que estará, provavelmente, a estranha lucidez que permite não sucumbir e faz sobrenadar na enchente.

Tempo da tesoura, tempo da cola; poesia da bricolagem; caminho errante ou a riqueza dos milhões de erros parecem caminhos pouco seguros para se compor uma clínica. Mas Hillman disse não gostar de caminhos e preferir as encruzilhadas. Se a *psique é um princípio criador sem causas*, como disse Jung, então talvez encontremos na arte e não na ciência ferramentas mais precisas para trabalhar. Partir de pequenos fragmentos e, no entrecruzamento de todos eles, poder criar outras ficções possíveis, outros quadros, outras vidas. Não seria este o destino maior de nosso trabalho como cuidadores da alma?

Referências Bibliográficas

- HELLMEISTER, Tide (1994). *Collage*. Catálogo de Exposição, São Paulo: SESC.
- HILLMAN, James (1993). *Cidade e Alma*. São Paulo: Studio Nobel.
- ____ (1983). *Entre-Vistas*. São Paulo: Summus Editorial.
- ____ (1999). *Re-imaginar la Psicología*. Madrid: Ed. Siruela.
- JUNG, C. C. (1975). *O Homem à Descoberta de Sua Alma*. Porto: Livraria Tavares Martins.
- STRAUSS, C. L. (1964). *El Pensamiento Salvaje*. México: Fondo de Cultura.

Dioniso com Gentileza: uma contribuição junguiana

Aurea Christina Torres*

Artigo



Sinopse: Este artigo utiliza os conceitos teóricos da psicologia junguiana para contextualizar a conhecida biografia de José Dadrino, o Profeta Gentileza. Este estudo também seleciona alguns textos de psicologia analítica, filosofia, psicanálise, mitologia, antropologia e sociologia: o objetivo é o de discutir temas como a crise atual da psicoterapia, os conceitos de saúde e doença e a conexão entre natureza e civilização. A autora traça um paralelo com o mito grego de Dioniso, e, então, identifica o padrão arquetípico que assegura a subjetividade e a inclusão social cotidiana de um indivíduo psicótico (Gentileza). A autora enfatiza que a consequência imediata disso é o valor inestimável que as orientações teórica e clínica junguianas podem ter no processo de pesquisa, compreensão clínica e reabilitação social dessas pessoas.

Palavras-chave: psicologia junguiana, Dioniso, Profeta Gentileza, padrão arquetípico, subjetividade/inclusão social.

Resumen: Este artículo utiliza los conceptos básicos de la psicología junguiana para contextualizar la conocida biografía de José Dadrino, el Profeta Gentileza. El estudio selecciona algunos textos de la psicología analítica, filosofía, psicoanálisis, mitología, antropología y sociología: tiene por objetivo discutir la crisis actual de la psicoterapia, los conceptos de salud y enfermedad y la conexión de la naturaleza y civilización. La autora hace una comparación con el mito griego de Dioniso, identificando el patrón arquetípico que asegura la subjetividad y la inclusión social cotidiana de un individuo psicótico (Gentileza). La autora todavía enfatiza que su consecuencia inmediata consiste en el valor inestimable que las orientaciones teórica y clínica junguianas pueden tener en el proceso de investigación, comprensión social y rehabilitación social de estas personas.

Palabras clave: psicología junguiana, Dioniso, Profeta Gentileza, patrón arquetípico, subjetividad/inclusión social.

Abstract: This article uses the theoretical concepts of junguian psychology to contextualize the well-known José Dadrino's biography, the "Profeta Gentileza". This study also selects some texts about philosophy, psychoanalyze, analytical psychology, anthropology, sociology and mythology: the objective is to discuss issues as the present psychotherapy's crises, the concepts of health and illness and the connection between nature and civilization. The author traces a parallel with the myth of Dionysus and then, identifies the archetypal pattern that assure the subjectivity and the daily social inclusion of a psychotic individual (Gentileza). The author emphasizes that the

immediate consequence of all this is that, the theoretical and clinical Jungian orientations, can have a priceless value in the process of research, clinical comprehension, and social rehabilitation of these people.

Key words: JUNGIAN PSYCHOLOGY, DIONYSUS, PROFETA GENTILEZA, ARCHETYPAL PATTERN, SUBJECTIVITY/SOCIAL INCLUSION.

* **Aurea Christina Torres** é psiquiatra, analista junguiana, membro didata da Associação Junguiana do Brasil-AJB e membro da International Association of Analytical Psychology-IAAP, ex-presidente do Instituto Junguiano do Rio de Janeiro, mestre em Medicina e Patologia Humana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, médica do Ministério da Saúde em Interconsulta Psiquiátrica e Psicologia Médica.

E-mail: aurea.christina@terra.com.br



Atualmente há diversos textos e trabalhos sinalizando uma possível crise de credibilidade da psicoterapia, ou, pelo menos, no que se refere àquelas de longa duração, com propostas baseadas em análise do inconsciente profundo. Se, no passado, acreditávamos que poderíamos mudar o mundo, despertamos para uma outra realidade. Portanto a psicoterapia não seria portadora de uma possível solução definitiva para as dores do mundo, no entanto sua contribuição seria valiosa quando inserida em um contexto mais amplo de profissões e disciplinas afins. A diversidade de formas de exercício clínico da psicoterapia estaria, nos dias de hoje, em torno de quatrocentas linhas terapêuticas registradas, mas podemos falar, sinteticamente, de dois grandes grupos. O primeiro grupo seria constituído pelas abordagens psicoterapêuticas que teriam como base os diagnósticos das classificações oficiais dos transtornos mentais: proporiãt tratamentos baseados em evidências de cura e/ou remissão de sintomas. O outro grupo seria daquelas ditas psicodinâmicas, que enfatizariam a subjetividade da pessoa com uma proposta de aprofundamento psicológico.

Os debates, pesquisas e estudos sobre o funcionamento e forma de tratamento dos chamados transtornos mentais caminham ao lado dos últimos avanços da neurociência, psicofarmacologia e também, em conjunto, ao dos esforços constantes para estabelecer uma nosologia dos transtornos mentais, que permita alcançar uma linguagem comum entre profissionais de todo o mundo. O cérebro é um órgão do corpo humano e, como tal, vem sendo decifrado em sua anatomia e fisiologia. Então, poderíamos questionar se, em consequência disso, perderíamos o sentido daquilo que entendemos por mente, psique, alma ou espírito.

Comparativamente, podemos dar um exemplo da expressão *caminhos do coração*, que é uma metáfora bem conhecida das nossas escolhas afetivas, e ninguém confunde com os últimos avanços da cardiologia. Da mesma forma, quando falarmos de cérebro e suas conexões sinápticas, ou qualquer outra referência anatômica ou fisiológica cerebral, ainda assim, as palavras alma ou mente continuarão a preservar as suas inerentes dimensões psicológicas e filosóficas. Finalmente, a neurociência já demonstrou a complexidade da interação entre neurônio, cultura e sociedade, portanto essa área específica de pesquisa científica não contraria as dimensões simbólicas e afetivas do trabalho psicológico.

Todas essas questões são variáveis que exigem flexibilidade quando nos confrontamos com interesses aparentemente contraditórios. Penso que estamos todos, leigos e especialistas, em um momento de assimilar todos os novos conhecimentos àqueles já tão bem conhecidos de todos nós, sem nos sentirmos ameaçados. O psicoterapeuta, até por uma questão ética, não pode se furtar a essa tarefa: a psicoterapia cuida da psique dentro de um contexto cultural e histórico. Ou então, citando uma autora:

Memória e racionalidade, assim como nossa propensão de pensar filosoficamente, imaginar artisticamente e entender historicamente são parte de quem somos. Tudo que é parte de nossa cultura é parte de nossa psique, e, então, deveria ser parte de nosso logos psíquico (Paris G., 2008).

I - Psicopatologia, saúde e doença

A palavra "transtorno" é utilizada especificamente para designar um grupo de fenômenos da ordem do psíquico que não podem ser catalogados em critérios anatomopatológicos comuns às outras doenças dos diversos órgãos ou sistemas do corpo humano. A Psicopatologia é a disciplina científica que estuda a desordem mental ou o sofrimento psíquico, suas causas, manifestações, suas alterações estruturais e funcionais e métodos de investigação; atualmente funciona como instância crítica dos modelos e das ideologias dos modelos. Parece que superamos a promessa de que tudo poderia ser reduzido ao biológico; afinal, as classificações internacionais dos transtornos mentais funcionam como organizadores de nossa maneira de pensar e são absolutamente convencionais, históricas, temporais, culturais, sociais e econômicas. Nesse caso, há valorização do senso comum, e, embora não se pretenda, com isso, obter um aplainamento da complexidade do fenômeno psicopatológico, essa seria uma abordagem muito apropriada ao mundo contemporâneo em constante mudança.

O conceito de saúde e doença vem mudando no decorrer dos séculos no mundo ocidental. No século XVIII, doença era vista como co-natural à vida, uma espécie de estado intermediário entre a vida e a morte, mas no séc. XIX doença tornou-se um evento essencialmente negativo, uma luta contra agentes patógenos, com o foco na cura e prevenção. No século XX, porém, surgiram as concepções adaptativa e evolutiva, as dinâmicas ecológicas, o significado do sintoma psicológico e seu valor adaptativo. A preocupação nesse momento era não somente com o porquê da doença, mas também com o para quê. A concepção teórica de Jung estava inserida nesse modelo. No entanto, no início do séc. XXI, com as tecnologias biomédicas, a genética e a biologia molecular, nós derrubamos os parâmetros de saúde e doença. Surge a Bioética para responder a aspectos da existência que antes ficavam no âmbito da ficção, como a clonagem de animais e seres humanos, trabalho com células-tronco etc. A doença agora aparece como entrave e a saúde, como condição ideal: uma espécie de volta ao heroico século XIX.

Sinteticamente, então, as definições de saúde e doença mudaram conforme a época, mas as explicações surgiram e surgem até os dias de hoje, da tentativa de aproximação entre biologia e cultura, da interação entre a natureza e a intervenção humana sobre ela. A cultura e a sociedade sempre estiveram envolvidas nas causas das doenças: "O que a pessoa sente é percebido, valorizado, manipulado de acordo com a sociedade da qual ela faz parte" (Silveira ML, 2000, p. 20). Da mesma maneira, "é na realidade simbólica que encontramos a chave para a conexão entre a realidade social e os processos psicofisiológicos" (Silveira ML, 2001, p. 19).

II - Polidez e civilidade

O verbo tratar, visto sob o ângulo do tratamento médico, pressupõe uma forma de intervenção pragmática da ordem do científico e objetivo, mas tratar é uma palavra que inclui muitos outros significados, que interessa particularmente ao psicoterapeuta e ao psicanalista, como a maneira como nós tratamos, nos relacionamos, ou como cuidamos do meio ambiente, das pessoas, da natureza, dos animais etc.

André Comte Sponville, em seu livro *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, descreveu dezoito virtudes humanas, sendo que a polidez seria a primeira delas, e, talvez, a origem de todas. Depois viriam, como em ordem crescente de valor: a fidelidade, a prudência, a temperança, a coragem, a justiça, a generosidade, a compaixão, a misericórdia, a gratidão, a humildade, a simplicidade, a tolerância, a pureza, a doçura, a boa-fé, o humor e, por último, o amor, o alfa e o ômega de nossas virtudes. Sponville nos ensinou que nenhuma virtude seria natural: seria preciso tornar-se virtuoso.

No caso da polidez, ela seria a aparência de virtude, da qual as outras virtudes proviriam, puramente formal, virtude de etiqueta. Embora tivesse um valor ambíguo, porque poderia encobrir tanto o melhor como o pior, a polidez, na verdade, seria uma pequena coisa que prepararia grandes coisas; as boas maneiras precederiam as boas ações e levariam a estas. Anterior à moral, a polidez seria como uma moral do corpo, uma ética do comportamento, um código de vida social e uma submissão às maneiras do mundo: uma virtude prática. Da mesma maneira, civilidade, uma qualidade das pessoas ditas civilizadas, envolveria um conceito de certas formalidades em sinal de respeito mútuo e consideração; polidez, urbanidade, delicadeza e cortesia são alguns sinônimos.

III - O Profeta: cosmovisão e biografia

No sentido de exemplificar essa questão da inserção, aceitação e adaptação de uma pessoa portadora de transtorno mental à sociedade, elegemos o Profeta Gentileza, figura bem conhecida pelos cariocas entre as décadas de sessenta e noventa e que vivia como andorilho pelas ruas do Rio de Janeiro. Esse homem foi internado várias vezes em hospitais psiquiátricos e tinha o diagnóstico de psicose. Sempre atento a grandes manifestações populares, Gentileza gostava de estar entre as multidões, e ao final de sua vida tornou-se reconhecido como personalidade da cidade.

Gentileza tinha uma cosmovisão que se baseava em sete termos ou virtudes e que pareceu-nos semelhante à ideia de Sponville, que deu origem ao seu livro, acima citado, sobre as virtudes humanas. Segundo o profeta, a primeira virtude, a gentileza, presente na vida prática do homem, seria uma abertura para as próximas: amor, beleza, perfeição, bondade, riqueza e, por último, a natureza. Em seu estudo sobre o profeta, Leonardo Guelmann, observou que *a virtude gentileza se estenderia às demais coisas divinas e as reuniria na natureza*: tudo partiria da disposição gentileza e alcançaria a natureza. Ainda segundo o autor, ao mesmo tempo que as virtudes seriam gerações e concreções divinas, a partir da gentileza, elas voltariam à vida prática do homem, garantindo a circularidade do plano.

José Datrino, nome de batismo de Gentileza, nasceu em 1917, em Cafelândia, cidade do interior de São Paulo. Nascido em uma família de agricultores, começou a trabalhar ainda jovem e habituou-se a puxar carroça. Desde os 11 anos prenunciava uma missão: "teria que ter um família, filhos, construir bens, mas que, um dia, teria de deixar tudo". Aos 20 anos, em 1937, José Datrino, visto como estranho pela família, deixou sua cidade, sem aviso, e só retornou quatro anos depois para buscar seus documentos. Nessa época, ele já estava instalado no Rio de Janeiro, onde casou-se, constituiu família com mulher e cinco filhos. Trabalhava com fretes, e assim sustentava sua família; o negócio cresceu e virou uma transportadora de cargas localizada no centro do Rio de Janeiro, quando ele chegou a possuir três caminhões, três terrenos e uma casa.

No início da década de sessenta, logo após receber uma proposta de sociedade em seu negócio, José Datrino reagiu de forma inusitada e impulsiva: correu para o quintal de sua casa, cobriu o corpo de terra e lama, soltou os pássaros e as galinhas. Em dezembro do mesmo ano, e seis dias após a tragédia do incêndio que vitimou quatrocentas pessoas no Gran Circus Norte-Americano em Niterói, José Datrino recebeu *um chamado divino para viver uma missão na Terra*, assumindo nova personalidade: tornou-se *Jozze Agradecido* ou *Gentileza*. Deixou tudo que possuía para sua família e foi para Niterói com seu caminhão e duas pipas de vinho de cem litros: na beira da praia, ofereceu vinho em copinhos de papel para quem quisesse. Em troca, era só pedir por gentileza e dizer agradecido. Logo depois, instalou-se com seu caminhão no terreno desolado do circo, onde passou a residir. Depurou o local, transformando-o num grande jardim circular; abriu um poço onde corria água limpa, fez horta, cercou o terreno, chamando-o de *paraíso do gentileza*, e permanecendo no local por quatro anos. Na década de sessenta, começou a deslocar-se entre Rio e Niterói, tornando-se um caminhante incansável e aparecendo em vários bairros do Rio de Janeiro, Niterói e Baixada Fluminense. Nas décadas seguintes, estendeu suas viagens a vários estados do Brasil: sudeste, centro-oeste, norte e nordeste.

Eventualmente, Gentileza era levado por policiais a algum hospital psiquiátrico, tendo sido internado algumas vezes. Certa vez chegou a ser preso no estado de Mato Grosso com a acusação de ameaça a bem público: ele estaria pregando com a Bíblia na mão. Nessa ocasião, cortaram-lhe o cabelo, quebraram seu estandarte; mais tarde Gentileza declarou que sentiu medo na prisão.

Em seu retorno ao Rio de Janeiro, declarou seu amor à cidade: "Toda bondade que vai crescer no mundo vai ser por intermédio do Rio de Janeiro, no Brasil, porque o profeta gentileza é brasileiro" (em L. Guelmann, 2001, p. 36). Nos anos oitenta, iniciou sua intervenção na paisagem urbana do Rio: seriam cinquenta e seis escritos numa extensão de um quilômetro e meio, que ele foi pintando nas pilstras do viaduto do Gasômetro, no Caju, em frente da Rodoviária Novo Rio. Gentileza terminou sua obra no início dos anos noventa.

O profeta fazia seu teatro de rua, pregando com frases, provérbios, escritos e sua vestimenta colorida, cheia de apliques e inscrições. Além disso, carregava um estandarte com plantas, flores, folha de palmeira e uma tábua com mandamentos. Seu visual foi modificando-se e adaptando-se às demandas da psique coletiva do país: hippie na década de sessenta, o tropicalismo no início dos anos setenta e o tema da ordem e progresso durante a década de setenta e dos anos da ditadura militar. Gentileza iniciou, então, sua denúncia às condições do mundo, à ameaça que incidiria sobre a Natureza e sua pregação anticapitalista: o CAPETA - CAPITAL, o mal concreto do mundo contemporâneo que assolaria a humanidade. Nas décadas de oitenta e noventa ele assumiu a bata e os cata-ventos. Nas palavras de Guelmann:

Sua estética inusitada é a expressão de uma ética singular e, ao mesmo tempo, universal. Gentileza não fala só de si com sua plástica, seu estilo, sua singularidade, fala a partir de valores nacionais e religiosos universais. Sua vestimenta torna-se o corpo de sua simbolização. (L. Guelmann, 2001, p. 58).

Em 1996, doente, Gentileza voltou à cidade de sua família, onde morreu de causas naturais aos setenta e nove anos de idade. Em 1997, a companhia de limpeza urbana pintou com tinta cinza as pilastras do viaduto, apagando as mensagens do profeta: o objetivo seria recuperar a cidade de pichações. Depois disso, foi como se um denso nevoeiro tivesse encoberto essa cidade ensolarada e hospitaleira. Mas, em 1999, após um grande clamor de várias áreas da sociedade, iniciou-se a restauração dos murais: o trabalho terminou em 2000.

Gentileza foi tema de trabalhos acadêmicos, músicas, homenagens diversas, enredo de escola de samba, ONGs e várias outras iniciativas abordando o tema de Gentileza. O profeta cumpria o seu ciclo heroico, deixando uma herança valiosa para a cidade; um legado que ele foi buscar na fonte dos grandes valores universais.

IV - O mapa da alma: arquétipo e persona

No sentido de oferecer uma contribuição ao entendimento da vida de Gentileza, elaboramos uma leitura simbólica, a partir da linguagem utilizada em psicologia analítica. Primeiramente, o conceito de persona, que em psicologia junguiana seria definida como um "complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade" (Jung, 1985, § 245): uma máscara, como aquela usada pelos atores, significando o papel que iriam representar. Segmento arbitrário da psique coletiva, a persona, em sua dinâmica habitual, seria uma escolha individual consciente, variável, mas influenciada indiretamente pelo inconsciente coletivo e o Self. No entanto, poderiam ocorrer fenômenos de identificação do ego com conteúdos do inconsciente coletivo, ou inflação psíquica, a tal ponto que o indivíduo passaria a se apresentar ao meio externo com tudo aquilo que melhor representasse esses mesmos conteúdos coletivos. Gentileza identificou-se com a figura do profeta e passou a atuar valores universais relativos a esse modelo arquetípico e, ao mesmo tempo, tal qual as máscaras de um ator, adaptou suas roupas e seu discurso aos costumes e movimentos culturais de cada época.

Arquétipo, conceito junguiano fundamental, poderia ser definido como padrões universais, típicos, regulares e repetidos; um princípio que organizaria as ideias e daria à realidade psíquica seus padrões específicos de orientação e suas formas habituais.

Expressar-se-iam por meio de imagens (temas mitológicos) e de ações, reações, padrões de comportamento e emoções. Psicoterapeutas junguianos teriam a tarefa de identificar o arquétipo, tornando claro sob que padrão o paciente estaria julgando uma situação. No caso clínico de Gentileza, identificamos o mito grego de Dioniso, como padrão arquetípico predominante de sua psique: uma quase epifania desse deus grego.

V - Epifania: Dioniso com Gentileza

A trajetória de vida de Gentileza foi inspiração para a amplificação com o mito de Dioniso, como se esse homem tivesse sido um mensageiro do deus.

No mito órfico, o primeiro Dioniso teve pais divinos: Zeus e Perséfone. No entanto, para fugir da perseguição mortal, da ciumenta esposa de Zeus, Hera, o menino seria entregue, pelo pai, aos cuidados do irmão, Apolo, e dos Curetes, nas florestas do Parnaso. Mas os titãs, enviados de Hera, descobriram o pequeno deus e o mataram, devorando-o através de desmembramento e cozimento. Zeus, enfurecido, fulminou os titãs com seu raio, e dessas cinzas nasceram os homens: portanto, no mito órfico, os homens seriam feitos de uma mistura de titãs e de Dioniso. Mas o coração de Dioniso foi salvo do fogo por Atena ou Deméter, dependendo da variante do mito. Zeus, então, engoliu o coração do filho e fecundou uma mortal, Sêmele, que foi sua segunda mãe, e que o gerou em seu ventre até que ela fosse fulminada pela epifania de Zeus, novamente um estratagema de Hera. Mas Zeus interveio e salvou o filho novamente, recolhendo o feto; o segundo Dioniso terminou sua gestação na coxa do pai. Depois desse nascimento, o menino precisava ser escondido dos olhares da vingativa Hera, que, no entanto, continuou a persegui-lo, punindo quem cuidasse da criança. Com a proteção de Zeus e ajuda de mortais, seres míticos e outros deuses, o menino divino sempre driblou as armadilhas e, por fim, ele foi deixado aos cuidados das ninfas e dos Sátiros. Posteriormente, Dioniso tornou-se um deus ao mesmo tempo cruel e vingativo, mas também generoso e doador de dons.

Dioniso, portanto, nascido duas vezes, foi uma divindade poderosa que compartilhava dos elementos úmido e ígneo. A vida de Gentileza também apresentou esse padrão duplo: a tragédia do incêndio do circo que se seguiu ao seu "batismo na lama e terra". O incêndio representou uma sincronicidade com o que se passou na alma de Gentileza: metáforas de morte e renascimento com os elementos ígneo e úmido. Em sua identidade, Gentileza, tal qual o deus, também passaria a ter outra ancestralidade, agora divina; comovido com tanta tragédia, ele renasceu desse desmembramento interno e externo e mergulhou no seu destino arquetípico, sua missão de vida, anteriormente profetizada por ele mesmo. Outra característica significativa desse mito grego para

o nosso objetivo: Dioniso, menino, já perambulava pelo mundo, sempre fugindo das perseguições orquestradas pela deusa Hera. Segundo Vernant, as histórias a respeito de Dioniso refletiriam a tensão entre a vagabundagem, a andança, o fato de estar sempre de passagem, a caminho, viajando, e o fato de querer um lar, onde se sentisse bem, em seu lugar, estabelecido, onde fosse mais do que aceito: fosse escolhido. Gentileza escolheu o Rio de Janeiro, depois de suas viagens pelo Brasil afora.

Eventualmente, Dioniso tinha muito medo das perseguições das quais era vítima, e então fugia para vários lugares do mundo. Às vezes, metamorfoseava-se em serpentes, bode e outros animais. Gentileza foi preso e, na ocasião, defendeu-se da agressividade do delegado que o prendeu, aparentemente obedecendo, sem reagir, às acusações que lhe eram feitas. Na ocasião disse: *bom cabrito não berra* (L. Guelmann, 2001, p. 30), mas depois vingou-se, denunciando à imprensa o que sucedera. O resultado foi uma desmoralização dessa autoridade. Em Dioniso, não seria possível observar nenhum traço heroico, mas o deus poderia levar a cabo vinganças terríveis.

Dioniso iria percorrer territórios com exércitos de fiéis, sobretudo mulheres, que combatiam a golpes de tirso. Os tirsos eram grandes hastes vegetais pontudas, com poderes sobrenaturais, e nas quais estavam fixadas pinhas: bastava uma pancadinha com o tirso no solo para que jorrassem fontes de água pura, leite e vinho. Dioniso, um deus essencialmente agrário, deus da vegetação, foi o criador do vinho. Gentileza portava um bastão enfeitado com folha de palmeira, flores, tal qual um tirso. Em seu jardim cultivado no terreno do circo destruído, ele fez jorrar água limpa e distribuiu vinho para todos. Depois de deixar seu pequeno éden, ele partiu levando representações desse paraíso, expostos em sua vestimenta. A arma de Gentileza era sua crítica à sociedade, ao capital, à moral, aos maus costumes e à agressão à natureza. Mas ele oferecia soluções para o que via de errado, e suas armas eram: o verbo, suas tábuas, seu estandarte, seus neologismos, seu livro urbano, suas vestimentas.

No mito há episódios de crueldade, assassinatos, desmembramento, mas também histórias de liberdade, amizade, alegria. Gentileza despertava sentimentos ambíguos como repulsa, medo e simpatia e admiração: às vezes, ocorriam embates na rua com transeuntes que não gostavam das suas críticas.

Dioniso seria considerado o deus do teatro. Na Grécia, eram realizados diferentes festivais em sua homenagem, durante várias épocas do ano, com canto, danças, performances dramáticas, orgias, sacrifício de animais, rituais aos mortos: na sua maioria, celebrados como um ritual comunitário ou no teatro. Essas comunidades ou *thiasos* serviam de continente para que a imaginação pudesse se expressar de forma apropriada. A presença

carismática e teatral de Gentileza já foi pontuada aqui. Sempre presente na mídia, na imprensa, rádio, televisão, em concentrações populares, comícios, passeatas que eram seu continente e sua proteção. Carnaval, festa do povo, dionisíaca e pontual, na cidade do Rio de Janeiro, não era muito apreciada por Gentileza que a considerava imoral. No entanto, depois de morto, foi homenageado em enredo de escola de samba, uma espécie de forma póstuma de resgate de sua linhagem dionisíaca.

VI - Conflito arquetípico e individuação

Haveria um mito de criação do homem na variante órfica: o homem seria feito da matéria dos titãs e do deus. Na concepção órfica do mito, Dioniso e os titãs seriam protagonistas de duas forças, em oposição, dentro da natureza humana: esta seria a essência do mito e o traço mais importante para a reflexão psicológica, segundo Pedraza. Então, em nossa natureza, haveria um conflito arquetípico entre o Divino Dioniso e os Titãs. Sob a óptica desse mito, a individuação seria constituída de iniciações dionisíacas, ocorrendo ao longo de toda uma vida, a fim de propiciar o movimento psíquico e dar uma resposta mais adequada a cada nova etapa da vida. Nossa natureza titânica nos impulsionaria para o futuro, para conquistas e desenvolvimento, e nossa natureza dionisíaca, para a vida interior, ao corpo, às emoções fortes, mas também ao sossego, uma maior tolerância às aflições da vida, aceitação de nosso destino e conseqüente ampliação da consciência. De um lado, a natureza dionisíaca, que, se não for educada, poderia permanecer selvagem, descontrolada, destrutiva e incapaz de se conectar à realidade imediata. O desmembramento seria uma imagem de horror e uma metáfora conhecida da loucura. Tratando-se, porém, do mito de Dioniso, haveria dois tipos de loucura: aquela que libertaria e outra que destruiria. O deus seria ao mesmo tempo causa, libertação e cura da loucura. Por outro lado, atualmente, no mundo, haveria um movimento desenfreado titânico com a destruição do meio ambiente, florestas, animais, exploração do homem pelo homem, racismo e segregação. Na contracorrente disso, um movimento compensatório, que proporia alternativas de uma economia sustentável para frear o consumismo exacerbado e arrogante. Nas palavras de Jung: "A técnica e a ciência conquistaram o mundo, mas saber se a alma ganhou com isso é outra questão" (Jung, 2003; § 163).

VII - Conhece-te a ti mesmo

Vittorio Lanternari em seu texto nos ensinou que, sinteticamente, poderíamos considerar três fases principais na história da humanidade. Uma fase inicial da humanidade com as chamadas culturas primitivas: a fase *teocêntrica*, que seria formada por sociedades fundadas em tradições orais, com um tipo de

pensamento de reconhecimento da dependência do homem face a influências e intervenções de entidades divinas ou espirituais, prepostas à existência individual e comunitária. Hoje isso ainda persistiria em sociedades e culturas tradicionais de lavradores, pastores, nômades e caçadores. Seguir-se-ia o *antropocentrismo*, quando a civilização superou a oralidade com a escrita. No entanto, com o desenvolvimento da ciência e tecnologia, surgiria a ilusão do domínio instrumental do homem sobre a natureza, e nas palavras do autor: "Um exclusivismo imprevidente, descontrolado, cínico e, por fim, destrutivo para o próprio homem: um *antropocentrismo desregulado*" (Lanternari, 200, p. 292).

A terceira fase, chamada época *ecocêntrica*, caracterizada pela conscientização progressiva a respeito do impacto nocivo no planeta, causado por esse desenvolvimento indiscriminado, inaugurando a era *ecoantropocêntrica*, para enfatizar "a indivisível unidade do destino do homem com o destino do ambiente" (Lanternari, 2001, p. 291).

Apolo e Dioniso, irmãos, muito diferentes entre si, mas sempre amigos, exemplificariam a possibilidade de uma convivência harmônica com o totalmente diferente. Em qualquer cultura, sempre haveria interesses diversos e eventualmente antagônicos, mas ainda assim as questões da relação entre natureza e civilização poderiam ser bem administradas. No frontispício do templo de Apolo em Delfos, um enunciado de cunho teocêntrico, mas de valor universal, que nos alertaria para o risco de perdermos a consciência desse limite:

Conhece-te a ti mesmo. Sabes que és homem e não Deus. O teu agir submete-se a limites bem precisos e, se tu transgredires, cometerás ubris e pagarás a pena tu mesmo com os outros teus semelhantes" (em V. Lanternari, 2001, p. 294).

VIII - Reflexões finais

Concluimos que, psicodinamicamente, o Profeta Gentileza estava identificado com um conteúdo da psique coletiva, fenômeno resultante da assimilação do inconsciente coletivo, que inundou a consciência de Gentileza. Entretanto, ele pôde encontrar uma saída ou solução que permitiu-lhe adaptar-se à sociedade com vínculos sociais e simbólicos: seu trabalho sustentou sua inserção social e sua obra tornou-se patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Teoricamente, não houve individuação dentro dos moldes que concebemos na psicologia analítica, porque a dialética consciência e inconsciente foi frustrada, mas com certeza houve adaptação.

Se a psique coletiva for tomada como um patrimônio pessoal do indivíduo, disso resultará uma distorção ou uma sobrecarga da personalidade, difícil de dominar. Por conseguinte, é absolutamente necessário distinguir os conteúdos pessoais dos conteúdos da psique coletiva. Tal distinção não é fácil, uma vez que o elemento pessoal procede da psique coletiva, à qual está intimamente ligado. Assim, é difícil dizer exatamente quais os conteúdos que devem ser considerados pessoais e quais os coletivos.

O resultado dos últimos avanços da psicofarmacologia, neurociência e as trocas entre diversos especialistas do mundo inteiro, no sentido de unificar a linguagem dos diagnósticos, estaria modificando a abordagem do portador de transtorno mental: indivíduos anteriormente considerados inabordáveis tornar-se-iam alvos de tentativas e propostas terapêuticas bem-sucedidas. O controle químico dos sintomas exuberantes, de que seriam acometidos os sujeitos portadores de transtornos graves, quer sejam psicóticos ou não, teria um valor de possibilitar a inserção e adaptação do sujeito à coletividade, por meio de um diálogo que antes não seria possível. As várias linhas psicoterapêuticas, terapias ocupacionais, educacionais, em conjunto com esses últimos avanços, estariam contribuindo para a tentativa de *fazer caber* na sociedade o sujeito portador de um transtorno mental, em sua singularidade excêntrica, diferente, que às vezes *sai dos trilhos* do convencional. Esse trabalho só seria possível com uma articulação interdisciplinar e parcerias comunitárias e sociais. O livro do filósofo francês, André Comte-Sponville, foi uma inspiração e referência. A semelhança entre o modelo de cosmovisão do profeta e o trabalho acadêmico de Comte-Sponville pareceu-nos pertinente quanto à hipótese de pertencimento ao mesmo núcleo arquetípico.

A psicologia junguiana teria muito a contribuir para esse processo de entendimento, tratamento e inserção do portador de transtorno mental, em razão da singularidade e criatividade de seu núcleo teórico. Em psicologia analítica, estariam presentes dois polos conceituais, enfocando a dialética entre o coletivo e o individual: o conceito de inconsciente coletivo e arquétipos, que incluiria a concepção de similaridade entre povos e civilizações e em diferentes eras da humanidade, e, de outro lado, a individuação, conceito que enfatiza o sujeito em sua particularidade. O valor e a verdade expressos nas imagens psíquicas de cada pessoa podem ser acompanhados pela identificação do padrão arquetípico reinante, que nos mostra como cada indivíduo está julgando uma situação, e de outro lado, pelos movimentos subjetivos que indicam o estilo de cada pessoa em seu esforço de enlaçamento social e psíquico.

Um arquétipo portará a dor, curará, dar-nos-á distância, fará com que mudemos, que tenhamos emoção, fará com que nos conectemos, comuniquemos, fará com que abramos e curemos o imaginal, preparar-nos-á para a morte, para o nascimento de um novo eu, para a transição, ajudar-nos-á a aceitar as perdas, a rejeição, a suportar uma tragédia (Paris, 2008).

Jung, certa vez, ao ser perguntado sobre a diferença entre uma iniciação espiritual, um surto psicótico e uma inspiração artística, respondeu que não haveria diferença entre esses três fenômenos psíquicos. Com isso queria dizer que a dinâmica psíquica nesses três casos seria a mesma: haveria uma invasão dos conteúdos do inconsciente coletivo na consciência, mas a maneira como lidaríamos com isso seria diferente em cada pessoa. O sujeito psicótico, então, tornar-se-ia um mensageiro do inconsciente coletivo. Afinal, deveríamos admitir que Gentileza acertou: estaríamos em fase avançada da economia do consumismo de massa e haveria um desmoronamento dos valores centrais de uma sociedade já em difícil equilíbrio, com a esperança de riquezas fáceis, favorecida pela ruptura do compromisso moral.

Constatamos que esse homem, ao mesmo tempo que consegue assegurar sua subjetividade e inserção social cotidiana, torna-se não somente uma celebridade na cidade do Rio de Janeiro, mas um arauto de novos tempos onde a gentileza, como virtude e tema arquetípico, abriria as portas para soluções de impasses econômicos, morais e sociais. A adaptação de Gentileza ao Rio de Janeiro fez desse homem um terapeuta da cidade: ele expressava os anseios da população, e sua mensagem está viva até os dias de hoje. Nas palavras de Gentileza, sua autodefinição:

Nunca sou pobre

Nunca estou doente

Nunca sou velho

Nunca morro (em L. Guelmann, 2001, p. 43).

Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, Junito de Souza (1991). *Mitologia Grega, vol. II*. Petrópolis: Vozes.
- COMTE-SPONVILLE, André. (1997). *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. São Paulo: Martins Fontes.
- GUELMANN, Leonardo (2001). *Brasil Tempo de Gentileza*. Rio de Janeiro: Instituto Joãozinho Trinta.
- GUERRA, A.M.C. (jun. 2004). "Reabilitação psicossocial no campo da reforma psiquiátrica: uma reflexão sobre o controverso conceito e seus paradigmas". *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.
- JUNG, C. G (1980). *Archetypes of the Collective Unconscious. CW, vol. IX, part 1*. Princeton: Princeton University Press.
- _____ (1985). *O Eu e o Inconsciente*. OC, vol.VII. Petrópolis:Vozes.

- _____ (1985). *Fundamentos da Psicologia Analítica*. OC, vol. XVIII. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2003). *Paracelso, um Fenômeno Espiritual*. OC, vol. XIII. Petrópolis: Vozes.
- LANTERNARI, Vittorio (2001). *Natureza e Civilização em "As palavras no Tempo"*: De Masi, D. & Pepe, D.(orgs.). Rio de Janeiro: José Olympio.
- LOPEZ-PEDRAZA, Rafael (2002). *Dioniso no Exílio: Sobre a Repressão da Emoção e do Corpo*. São Paulo: Paulus.
- OLIVEIRA, Alberto (2001). *Saúde e Doença* Em "As palavras no Tempo": De Masi, D. & Pepe, D. (orgs.). Rio de Janeiro: José Olympio.
- PARIS, Ginette. *Promessas Quebradas: a Psicoterapia no Final do Século XX*. Disponível em <<http://www.rubedo.psc.br/Artigos/proquebr.html>> Acesso em: 25.out.2008.
- SILVEIRA, Maria Lúcia da (2000). *O Nervo Cala, O Nervo Fala e a Linguagem da Doença*. Rio de Janeiro: FioCruz.
- VERNANT, Jean-Pierre (2006). *O Universo, Os Deuses, Os Homens*. São Paulo: Companhia das Letras.

A Herança Psíquica

Artigo

Renata Whitaker Horschutz*

Sinopse: Este artigo aborda a herança psíquica - legados familiares transmitidos de geração em geração, de natureza religiosa, moral e cultural, encarados como verdadeiros *karmas* familiares. Convida a uma reflexão sobre o "fantasma familiar" que, transformado, resolve o impasse da geração presente e projeta um novo passo, importante tanto para a vida pessoal, familiar e social, quanto para a herança das futuras gerações.

Palavras-chave: herança psíquica, gerações, fantasma familiar, história, individuação.

Resumen: Este artículo aborda la herencia psíquica - los conocimientos transmitidos de generación a generación, de naturaleza religiosa, moral y cultural, que son vistos como verdaderos *karmas* familiares. Invitanos a una reflexión acerca del tema, o sea, acerca del "fantasma familiar" que, transformado, soluciona el conflicto de la presente generación y proyecta hacia a un nuevo paso, importante tanto para la vida personal, familiar y social, como para la herencia de las futuras generaciones.

Palabras clave: herencia psíquica, generaciones, fantasma familiar, historia, individuación.

Abstract: This paper studies the psychological heritage - family legacies that are transmitted from generation to generation, of a religious, moral and cultural nature, regarded as real family *karmas*. Brings forth a reflection on this subject - the "family ghost" - that, after being transformed, solve the impasse of the present generation and designs a new stage, important either for their personal, family, and social lives or as a heritage for the future generations.

Key words: psychological heritage, generations, family ghost, history, individuation.

* Renata Whitaker Horschutz é psicóloga, analista junguiana, membro da International Association for Analytical Psychology-IAAP, membro da Associação Junguiana do Brasil-AJB e do Instituto Junguiano de São Paulo-IJUSP.

E-mail: rewh@uol.com.br

Quanto menos compreendermos o que nossos pais e avós procuraram, tanto menos compreenderemos a nós mesmos.

- C. G. Jung

Memórias, Sonhos, Reflexões

Todo psicoterapeuta está acostumado a lidar com histórias. Ao se apresentar para a análise, cada analisando traz sua história pessoal, e esta, propriamente falando, é a sua identidade ou, ao menos, aquela que ele se atribui. Porém a progressão da análise vai, pouco a pouco, mostrando que muito da história que o analisando conta ao seu terapeuta dificilmente encontra causas ou motivações na curta vida daquela pessoa. Muitas síndromes, concepções e fenômenos parecem ultrapassar ou anteceder a vida individual, colocando-se antes ou até muito antes de seu nascimento. Seríamos tentados, então, a pensar no célebre *karma* fatalista, afirmado por muitas religiões. Ou, então, no "fantasma familiar" que persegue inúmeras gerações de uma família. Esse fantasma habita nos porões ou nos sótãos do inconsciente familiar, até que algum dia um de seus membros resolva enfrentá-lo, desmascará-lo e despotencializá-lo. Esse processo, alcançado pela tomada de consciência, e sua conseqüente liberação de energia tornam possível a libertação e a autonomia das futuras gerações, então aptas a dar novos passos, trazendo novas possibilidades para sua história, tanto em seu aspecto pessoal como em relação ao coletivo.

O "fantasma familiar" que, transformado, resolve o impasse da geração presente e projeta um novo passo, importante tanto para a vida pessoal, familiar e social, quanto para a herança das futuras gerações.

Muitas vezes os membros das mais recentes gerações não conseguem discernir nem compreender as imposições de suas famílias e agem segundo a tradição e crenças de seus antepassados. Por outro lado, paradoxalmente, sabemos que, quanto mais inconsciente for o motivo, mais poderoso ele se tornará, podendo reprimir, ou mesmo anular, a identidade e projetos de vida de seus depositários, que acabam perdidos em meio a alegorias e signos incompreensíveis, impossibilitados de recuperar a memória de si mesmos.

A transmissão psíquica ocorre em qualquer ser humano independente de sexo, cultura e meio social a que pertence. O passado marca, tanto para o bem como para o mal, o presente de uma pessoa, e isso atravessa as gerações, todas elas marcadas pela presença do "fantasma familiar". A vida particular de uma pessoa pode se tornar inteiramente alienada pela interdependência psíquica, pois ela pode, de fato, ser a reprodução programada e automática de várias histórias de familiares que vieram antes dela. São muitas as experiências de vida que cooperam para a construção

de uma história de vida: algumas histórias são cheias de segredo, outras são indizíveis, cheias de emoção, culpas, mentiras, silêncios, desejos e esperanças.

A esperança é um movimento que impele o ser humano para o futuro, na tentativa de resgatar o passado, resgatar o originário que não foi possível viver, formar ou integrar. Vista dessa maneira, a esperança é recordar, recuperar a memória, como se a pessoa quisesse transformar seu passado em possibilidade futura, resgatando o que não foi possível realizar. Quando recuperamos a memória, começamos a cultivar o que nela se encontra e, conseqüentemente, passamos a refletir, a colocar a vida numa narrativa. Isso é importante para dar sentido às coisas vividas, às alegrias e às dores e, desse modo, elaborá-las, entrando em sintonia com possibilidade de *vir a ser*, ou seja, *ser o que realmente somos*, ser a nossa essência original. Dessa forma, surge o sentimento de gratidão e de satisfação pelo que se é, gratidão pelas próprias raízes genealógicas, por todos aqueles que nos constituíram como ser humano.

A linha genealógica mostra como cada ser humano pertence a um mundo que lhe é preexistente. Esse mundo anterior pode determinar toda a sua existência, tanto positiva como negativamente. Nesse caso, ele pode simplesmente reproduzir uma identidade transferida, e não a sua identidade própria. Isso acontece quando não se consegue romper com a influência inconsciente dos antepassados, a fim de recriar a própria experiência de viver no mundo que lhe é oferecido.

Os pais, ao terem uma obstinada esperança de uma vida melhor para seus descendentes, em vez de se fixarem nas dificuldades e dores vividas, acentuam a possibilidade de qualidade de vida para os filhos e para a vida de todos que os cercam. Os pais pensam que, desse modo, ajudaram a mudar as futuras gerações. Todavia, querer a perfeição para os filhos, desejar que eles sejam e vivam tudo que eles, como pais, gostariam de ter sido e vivido é, na verdade, apossar-se da vida dos filhos, não lhes deixando a possibilidade de serem e de fazerem suas próprias escolhas.

Aparentemente incondicional e irrestrito, o amor dos pais que querem que os filhos sejam perfeitos e realizem o que eles não conseguiram realizar é na verdade uma forma de se imortalizarem pela sua prole. Esse pretense amor é, na verdade, um egocentrismo infantil exacerbado, que aprisiona os filhos, através dos quais, no fundo, eles desejam ser amados e envaidecidos. Trata-se de uma manipulação "com boas intenções", pois eles transferem seus destinos para os filhos, impondo-lhes um fardo que os impedirá de ter sua identidade própria. E convém notar que a palavra pais, usada neste texto, refere-se ao pai e à mãe, porque herdamos a influência psíquica dos dois. Assim, só conseguiremos realizar nossa história quando conseguirmos realizar conscientemente uma síntese da história familiar que recebemos.

Em sua autobiografia, publicada postumamente, Jung dizia que dar um passo além do que seus pais já viveram custa sangue. Sem dúvida, porque será muito difícil o trabalho de conscientização, discernimento e vontade de transformar. Contudo, mesmo tendo já conquistado certo desenvolvimento, muitas vezes nos flagramos repetindo falas, atitudes, ações e reações de nossos pais. Com efeito, mudar hábitos profundamente arraigados durante gerações não é fácil. A transmissão psíquica ocorre por apropriação da vida do outro, abrindo espaço para as identificações e repetições. Caso o filho não consiga discernir entre seus desejos e os desejos dos pais, acabará seguindo a trajetória inconscientemente predeterminada por seus progenitores. Isso poderá lhe custar o sacrifício de sua existência inteira. Ou acarretar o desenvolvimento de uma existência dupla e/ou alternada, em que uma delas será apenas fictícia, ou seja, puramente representada, uma espécie de "esquizofrenia consciente". Uma estaria voltada para o próprio indivíduo e a outra representaria uma acomodação a uma corrente à qual ele é sujeito involuntariamente.

Por vezes, essa transmissão é resultado de um sentimento de ódio egocêntrico: os pais atribuem ao filho tudo que não aceitam em si mesmos. Ou o filho é odiado por ser diferente do que os pais gostariam; ele "traí", por assim dizer, o desejo onipotente deles. Como não há espaço para a criança desenvolver sua identidade própria e livre do poder alienante do egocentrismo dos pais, ela pode acabar inteiramente submissa a eles, realizando uma história que não é a sua. Em geral, essa alienação gera uma atitude de indiferença diante da vida, devida à ausência de autorreconhecimento, pois o indivíduo passa, de fato, a viver vicariamente uma vida que é apenas representação da vida de outra pessoa. Os indianos costumam dizer que "é melhor viver *mal* o próprio *karma* (ou seja, o próprio *destino* ou a própria *história*) do que viver com *perfeição* um *karma* alheio". Sem dúvida: a pessoa só se sente realizada e à vontade quando está dentro da própria casa, ou seja, quando é ela mesma.

Há muitas histórias de vida em que os pais não conseguem amar os filhos sem deles se apoderarem, incapazes de reconhecer a individualidade e a liberdade dos filhos, o que os leva a odiá-los ou a sujeitá-los à sua história, dominada pelo ódio. Ao mesmo tempo, assistimos ao processo doloroso e violento dos filhos, na tentativa de se libertarem da identificação e da dependência em relação às figuras parentais. Esse processo heroico permitir-lhes-á reconstruir histórias de vida, desvinculando-se do passado e libertando seu desejo do sufocante desejo parental. Quando a pessoa fica aprisionada na história e nos desejos de seus antepassados, fica também impossibilitada de recuperar a memória de si mesma, de seu projeto de vida, daquilo que ela realmente veio realizar nesta existência. Sua identidade é anulada, e sua vida perde o significado e o sentido.

É fato que todos estamos sobre os ombros dos nossos antepassados, e que as escolhas deles tornaram possíveis a realidade de nossa vida. Somos parte de uma herança sagrada, e isso nos dá o senso de pertença, que é sumamente importante para o desenvolvimento saudável do psiquismo humano, pois é ele que gera sentimentos de segurança diante das dificuldades. Porém uma herança negativa pode causar efeito terrível em nossa vida, tanto no campo emocional como no profissional, no núcleo familiar e nas relações sociais. Precisamos enfrentar nossos medos, transformando-os em esperança de um futuro melhor, restabelecer nossa ligação com o passado, despertando a memória da vida dos antepassados, que são as raízes que sustentam nosso senso de continuidade. Essa memória das raízes produz o discernimento do que é útil e do que é prejudicial, ajudando-nos a ficar livres para fazermos a opção do que queremos que continue em nós e para o futuro.

Na obra *Fausto*, de Goethe, podemos ler: "Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu". Devemos conquistar conscientemente tudo o que nos foi dado inconscientemente. O que nos fortalece ajuda-nos a romper com os padrões negativos, a fim de termos esperança em relação ao futuro e realizarmos ações concretas para transformar o que nos prejudica e nos impede de ser nós mesmos. Desse modo, nossa vida beneficiará os que vierem depois. Precisamos lutar conscientemente, a fim de deixarmos de herança para os filhos nossa mais elevada esperança. Eles poderão, assim, passar a esperança adiante, para as próximas gerações, contribuindo para a evolução do mundo, através da força das gerações. O essencial, porém, é conquistar a consciência, e, para isso, é preciso conhecer os segredos e os fantasmas das famílias. Uma vez revelados, eles poderão ser exorcizados.

O passado não pode ser mudado, sem dúvida. Mas podemos optar por reprimi-lo, ou por conhecê-lo e utilizar esse conhecimento para transformar o futuro. Quando nos libertamos dos padrões ancestrais, curamos nossa árvore genealógica e, desse modo, ela se revitalizará e se tornará mais valorosa e bela. As maiores sombras nas famílias são geradas pelos segredos e pelas mentiras que geram culpa, vergonha e ressentimento. O que não é dito, não percebido, não visto, não terminado e o que é subliminar sempre influenciam nossa vida muito mais que o esclarecido e o sabido. Ainda que seja algo terrível, a verdade é sempre o melhor caminho, pois, segundo o Evangelho, "a verdade liberta" (João 8, 32).

Sendo um elo entre seus antepassados e as futuras gerações, um bebê necessita ser acolhido, para que possa encontrar seu lugar no mundo. Safra (2004) aponta três situações com as quais o bebê pode se defrontar ainda no berço: uma *missão*, um *enigma* ou uma *questão*. Na situação de *missão*, espera-se que a criança cumpra um destino ou termine um projeto, já estabelecidos antes de seu nascimento. Em tal situação, é muito difícil que, como indivíduo, ele consiga seguir o caminho de sua essência. No caso

de *enigma*, a pessoa defronta-se com uma lacuna em sua vida, um mistério propositalmente ocultado, por se tratar de algo indizível e impensável. Para se apoderar de seu destino, esse indivíduo necessita que alguém lhe conte a história completa, lhe revele o momento em que a interrupção ou lacuna aconteceu. Apenas a memória permitirá que a pessoa reconstitua sua história. A *questão* surge quando o ambiente familiar em que a criança nasce pode observar, ponderar e questionar o que era pensado e vivido pelos antepassados. Tal situação permite que a pessoa reflita e escolha a direção a seguir, apesar de ela nunca ser respondida. As questões e suas maneiras de resolvê-las são transmitidas por gerações, e constituem uma espécie de marca familiar. Contudo, se a questão por algum motivo ficar obstaculizada, as gerações seguintes terão geralmente um bloqueio. Caso uma criança nasça com o objetivo de responder a uma questão familiar, ela terá nascido com uma missão, e seu destino ou história, portanto, já estará comprometido.

Safra (2004) diferencia também a natureza do sofrimento nas três situações: na *missão*, o sofrimento advém da impossibilidade de ser; no *enigma*, da memória do não dito e do não vivido; na *questão*, do destinar-se.

Todos estamos ligados a nossos ancestrais, cujas imagens carregamos. Mantemos com eles nossos modelos, uma relação afetiva, com eles compartilhando a tradição familiar, que assim se perpetua e nos faz mais um elo de uma longa corrente. A herança das gerações, por meio de seus desejos, afetos, emoções, traumas, defesas e sintomas, é o elemento fundamental da estrutura da psique, e, quando a pessoa consegue se libertar do destino determinado pelo egocentrismo dos antecessores, alcança a consciência da questão e dela se apropria, passando a criar sua história pessoal.

Como analistas, ao lidarmos com essas heranças familiares, não podemos nos esquecer de que estamos trabalhando com a força dos arquétipos, que é inimaginável. Cada ser que nasce em uma família mudará o papel que cada um exercia antes: a mãe se transforma em avó, a filha em mãe, a fim de dar lugar para a nova criança que está surgindo. Não é à toa que tanto o nascimento como a morte são momentos de crise familiar, porque todos os papéis mudam e cada um precisa dar espaço para o novo.

As situações traumáticas não elaboradas também são claramente passadas para as gerações futuras, porque o processamento psíquico fica impossibilitado, tanto pela ausência de simbolização, como pelo bloqueio das imagens. Somente quando a pessoa consegue transformar o fato em imagem, em história, ela consegue falar sobre o mesmo e alinhavá-lo, e, então, torna-se capaz de elaborá-lo e mudá-lo. Enquanto isso não acontece, o fato fica em estado bruto e é transmitido dessa forma para as gerações seguintes, até que alguém na família consiga compreender, simbolizar, reconciliar e, assim, modificar a história que será transmitida para os sucessores. Jung dizia que aquilo que os pais não resolvem em suas vidas deixam de herança para seus filhos, para que estes o resolvam.

No entanto, devemos ser gratos a essa continuidade de transmissão psíquica de uma geração para outra, pois é por ela que a evolução do mundo acontece. Do contrário, cada pessoa que nascesse teria de reinventar totalmente sua maneira de viver, pois não traríamos conosco a força do inconsciente coletivo, que contém toda a sabedoria dos arquétipos, e que podemos ir acessando conforme vamos nos lapidando, nos interiorizando e nos transformando, a fim de transformarmos o mundo. Tal é o processo de individuação que Jung propõe: quanto mais individuada for uma pessoa, mais ela poderá contribuir para a individuação da humanidade. Primeiro é preciso que eliminemos nossa identificação com o coletivo, a fim de desenvolver nossa identidade própria. Só depois poderemos contribuir para a transformação dos outros, em uma proporção geométrica. O indivíduo precisa restabelecer a conexão entre seu "eu" e o inconsciente, pois muitas vezes a conexão é rompida, ou não se estrutura devido à assimilação da negatividade transmitida pelas gerações anteriores.

É geralmente por meio da ascendência paterna que assimilamos os ideais e conceitos éticos e morais que norteiam nossas vidas. Já a ascendência materna, caso haja uma identificação entre mãe e filho desde a infância, refletir-se-á nos relacionamentos amorosos. Se estes forem positivos, ótimo; se forem negativos, contudo, o filho repetirá os mesmos problemas que a mãe. Por isso é importante que um indivíduo se liberte da identificação com as figuras parentais.

A transmissão psíquica entre gerações é comprovada cientificamente através de uma pesquisa feita por uma aluna de Jung, a Dra. Füst, que aplicou um método que consiste em associação de palavras, proposto por Jung. A íntegra da pesquisa e a descrição do método de associação de palavras encontram-se na obra *Estudos Experimentais, vol. II*, do referido autor.

O método consiste em oferecer palavras ao sujeito da pesquisa e solicitar que ele faça analogias e associações. Através da ampliação simbólica dos dados fornecidos, o pesquisador pode compreender seu significado arquetípico, o qual é comum a toda a humanidade e preenchido pelos conteúdos individuais da experiência consciente.

Jung fez um uso criativo dos experimentos de associação de palavras, que eram parte de uma pesquisa pioneira realizada na clínica de Burghölzli, em Zurique, sob a égide de Eugen Bleüer. Jung aplicou a essas pesquisas o método interpretativo, formulando a teoria dos complexos, ao notar que as pessoas apresentam anomalias como maior tempo para reagir ao estímulo, ou ausência de reação a uma palavra que possui forte carga emocional, aglomerados de sentimentos e pensamentos incompatíveis com a atitude consciente. Qualquer experiência que toca um complexo provoca uma reação exagerada no indivíduo, podendo atuar no controle dos pensamentos e comportamentos.

Na pesquisa realizada pela Dra. Fürst,

as associações processaram-se de acordo com critérios lógicos linguísticos, e descobriu-se que: 1) Os parentes tendem a mostrar uma concordância em tipos de reação; 2) os tipos de reação das crianças estão mais próximos dos da mãe do que dos do pai; 3) o casamento parece mudar o tipo de associação mais nas mulheres do que nos homens.

A semelhança de associações de sujeitos ligados frequentemente é notável, como é ilustrado no caso de uma mãe e sua filha, que demonstra como as emoções doentias, compreensíveis, e que não são mais perigosas nos pais podem ser transmitidas à criança, em quem podem se tornar perigosas. As influências mais fortes sobre uma criança são os estados afetivos pessoais inconscientes de pais e professores. Outros casos mostram como as vidas e casamentos que se fundamentam em ligações demasiado intensas com os pais podem ser inutilizados pelas neuroses, de forma que a criança permanece aprisionada em relacionamentos infantis. Um dos objetivos mais importantes da educação deveria ser o de libertar a criança em crescimento de sua ligação inconsciente com as influências de seu ambiente anterior, de modo que ela possa manter o que é valioso e rejeitar o que não é. A necessidade de pesquisa adicional sobre os processos emocionais das crianças, sobre os quais não se sabe bastante, é enfatizada (JUNG, 1998:12 [1973]).

O tema da herança psíquica é rico e intenso. Cabe aqui uma reflexão dirigida ao analista ou psicoterapeuta, que sempre está sujeito ao inesperado, diante das imagens e dos fragmentos da história que cada paciente lhe traz. Ele precisará ter uma escuta atenta para perceber se o paciente está de fato vivendo sua vida, sua identidade própria, ou reconhecer o que está obscuro e, então, ajudar o analisando a discriminar o que lhe pertence e o que não lhe pertence, o que é sua legítima história ou pura repetição da história negativa de seus ancestrais. Desse modo, o analista o ajudará a recuperar a memória, colocando-a em uma narrativa, a fim de que a pessoa possa optar pelas heranças que ela quer que permaneçam em sua vida e o que precisa ser depurado, e transformado, por meio da tomada de consciência que irá mudar os hábitos gestuais do indivíduo e de seus descendentes.

Buscar o indizível, o inenarrável, o traumático, as mentiras, os segredos, as metáforas, as imagens é uma forma de colocar um limite para a influência negativa das histórias de nossos ancestrais e também um modo de desenvolver nossa gratidão pelas heranças construtivas que recebemos. Isso nos alicerça e nos traz o saudável sentimento de pertencer a uma história e a uma linhagem que fundamenta solidamente nossa psique.

Referências Bibliográficas

- CRAMER, B. (1993). *Profissão Bebê*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- JUNG, C. G. (1998). *Chaves - Resumo das Obras Completas*. São Paulo: Ed. Atheneu. (cf. JUNG, C. G., *Obras Completas, vol II*. Princeton University Press, 1973, p. 466-479).
- _____. (1995). *Estudos Experimentais*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.
- _____. (1989). *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- KAES, R.; FAINBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J. J. (2001). *Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações*. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo.
- LINN, DENISE (2008). *Quatro Passos do Poder Pessoal*. São Paulo: Ed. Larousse.
- MAZZARELLA, T. I. (2006). *Fazer-se Herdeiro: A Transmissão Psíquica entre Gerações*. São Paulo; Ed. Escuta.
- SAFRA, G. (2004). *A Po-ética na Clínica Contemporânea*. Aparecida: Ed. Ideias & Letras.
- WINNICOTT, D. (1993). *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

Artigo



Vinícius, o Poeta do Amor; Jung, o Poeta da Alma

Dulce Helena Rizzardo Briza*

Sinopse: Este artigo fala de amor e de poesia, e para isso foi escolhido o poeta, diplomata, escritor, jornalista, letrista, dramaturgo e diplomata Vinícius de Moraes. Fala da sua vida e obra. Procura abranger também a visão que Jung tinha do tema, relacionando pontos de convergência e divergência entre eles. Ambos denunciaram as feridas da alma e, de maneiras diferentes, também o bálsamo que a conforta. Jung dizia que o amor e Deus se oferecem aos seus serviçais mais corajosos. Falou sabiamente do corajoso processo de individuação e nos impressiona com o seu. Vinícius, o "arauto do amor apaixonado", viveu a vida buscando o amor e a paixão, corajosamente. Jung, que "descobriu" a *anima*; Vinícius, que fez dela seu altar.

Palavras-chave: amor, paixão, *anima*, processo, mulher.

Resumen: Este artículo trata del amor y poesía y para esto se escogió el poeta, diplomático, escritor, periodista, editor y dramaturgo Vinícius de Moraes. Trata de su vida y obra. Muestra la visión que Jung tenía del tema, relacionando puntos de convergencia y divergencia entre ellos. Ambos denunciaran las heridas del alma de maneras diferentes y también los bálsamos que la curan. Jung decía que el amor y Dios son ofrecidos a sus servidores más valientes. Trató sabiamente del valiente proceso de individuação y nos impresionó con el suyo. Vinícius, "el heraldo del amor apasionado", vivió su vida buscando al amor y a la pasión, valientemente. Jung, que "descubrió" el *anima*; Vinícius, que hizo de ella su altar.

Palabras clave: amor, pasión, *anima*, proceso de individuação, mujer.

Abstract: This article talks about love and poetry and because of this the poet, diplomat, writer, journalist, editor and dramaturgist Vinícius de Moraes was chosen. It talks about his life and opus. It covers the vision that Jung had of the subject, relating convergent and divergent points. Both of them denounced the wounds of the soul and, in different ways, the balsam that comforts them. Jung said that love and God are offered to his most courageous servants. He wisely talked about the courageous individuation process and impressed us with his. Vinícius, "the herald of passionate love", lived his life searching for love and passion courageously. Jung, who "discovered" *anima*; Vinícius, who made of it his altar.

Key Words: love, passion, *anima*, individuation process, woman.

* Dulce Helena Rizzardo Briza é analista didata, membro do Instituto Junguiano de São Paulo, membro fundador do Instituto Junguiano do Paraná e do Instituto de Psicologia Analítica de Campinas. Diretora de ensino da Associação Junguiana do Brasil-AJB, membro da International Association for Analytical Psychology-IAAP. Autora de *A Mutilação da Alma Brasileira: um estudo arquetípico* e co-autora de *Puer e Senex: dinâmicas relacionais*.

Email: brizadhr@uol.com.br

Seja qual for o caminho que eu escolher, um poeta já passou por ele antes de mim.

-Sigmund Freud

A esse mundo, só a poesia poderá salvar, e a humildade diante da sua voz.

-Vinícius de Moraes

No filme *Vinícius*, de Miguel Faria Jr., a cantora Maria Bethânia diz que acredita que Vinícius veio ao mundo para nos ensinar que a coisa maior é dar e receber amor. Isso foi o eixo de sua vida.

Vejamos então um pouco da biografia do celebrado poeta brasileiro.

Numa tempestuosa madrugada do dia 19 de outubro de 1913 na Gávea, Rio de Janeiro, nasceu Vinícius de Moraes. Chuva fertilizadora, que inundou a alma e fez crescer no menino que se divertia à beira do mar o gosto pela literatura, pela arte e pela poesia. Menino que, ao encarar o mundo e a vida, marcou com eles um encontro - o encontro com o Amor e a Paixão. E neles percorreu seu caminho, brincando com as letras, as palavras e a música. Desde cedo teve contato com ela, pois pertencia a uma família de seresteiros que promovia saraus. Seu pai era poeta pós-simbolista e tocava violão; sua mãe tocava piano e cantava. Cresceu lendo poesias nas *Antologias* e no *Tesouro da Juventude*. Amou as mulheres, os amigos, as pessoas do povo, os operários da construção, a gente humilde, os artistas, os intelectuais, os boêmios, a natureza. Amou o amor, a vida e tudo o que ela abarca. Também soube se render ao humor. Gostava de rir, sobretudo de si mesmo.

Foi bacharel em Letras, formou-se em Direito, bolsista do Conselho Britânico para estudar língua e literatura inglesas na Universidade de Oxford, escritor, jornalista, cronista, letrista, compositor e intérprete, dramaturgo e diplomata. Entre outros tantos, foi amigo e contemporâneo de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Rubem Braga, Octavio de Faria, João Cabral de Melo Neto, Fernando Sabino, Di Cavalcanti, Samuel Wainer, Pablo Neruda, Orson Welles. Teve vários parceiros musicais, como Pixinguinha, Cláudio Santoro, Ari Barroso, Ciro Monteiro, Antonio Carlos Jobim, Carlos Lyra, Baden Powell, Edu Lobo, Chico Buarque de Holanda e Toquinho.

Foi um grande amante, admirador da beleza, "andarilho", e teve a vida matizada pelos coloridos de Eros, Dioniso e Afrodite. Em sua maturidade recebeu as bênçãos dos orixás. Do seu sentimento amoroso dizia:

Este amor meu é como um rio; um rio
Noturno, interminável e tardio
A deslizar macio pelo ermo... (Moraes, 1991: 164)

Cantou o arco-íris do amor, que tem asas como Eros e é um grande condutor para o encontro de nós mesmos. Também é o sentimento mais presente nas artes e na literatura, o campo dos encontros e dos desencontros, das certezas e incertezas, da sintonia e da idiossincrasia, o nutriente da vida e sua enorme abrangência. E, embora os antigos, como Ovídio, considerassem a "paixão amorosa" como a fonte de todos os males, parece que nosso poeta viveu sempre buscando o amor, principalmente por meio da paixão, dizendo que só se é feliz quando se vive a mesma. Vinícius viveu as várias dimensões da paixão, o céu e o inferno dela. Pois, como dizia Jung, "o amor é um dos grandes poderes do destino: ele se estende do céu até o inferno" (Jung, 2005: 198).

Ambos falavam da importância da entrega, e Jung pontuou: "O amor é como Deus: ambos só se revelam aos seus mais bravos cavaleiros" (Jung, 2005: 232).

Na crônica "Para viver um grande amor" Vinícius declara: "Para viver um grande amor, primeiro é preciso sagrar-se cavaleiro e ser de sua dama por inteiro".

Platão, no *O Banquete*, por intermédio de Aristófanes, nos fala que sem o encontro amoroso a vida é imperfeita e incompleta. E Agaton diz que "o deus (Eros) é um poeta tão excelente que transforma em poetas aqueles que amam" (Platão, 2005: 49). Diotima diz que o amor "é o desejo de geração e procriação do belo" (Platão, 2005: 67) e que poetas são todos os criadores. Sócrates discursou que o amor é um delírio inspirado pelos deuses que nos torna pessoas melhores. Assim, amar é experimentar aqui na terra o divino que temos em nós.

James Hillman afirmou:

Amamos e deixamos de amar, somos arrebatados e redimidos, ou amaldiçoados pela ação do amor, mas aquilo que é influenciado pelo amor não é amor, mas alma. Alma é o alvo da flecha, o material combustível do fogo, o labirinto no qual ele dança (Hillman, 1990: 35-7).

A obra de Vinícius é permeada por seu tema favorito, ou seja, o amor e suas decorrências. Ela corresponde a dois períodos distintos: o primeiro é definido como "transcendental, frequentemente místico, resultante de sua fase cristã", que termina com o poema-livro *Ariana, A Mulher*. O segundo pode ser determinado pelo movimento de "aproximação do mundo material com a difícil mas

consistente repulsa ao idealismo dos primeiros anos" (Castello, 1994). Seu marco inaugural é "O falso mendigo" de *Novos Poemas*. No transcorrer da obra podemos observar a luta interna do poeta para se libertar dos preconceitos e aborrecimentos de sua formação e seu meio. Para o autor, a poesia não é uma arte intelectual, mas sensorial, que não se ergue sobre conceitos, mas sobre emoções.

Ezra Pound afirmou que "é melhor produzir *uma* imagem na vida do que obras volumosas" (Moraes, 2006: 16). E Vinícius nos legou, com sua obra, belíssimas imagens e grandes poemas.

Na *Antologia Poética* organizada por Antonio Cícero e Eucanã Ferraz, encontramos o seguinte comentário:

Tendo gozado durante mais de três décadas de raro reconhecimento em vida, hoje não é sequer fácil encontrar, no mundo acadêmico, alguém que se tenha dedicado a estudar sua obra. Entretanto, pensamos que algumas outras causas poderão ter sido decisivas: os católicos atuantes jamais perdoaram o fato - que apreenderam como traição - de que ele tenha publicamente abandonado a fé quando o haviam consagrado; a esquerda militante desconfiava de seu aparente hedonismo festivo; os membros da geração de 45, sem confessá-lo, abominavam-no por elaborar sonetos infinitamente mais memoráveis do que os deles; os vanguardistas, por empregar formas fixas; os conservadores, por não se ater a estas; os elitistas, por ter se tornado popular etc. (Ferraz e Cícero, 2006: 16-8).

Jung declarou: "São raros os homens criadores que não pagam caro a centelha divina de sua capacidade genial" (Jung, OC 15, 1991: § 158).

Manuel Bandeira disse que Vinícius "tem o fôlego dos românticos, a espiritualidade dos simbolistas, a perícia dos parnasianos (sem refugar como esses as sutilezas barrocas) e, finalmente, homem bem do seu tempo, a liberdade, a licença, o esplêndido cinismo dos modernos" (Ferraz e Cícero, 2006: 19).

Drummond afirmou que "Vinícius é o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão. Quer dizer, da poesia em estado natural" (Castello, 2005: 11).

Numa entrevista dada a Clarice Lispector, o poeta declarou:

Acho que o amor que constrói para a eternidade é o amor-paixão, o mais precário, o mais perigoso, certamente o mais doloroso. Esse amor é o único que tem a dimensão do infinito (Lispector, 1999: 18).

O amor que destinava às mulheres era sempre apaixonado. No filme citado, Tonia Carrero afirma que Vinícius era capaz de tudo para conquistar uma mulher; mas não era somente pela conquista, e sim para reacender a chama que alimentava sua poesia.

Vinícius confessou:

Na verdade, sou um homem de muitas mulheres, e com todas delicado e atento
Se me entediam, abandono-as delicadamente, desprendendo-me delas com uma doçura de água
Se as quero, sou delicadíssimo; tudo em mim
Desprende esse fluido que as envolve de maneira irremissível...
(Ferraz e Cícero, 2006: 42).

Ainda no filme a atriz Tonia Carrero testemunha que Vinícius era um camarada que viveu de paixões e que, quando uma paixão tomava conta dele, era inigualável. Ele precisava do precipício da paixão.

José Castello comentou: "Entender Vinícius - melhor nem tentar. Melhor simplesmente amá-lo". E ainda: "Não se pode entender Vinícius sem aceitá-lo como um mestre do impreciso e da indecisão" (Castello, 2005: 17).

Ele detestava qualquer tipo de opressão, e a Clarice Lispector declarou: "Detesto tudo que oprime o homem, inclusive a gravata" (Lispector, 1999: 20).

Esse foi o "Poetinha", cheio de lirismo, de riqueza de imagens, de liberdade interna, que conhecia a música das palavras, via o lado humano das coisas, possuía grande transitividade entre diversas culturas e classes sociais e era tão preocupado com as relações humanas. Foi também um dos personagens principais do movimento da Bossa Nova, que trouxe renovações de melodia, letra, harmonia, instrumentação e canto. Tinha como bagagem musical a alta poesia universal, o *jazz* e o *samba*. Era dono de uma espontaneidade construída e de grande vigor lírico e emocional.

Jung afirmou que a arte em sua manifestação é uma atividade psicológica. Mas comentou: "Quando uma obra de arte é interpretada da mesma forma como uma neurose, de duas uma: ou a obra de arte é uma neurose ou a neurose é uma obra de arte" (Jung, OC 15, 1991: §100). E ainda: "O segredo do mistério criador, assim como o de livre-arbítrio, é um problema transcendente e não compete à Psicologia respondê-lo. Ela pode apenas descrevê-lo" (Jung, OC 15, 1991: §155). Portanto, a proposta deste trabalho não é interpretar ou analisar Vinícius - que certa vez disse: "Julgar minha poesia seria julgar minha vida. E eu me considero um ser tão imperfeito..." (Castello, 2005: 17) -, mas tratar do sentido de sua obra, celebrá-lo e trazer o tão cantado e encantado amor ao coração das pessoas.

Devemos ter em conta que a obra suplanta o que é pessoal.

Nesta tarefa, o poeta é, por assim dizer, idêntico ao processo criativo, tanto faz se ele se tenha colocado deliberadamente à frente da moção criadora ou que esta o tenha tomado por inteiro como instrumento, fazendo-o perder qualquer consciência deste fato (Jung, OC 15, 1991: § 109).

Assim falou Jung, que pontuou:

Enquanto estivermos presos ao próprio criativo, não vemos nem entendemos, nem devemos entender, pois nada é mais nocivo e perigoso para a vivência imediata do que o conhecimento. Para o conhecimento, porém, devemos deslocar-nos para fora do processo criativo e olhá-lo desse lado, pois só então ele se tornará imagem que exprime um sentido (Jung, OC 15, 1991: § 124).

E citou Gerhart Hauptmann: "Poesia significa deixar ressoar atrás das palavras a palavra primordial". E assim fez Vinícius, que foi comemorado e suplantado por sua obra, pois foi um instrumento da mesma. Certa vez escreveu:

Porque a poesia foi para mim uma mulher cruel em cujos braços me abandonei sem remissão, sem sequer pedir perdão a todas as mulheres que por ela abandonei.

[...] Porque haverá nos olhos, na boca, nas mãos, nos pés de todos uma ânsia tão intensa de repouso e de poesia, que a paixão os conduzirá para os mesmos caminhos, os únicos que fazem a vida digna: os da ternura e do despojamento (Moraes, 2006: 171).

Vinícius, o poeta do amor; Jung, o poeta da alma.

Jung e Vinícius falam em seus escritos da importância do amor, da paciência, da esperança e da humildade. Vinícius escreveu: "Sofre ainda o mundo de tirania e de opressão, da riqueza de alguns para a miséria de muitos, da arrogância de certos para a humilhação de quase todos" (Moraes, 2006: 172). Além do amor *Eros*, falou de *Harmonia* e *Charis*. Deu importância à "Gente Humilde" e disse:

E aí me dá uma tristeza
No meu peito
Feito um despeito
De eu não ter como lutar
E eu que não creio
Peço a Deus por minha gente
É gente humilde
Que vontade de chorar

Também escreveu um poema para "O operário em construção".

De fato, como podia um operário em construção compreender por que um tijolo custa mais que um pão?

De que mais precisa um homem do que um amigo para ele gostar?

E pontuou:

A maior solidão é a do ser que não ama. A maior solidão é a do ser que se ausenta, que se defende, que se fecha, que se recusa a participar da vida humana. A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, e que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro. O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo (Moraes, 2006: 182).

Como esquecer os amigos pobres?

Eles são essa memória que é sempre sofrimento (Ferraz e Cícero, 2006: 22).

Amizade, o amor *Philia*, era para ele coisa muito séria. Dedicou vários poemas tanto aos amigos que partiram, como àqueles de sua convivência. Tratava-os como irmãos. No poema "Elegia ao primeiro amigo", diz:

Tão bem te conheço meu irmão; no entanto
Quem és, amigo, tu que inventaste a angústia
E abrigaste em ti todo o patético?
Não sei o que tenho de te falar assim: sei
Que te amo de uma poderosa ternura que nada pede nem dá...
(Ferraz e Cícero, 2006: 40)

No filme, o professor Antonio Cândido relata que ganhou de Vinícius um livro de sua autoria, com a seguinte dedicatória: "Para Antonio Cândido, com a mão estendida para a amizade".

E a cantora Miúcha lembra uma frase do poeta: "Amigo você não faz. Amigo você reconhece".

Foi um pai amoroso, que dedicou várias linhas aos filhos como, por exemplo, na crônica "Pedro, meu filho...":

Da mesma forma que eu, muitas noites, me debrucei sobre o teu berço e verti sobre teu pequenino corpo adormecido as minhas indefesas lágrimas de amor, e pedi a todas as divindades que cravassem na minha carne as farpas feitas para a tua (Moraes, 2006: 192).

Jung e Vinícius encantaram e encantam as mulheres e viviam cercados por elas.

Jung "descobriu" a *anima*; Vinícius fez dela seu altar.

E assim escreveu o "Soneto do Corifeu".

São demais os perigos desta vida
Para quem tem paixão, principalmente
Quando uma lua surge de repente
E se deixa no céu, como esquecida.

E se ao luar que atua desvairado
Vem se unir uma música qualquer
Aí então é preciso ter cuidado
Porque deve andar perto uma mulher.

Deve andar perto uma mulher que é feita
De música, luar e sentimento
E que a vida não quer, de tão perfeita.

Uma mulher que é como a própria Lua:
Tão linda que só espalha sofrimento
Tão cheia de pudor que vive nua (Ferraz e Cícero, 2006: 164).

Jung dizia que era impossível separar sua obra de sua vida, e sabemos que a *anima* foi um de seus grandes temas. E se apoiava nas mulheres como fontes de inspiração. Além de Emma, sua esposa, muitas mulheres como Sabina Spielrein, Tony Wolff, Esther Harding, Marie-Louise von Franz, Jolande Jacobi e outras tiveram grande convivência e trabalharam com ele. Vinham de várias partes do mundo; a maioria, segundo Maggy Anthony, era "constituída de não casadas inteligentes, talentosas e de classe alta, em muitos casos com profissão e perturbadas" (Maggy, 1998: 162). Vinham até Jung em busca de ajuda e "muitas permaneciam como analistas, colegas ou auxiliares de um tipo ou de outro" (idem: 44). Prestaram grande contribuição à sociedade em geral, e à psicologia analítica em particular. "Eram mulheres que vinham a um homem forte para encontrar sua própria força" (idem: 35). [...] "Uma vez alguém colocou a objeção de que a maioria de seus discípulos eram mulheres, e Jung replicou: 'O que se pode fazer? Afinal, a psicologia é a ciência da alma e não é culpa minha que a alma seja uma mulher'." (idem: 45). Como Vinícius, Jung costumava tratar cada mulher como se fosse especial, e era perito em fazer com que elas se descobrissem e desenvolvessem o que tinham de melhor. "A mulher representava a totalidade psíquica, tanto o vínculo vital como o inconsciente, quanto o contato com a realidade cotidiana" (idem: 65).

E a autora comenta:

Acredito que as mulheres ao redor de Jung usaram seu relacionamento com ele para encenar o *hieros gamos*. Sentiam-se "casadas" com ele num nível muito profundo, e talvez isso faça parte da razão pela qual a maioria delas permaneceu descasada. Seria difícil a um homem meramente terreno competir com aquela figura que alcançava as mulheres de um modo tão significativo para elas (idem: 163).

Estamos aqui falando de amor e de *anima*, o arquétipo da vida, segundo Jung, que também afirmou que "tudo o que a *anima* toca torna-se numinoso-incondicional, perigoso, tabu, mágico" (Hillman: 1990, CW 9: § 356). "A *anima* é o arquétipo do feminino que desempenha um papel muito importante no inconsciente de um homem" (idem: § 646). E foi o que aconteceu com o poeta, que projetou sua *anima* incansavelmente.

Certa vez, disse: "É claro que foi importante para mim toda aquela experiência intelectual. Mas eu diria que fui salvo pela mulher".

Jung afirmava que "fazem parte do amor a profundidade e a fidelidade do sentimento, pois sem elas o amor não seria amor, mas simples capricho".

Vinícius escreveu o "Soneto da Fidelidade".

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure (Ferraz e Cícero, 2006: 49).

Segundo o biógrafo do poeta, para ele "o grande amor é aquele que, necessariamente, namora não só a eternidade, mas também a onipresença: é muito, muito importante viver sempre junto e até, se possível, um só defunto". Fica fácil compreender, diante dessa crônica ("Para viver um grande amor") o quão

sufocante, asfixiante mesmo, é a concepção defendida por Vinícius. Uma espécie de amor total, simbiose absoluta com a mulher amada, um amor perfeito, sem fendas e sem rachaduras - numa palavra: "um amor sobre-humano". Mas o poeta do amor sabia seduzir as mulheres, com flores, com pequenos e delicados gestos, com palavras, música e poesia. Para ele o amor é o único motor capaz de alimentar uma relação; e ele tem que ser "O mais-que-perfeito", como diz em poema.

Em "Elegia ao primeiro amigo", escreveu:

Uma mulher me vê viver, que me chama; devo
Segui-la, porque tal é o meu destino. Seguirei
Todas as mulheres em meu caminho, de tal forma
Que ela seja em sua rota, uma dispersão de pegadas
Para o alto, e não me reste de tudo, ao fim
Senão o sentimento desta missão e o consolo de saber
Que fui amante, e que entre a mulher e eu alguma coisa existe
Maior que o amor e a carne, um secreto acordo, uma promessa
De socorro, de compreensão e de fidelidade para a vida (Ferraz e Cícero, 2006: 42-3).

E ele nos falou da mulher amada ("A brusca poesia da mulher amada"):

A mulher amada carrega o cetro, o seu fastígio
É máximo. A mulher amada é aquela que aponta para a noite
E de cujo seio surge a aurora. A mulher amada
É quem traça a curva do horizonte e dá linha ao movimento
dos astros (Ferraz e Cícero, 2006: 185).

E nos brindou com o "Soneto do amor total":

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde,
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

E nos falou da dor do amor:

Não, não pode mais meu coração
Viver assim dilacerado
Escravizado a uma ilusão
Que é só desilusão

Não, não seja a vida sempre assim
Como um luar desesperado
A derramar melancolia em mim
Poesia em mim

Vai, triste canção
Sai do meu peito e semeia emoção
E chora dentro do meu coração

Em relação à sombra, Vinícius disse:

Sou um meigo energúmeno. Até hoje só bati numa mulher
Mas com singular delicadeza. Não sou bom
Nem mau: sou delicado. Preciso ser delicado
Porque dentro de mim mora um ser feroz e fratricida
Como um lobo. Se não fosse delicado
Já não seria mais. Ninguém me injúria
Porque sou delicado; também não conheço o dom da injúria
Meu comércio com os homens é leal e delicado: prezo ao absurdo
A liberdade alheia: não existe
Ser mais delicado do que eu; sou um místico da delicadeza
Sou um mártir da delicadeza: sou
Um monstro de delicadeza (Ferraz e Cícero, 2006: 42).

Vinícius viveu de paixão e nela se consumiu.

No final da vida, com a saúde fragilizada pelos excessos do álcool e da boemia, não conseguiu esconder a tensão, a tristeza e a depressão, o medo da morte, tema sempre presente em sua vida e obra.

Quem pagará o enterro e as flores
Se eu morrer de amores?
Quem, dentre amigos, tão amigo
Para estar no caixão comigo?
Quem, em meio ao funeral
Dirá de mim: - Nunca fez mal... (Ferraz e Cícero, 2006: 176).

No filme de Miguel Faria Jr. duas filhas de Vinícius falam: Luciana comenta que, se ele tivesse sido mais disciplinado, seria mais infeliz. E Georgiana diz que o tipo de vida que ele levou tinha conseqüências para os que estavam a sua volta. Relata também que o pai sofria muito quando saía de um casamento e que não era um processo fácil.

Se tu queres que eu não chore mais
Diz ao tempo que não passe mais
Chora o tempo o mesmo pranto meu
Ele e eu, tanto
Que só para não te entristecer
O que fazer? Canto
Canto para que me lembres
Quando eu me for

No dia 9 de julho de 1980, quando estava em sua banheira, como de costume, Vinícius deixou essa terra. Tinha em casa por companhia sua nona mulher, Gilda Mattoso, e seu parceiro e amigo Toquinho. Certa vez, pressentindo a morte, decidiu consultar uma mãe de santo, que lhe respondeu: "Claro que você não vai morrer. Você é imortal!"

Saravá, meu poeta imortal!

Vinícius viveu a vida apaixonadamente. Ele viveu envolto na miragem do amor.

O "apaixonamento" de Jung na sociedade suíça da época não era assumido, era disfarçado. Mas ele criava como um apaixonado.

E agora convido-os a imaginar Jung e Vinícius sentados à mesa de um bar no Beco das Estrelas, onde teriam uma longa conversa, cujo final, a partir de seus textos, poderia ser assim:

- Pois é, doutor Jung, sempre busquei o amor e alguém que me falasse desse mistério. Também nunca quis ser solitário, pois o maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo.

- Meu caro poeta, acho que é muito mais a incapacidade de amar que rouba das pessoas as oportunidades. Ao amor pertencem a profundidade e a fidelidade do sentimento, sem os quais o amor não é amor, mas somente humor...

- A fidelidade é importante, doutor Jung, e já escrevi um poema sobre ela. E digo: Para viver um grande amor, é preciso muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso; mister é ser um homem de uma só mulher, pois ser de muitas, poxa! É de

colher... não tem nenhum valor. Mas o amor-paixão é o único motor capaz de alimentar uma relação a dois: que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure...

- Mas creio, poeta, que o amor verdadeiro sempre visa ligações duradouras, responsáveis...

- Sou da responsabilidade do tempo de duração do amor. Meu romantismo é avesso a qualquer moderação. E o amor também pode ser amargo.

- O amor é um dos grandes poderes do destino, ele se estende do céu até o inferno! Como tantos outros antes de mim, gostaria de ter tentado me aproximar desse demônio chamado Eros, mas faltou-me coragem de procurar aquela linguagem que poderia expressar adequadamente os ilimitados paradoxos do amor!

- Doutorzinho, meu amigo, você encantou e encanta muitas mulheres!

- É que talvez a mulher que mora dentro de mim seja encantada. E você, poeta, quantas mulheres amou e encantou...

- Sempre tentei ser verdadeiro com as minhas bem-amadas. Na verdade, fui um homem de muitas mulheres e com todas delicado e atento. Também acho que nunca fugi do risco e confesso: eu nunca parti de uma mulher que não fosse para outra...

- Mas, poeta, no final das contas acabo concluindo que viver é também aprender a amar. Amar é a questão da vida.

- E eu amo o amor. Mas por esse amor eu compreendo a soma de todos os amores. Mas repare, doutorzinho, quem vem lá: que garota mais linda, mais cheia de graça, num doce balanço.

- Pois é. É Ela. A inspiradora e misteriosa figura que ginga com o gingado da alma e faz dos homens os mais felizes ou os mais infelizes da terra.

- Mas, doutor, é impossível não se apaixonar, e eu quero te dizer que quem nunca sofreu uma paixão nunca vai ter nada, não. Saravá!

Referências Bibliográficas

- BENSAID, C. e LELOUP, J. (2006). *O Essencial no Amor: As Diferentes Faces da Experiência Amorosa*. Petrópolis: Vozes.
- CASTELLO, J. (1994). *Vinícius de Moraes: O Poeta da Paixão - uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FERRAZ, E. (1996). *Vinícius de Moraes*. São Paulo: Publifolha.
- FERRAZ, E. e CÍCERO, A. (orgs.). (2006). *Nova Antologia Poética - Vinícius de Moraes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- JOBIM, A. L. (org.). (2007). *Cancioneiro Vinícius de Moraes - Biografia e Songbook*. Rio de Janeiro: Jobim Music.

-
- JUNG, C. G. (1991). *O Espírito na Arte e na Ciência*. OC 15. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1980). *Psicologia do Inconsciente*. OC 7/1. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2005). *Sobre o Amor*. Schiers, M. (seleção e edição). Aparecida: Ideias e Letras.
- HILLMAN, J. (1990). *Anima: Anatomia de uma Noção Personificada*. São Paulo: Cultrix.
- LISPECTOR, C. (1999). *De Corpo Inteiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- MAGGY, A. (1998). *As Mulheres na Vida de Jung*. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos Tempos.
- MORAES, V. (1964). *Para Viver um Grande Amor*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.
- _____. (2006). *Para Viver um Grande Amor: Crônicas e Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PLATÃO. (2005). *O Banquete*. São Paulo: Rideel.
- VINÍCIUS. Direção: Miguel Faria Jr. Brasil, 2005. DVD duplo (124 min.).

Artigo



Islã, Pós-Modernidade e Jung: um encontro possível?

Claudia Morelli Gadotti*

Sinopse: A partir de um questionamento sobre o que significa arquetipicamente a dívida que o mundo ocidental tem com o Islã, a autora propõe uma reflexão sobre como a ideia de modernidade e do fundamentalismo islâmico habita nosso imaginário coletivo e está presente nas nossas atitudes contemporâneas. Desenvolve um paralelo entre essa dimensão coletiva e a pessoal, entendendo a psique como vítima desse desencaixe entre os automatismos modernos e a vivência mítica, ocasionando um empobrecimento de sua capacidade de criar imagens e fantasias. Por fim, coloca a psicologia analítica como uma possibilidade de resgate da alma contemporânea e da própria experiência psíquica.

Palavras-chave: fundamentalismo islâmico, pós-modernidade, globalização, universo imagético, *anima*, arquétipo.

Resumen: A partir de un cuestionamiento sobre el arquetipo de lo que significa la deuda que el Occidente tiene con el Islam, el autor propone una reflexión sobre cómo la idea de la modernidad y el fundamentalismo islámico habita nuestro imaginario colectivo y se manifiesta en nuestras actitudes contemporáneas. Desarrolla un paralelismo entre la dimensión personal y colectiva, poniendo la psique como una víctima de este moderno automático desacoplar de la experiencia y la mítica, lo que provoca un agotamiento de su capacidad para crear imágenes y fantasías. Al fin, coloca a la psicología analítica como una posibilidad de recuperación del alma contemporánea y su propia experiencia mental.

Palabras clave: fundamentalismo islámico, posmodernidad, globalización, universo imagético, *anima*, arquétipo.

Abstract: By questioning the archetypal significance of the Western world's debt towards Islam, the author proposes to reflect on how the idea of modernity and Islamic fundamentalism inhabit our collective imagination and are present in our contemporary attitudes. She draws a parallel between this collective dimension and the personal sphere, understanding the psyche as a victim of this disconnect between modern automatism and the mythical experience, which leads to an impoverishing of its capacity to create images and fantasies. The paper concludes by situating Jung's psychology as a possible rescuer of the contemporary soul and psychic experience proper.

Key words: islamic fundamentalism, post-modernity, globalization, the image universe, *anima*, archetype.

* Claudia Morelli Gadotti é psicóloga clínica, membro analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica-SBPA.

E-mail: clamgadotti@terra.com.br

Onde está a vida que perdemos vivendo?
Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?
Onde está o conhecimento que perdemos na informação?
- T. S. Eliot

Já é consenso popular a ideia de que alguns sentimentos ou funcionamentos psíquicos simbolizam melhor as principais dinâmicas de um determinado contexto histórico e cultural. Desta maneira, tornou-se lugar comum falarmos em melancolia para os românticos do séc. XIX ou em narcisismo para os homens da nossa modernidade. Pesquisas, reportagens e conversas entre amigos nos informam, porém, que o sentimento da moda é realmente a impotência, essa sensação de sentir-se permanentemente incapaz ou insuficiente, e que afinal é o eco perfeito do narcisismo. Estamos constantemente em falta, na busca de uma completude divina que a contemporaneidade nos impõe. A magnitude do mundo moderno faz com que tudo que temos como recurso próprio pareça sempre medíocre ou deficiente. Sentimo-nos, com muita frequência, em dívida com alguma esfera da nossa vida, seja ela profissional, ou pessoal.

Talvez por isso que, ao deparar-me certa vez com uma reportagem que apresentava um questionamento sobre a dívida que o Ocidente tem com o Islã, senti-me imediatamente e pessoalmente cobrada. Algo naquela reflexão mostrava-me que essa dívida de alguma forma também me pertencia. Obviamente que, tomados pelo olhar da subjetividade psíquica, logo percebemos que esse débito é muito mais amplo e simbólico do que simplesmente propunha uma reportagem sobre a cultura muçulmana. E foi justamente tomada por essa "culpa arquetípica" e pela complexidade simbólica implícita na questão que resolvi encarar esse dedo acusador sobre meu lado ocidental e refletir: Qual é a dívida que o Ocidente tem com o Islã?

Essa é uma pergunta que nos últimos anos esteve presente direta ou indiretamente na pauta das grandes discussões políticas, culturais e intelectuais. Graças ao fundamentalismo suicida do saudita Osama bin Laden, o Islã volta à cena, carregado de preconceitos e identificado a um cenário perfeito para a projeção dos delírios mais persecutórios. Vastas produções literárias e estudos sociológicos sobre essa religião, cuja denominação acaba hoje determinando também uma dinâmica cultural, despontaram desde então.

Quando convocada a refletir sobre a dívida que o mundo ocidental supostamente teria com o Islã, remeto-me inicialmente a alguns incômodos que, na minha concepção, estão contidos nessa questão. A começar pela generalização conceitual de "Ocidente" e "Islã". Deveríamos inicialmente perguntar a qual islamismo de fato nos referimos, pois, assim como há milhares de formas de

expressão do cristianismo, há também outras tantas em relação ao mundo islâmico, mesmo porque contabiliza-se atualmente cerca de 1,3 bilhão de muçulmanos espalhados pelo mundo, em uma diversidade de 60 países. Assim, cabe-nos questionar a tal "unidade ocidental" que queremos criar quando falamos em "Ocidente". Será que podemos de fato falar em um mundo ocidental coeso que inclua igualmente as potências americanas, europeias e os vários países miseráveis da nossa América do Sul? Os últimos eventos políticos e econômicos vêm mostrando o quanto essa unidade ocidental é apenas uma generalização perigosa.

O próprio conceito de dívida é também motivo de reflexão, já que essa palavra nos transporta, inevitavelmente, para algumas experiências e lembranças. Sua ideia traz à tona nossa responsabilidade por um compromisso assumido e ainda não honrado, a consciência de que existe algo que nossos medos, relapso, vaidade ou talvez simplesmente nossa impossibilidade nos impediram de realizar. Tomar consciência da dívida traz maior responsabilidade por ela, tornando sua moratória mais propensa a um julgamento negativo. Este poderia ser o caso, por exemplo, do frágil reconhecimento que a civilização moderna e principalmente a ocidental têm em relação a todo legado cultural herdado dos antigos sábios muçulmanos. Sabemos de toda a importância do mundo árabe no desenvolvimento das ciências médicas, na matemática, na física e na filosofia, conhecimentos dos quais a civilização ocidental pôde posteriormente desfrutar e aprimorar. Temos a consciência dessa outrora supremacia intelectual e científica, mas, mesmo assim, o que hoje é preponderante aos olhos de muitos homens ocidentais é a inferioridade e o chamado "primitivismo" do mundo muçulmano. Reconhecer esse olhar em nós mesmos nos mergulha em uma dívida da qual nos tornamos conscientes e da qual não podemos nos abster.

Mas há também outras formas de nos endividarmos e que são a consequência das artimanhas mais complexas do inconsciente. É o caso das lembranças esquecidas ou reprimidas e que, como não somos delas conscientes, acabam despertando maior tolerância por parte de nossa alma, que é lentamente subtraída. Afinal, como bem mostrou Freud, quem pode com a força das defesas psíquicas, capazes de reprimir, sublimar ou até mesmo negar os conteúdos mais indesejáveis da psique? Neste momento entramos finalmente no território enigmático das nossas dívidas psíquicas, do débito que o ego vai acumulando com a alma no decorrer da existência.

Portanto devo ressaltar que, quando me arrisco nesta reflexão sobre as relações entre Ocidente e Islã, navego no caráter inconsciente da dívida, na representação psíquica que está contida nesta relação.

A relação do homem ocidental com o islamismo é carregada de projeções inconscientes que provavelmente atualizam um antigo padrão arquetípico, o mesmo padrão reeditado, provavelmente, na relação do europeu com o homem latino-americano, ou até mesmo dos primeiros colonizadores com seus colaboradores "primitivos". Seria fácil, portanto, entender o mundo islâmico como a "bola da vez" de um símbolo que arquetipicamente vem ocupando esse lugar de inferioridade e ao mesmo tempo de ameaças. No mundo moderno, pós-iluminista, onde a maturidade foi compreendida como a possibilidade de se desenvolver um ego fortalecido e estruturado capaz de lidar racionalmente com o animismo psíquico expresso nas fantasias e nas imagens inconscientes, uma simples olhadela sobre a interpretação dada aos trechos sagrados do Alcorão bastaria para, como homens modernos (secularistas), diagnosticarmos em seu totalitarismo uma irracionalidade própria do mundo infantil e primitivo. Para os valores contemporâneos de liberdade individual, o preceito básico do islamismo, isto é, a submissão a Deus, é no mínimo anacrônico. A literalidade da fé expressa entre os fundamentalistas e sua relação com a realidade como um palco do sagrado confundem a mente ocidental já tão acostumada com a dissociação entre mito e realidade, entre a fé religiosa e as diferentes esferas da vida. Afinal, tornamo-nos secularistas não apenas na postura religiosa e política, mas também na vivência psíquica e imaginativa. Correndo o risco de repetir antigas dicotomias e fazer algumas simplificações, poderíamos pensar que o que ocorre é uma reedição da supremacia egoica sobre a alma, do mundo materialista sobre o mundo imagético, da dinâmica masculina sobre a feminina. Baseados nessa leitura, poderíamos nos iludir com a ideia de que a aversão provocada pelo Islã no mundo Ocidental reedita o antigo padrão arquetípico de desvalorização ao mundo mítico, o que nos facilitaria na tarefa de redimir o islamismo e reconduzi-lo a seu antigo lugar sagrado, o de ser simplesmente uma religião milenar.

Sabemos, porém, que essa interpretação carrega apenas um desejo nostálgico de encontrar um herói que salve nosso mundo psicológico da enxurrada materialista que se iniciou no período iluminista como um importante processo de reflexão e reformulação de valores humanos, mas que inevitavelmente nos afogou neste excesso de fé no movimento intelectual e científico.

Como referi acima, para interpretarmos a difícil relação do Islã com o Ocidente, precisamos inicialmente delimitar o terreno no qual essa batalha é encenada. Quando genericamente nos referimos ao Islã, não estamos de fato falando de uma religião onde o espaço sagrado é preservado, mas sim de uma forma fundamentalista de traduzir uma realidade. Da mesma maneira, sintetizamos em "mundo ocidental" uma imagem da modernidade onde a perspectiva materialista do homem é predominante. O

embate que realmente nos interessa e que nos atinge diretamente é o do mundo moderno que o Ocidente simboliza com o fundamentalismo religioso que vem se fortalecendo no mundo islâmico. O choque que se dá é entre um mundo pragmático, científico e emancipado, cujo ícone maior ainda é a potência americana, e o caráter místico, irracional, e literal da fé simbolizada pelos fundamentalistas islâmicos.

Somos cúmplices de um mito da modernidade que nos fez crer que a ciência e todo o desenvolvimento tecnológico andariam sempre de mãos dadas com a ética, a felicidade e o bem-estar social. Nossos heróis da modernidade acreditavam que combateriam em um só golpe o monstro das injustiças e sofrimentos que atormenta nossa condição humana. Nossos guerreiros intelectuais do século XX imaginavam que finalmente o desenvolvimento moderno nos traria a paz. Como podemos ver, é possível afirmar que a civilização moderna ao secularizar-se introjetou a onipotência, que outrora era projetada na imagem divina. Assim como os fundamentalistas, também nos apegamos a uma única palavra da Verdade, que no mundo contemporâneo é proferida pela ciência. O monoteísmo religioso deu lugar a outra crença, também única, de que a razão e todo o desenvolvimento científico seriam suficientes para arquitetar o diálogo que de tempos em tempos a sombra coletiva nos impõe à consciência. O fatídico 11 de setembro nos mostrou o despreparo para lidar com um aspecto da nossa consciência coletiva que foi subjugada: a existência do Mal, este incômodo que não nos deixa negar a duplicidade da alma. Assim, perdemos a riqueza imagética que é cultivada justamente por nossas incertezas e dualidades, e cuja presença do Mal e consciência da morte nos impõem. Tornamo-nos pessoas menos psicológicas. A tensão da pluralidade de caminhos, a reivindicação da dúvida, a ambiguidade das experiências ampliam nosso universo imagético, construindo uma trilha onde a fantasia, a imaginação e também o instinto religioso podem caminhar. Bloqueamos esse caminho, e a rota alternativa dada pela ciência e por todo o desenvolvimento tecnológico também não nos fez alcançar o lugar almejado, ou melhor, planejado. A Verdade positivista não mais nos convence.

Os fundamentalistas religiosos, e aqui incluo também as diferentes religiões que proliferam, desenvolveram-se como um movimento de resgate desse desencaixe promovido pelo modernismo, entre a religião e o espaço público, entre a nossa inerente capacidade de simbolização e a realidade objetiva, entre o *Mythos* e o *Logos*. Em outras palavras, acredito que o fundamentalismo religioso fortaleceu-se como uma tentativa de recuperar nossa dimensão psicológica, nossa necessidade de criar símbolos, de criar significados - símbolos e significados que possam de fato dialogar com nossas experiências mais íntimas cumprindo sua função de *re-ligare*.

Mas infelizmente o que temos presenciado nos últimos tempos está longe de ser um resgate do sagrado e da perspectiva mítica da qual o homem moderno tanto se afastou. Ironicamente, os fundamentalistas acabaram apropriando-se das mesmas armas modernas para combater o demônio do secularismo tão temido pelos religiosos mais radicais. O pensador inglês John Gray (2004) afirma que os radicais islâmicos são tão modernos quanto os pensadores neoliberais e os marxistas o foram, pois todos estavam cegamente convencidos de que descobriram a receita única para alcançar a salvação e refazer a condição humana, ideia que, segundo Gray, é a fundadora de um mito exclusivamente moderno: a certeza de um caminho único da felicidade. Coloca ainda que a Al-Qaeda, ícone do fundamentalismo islâmico, é um subproduto da globalização, sendo moderna não apenas no uso de tecnologia, mas também na forma de organização: "A Al-Qaeda é uma multinacional global" (Gray, 2004, p. 93).

No entanto, é da pluralidade anímica e imagética, de suas expressões artísticas e do desejo de estar com o Outro evocado por Eros que os movimentos fundamentalistas religiosos realmente não deram conta. Não são apenas as mulheres que são constantemente mutiladas, mas sim o arquétipo do feminino, principal vítima desse processo de desfiguração. Os radicais muçulmanos, na busca de uma religiosidade na sua própria (única?) essência continuam, paradoxalmente, excluindo a *anima* de sua esfera de atuação, que é, afinal, o próprio arquétipo de nossa interioridade psíquica. O mundo imagético passa a ser vivido de uma forma dogmática, cerceada e conseqüentemente empobrecida. As religiões monoteístas, ao constituírem-se no plano da doutrinação cuja garantia é a soberania do ego controlador, acabam impedindo uma participação mais democrática da totalidade da psique, cuja natureza é politeísta.

Por outro lado, vale ressaltar que, em pleno século XXI, já não vivemos de fato a modernidade tal como descrita por Gray. Para o sociólogo Anthony Giddens (1991), somos personagens de um cenário que ele denomina alta-modernidade, momento que se re-inaugura a institucionalização da dúvida e das incertezas, associado inclusive ao que ele coloca como o fim da história, uma vez que não poderíamos mais falar em uma única interpretação cabível dos fatos históricos (um fundamentalismo histórico?), mas de uma ampla possibilidade de diferentes leituras. Instala-se a era das escolhas ambíguas. Ambigüidades e incertezas que poderiam nos estimular ao excitante exercício da imaginação.

Mas, talvez por um abuso na dose de pessimismo que me cabe, o que de fato tenho notado nessa nova perspectiva pós-moderna é simplesmente uma inversão de valores, fazendo valer não mais uma única verdade, mas a banalização de tudo o que possa

apresentar-se como digno de significado. Vivemos a era do descartável, do transitório, do efêmero, outras destas palavras tão em moda. Vivemos uma espécie de bulimia ideológica, onde nos empanturramos de novas ideias para depois, sem a devida elaboração que afinal é o que torna a experiência significativa, expelirmos todo o seu conteúdo. A pós-modernidade caracteriza-se pela "rápida expansão do consumo, enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares e consagração do hedonismo" (Lipovetsky, 2004, p. 52). O homem pós-moderno, talvez ainda com a euforia de quem foi recém-alforriado do monoteísmo cultural e científico, confunde a riqueza da pluralidade com o descompromisso nas escolhas. Paradoxalmente, no chamado mundo ocidental, embora a proliferação de imagens e diferentes experiências seja uma marca dos tempos atuais, a relação que estabelecemos com essa diversidade está orquestrada por uma atmosfera capitalista de consumo e pragmatismo, embalada atualmente pela melodia da chamada globalização. No mundo global, somos todos conectados como uma grande família, onde as diferenças são praticamente anuladas e cujo princípio básico é a própria unificação. Supomos que o que vemos ou sentimos será o mesmo que um "irmão" de um longínquo vilarejo do Afeganistão também irá sentir, por acaso conectado simultaneamente na mesma tela do nosso computador. Dentro desta ilusão da vida globalizada e assim como na leitura fundamentalista do Alcorão, interpretamos novamente o que outrora podia ser múltiplo como uma única leitura possível da experiência. A riqueza da multiplicidade simbólica destas imagens é subtraída. E o que podemos concluir a partir disso, e o que realmente me parece intrigante, é identificarmos o mesmo caráter "primitivo" do tradicional fundamentalismo muçulmano, também na moderna globalização. Em ambas, reedita-se uma consciência global, em que o pressuposto é uma união inconsciente, uma "participation mystique", onde as diferenças individuais são praticamente extintas. Não existe um Outro, verdadeiramente diferente com quem possamos nos relacionar, capaz de gerar uma distância psíquica que originalmente só pode ser preenchida por nossa capacidade de simbolização e imaginação, criando e cultivando o que chamamos de psique. A visão globalizante de uma unidade, que na verdade acaba nos remetendo ao tradicional monoteísmo cristão, é sobreposta à riqueza das polaridades e nos isenta da fundamental tarefa psíquica de lidar com os conflitos emergentes. A relação psíquica composta por imagens que ocupam esse espaço sadio com o diferente e regida pelo arquétipo da *anima* é o que oferecemos como sacrifício ao deus da globalização. Nossa capacidade de simbolização e de dar sentido aos elementos da vida é drasticamente comprometida nesta dinâmica de empobrecimento das imagens, o que nos remete ao que o filósofo Lars Svendsen (2006) ressaltava como tédio existencial, um fenômeno da modernidade, resultado de uma falha na cultura e na sociedade em cumprir suas tarefas de transmissoras de significado.

E é neste terreno pouco fértil à imaginação deixado pelos pragmatismos da religião e da modernidade que a psicologia pode e deve oferecer sua interpretação do mundo e fazer-se ecoar de uma forma mais significativa na alma das pessoas. O resgate da vivência mítica, imaginativa e religiosa como uma dinâmica própria do humano é um dos grandes desafios da psicologia moderna, pois nos coloca a difícil tarefa de re-acomodar Logos e Mythos na nossa experiência psíquica. Portanto, assim como devemos questionar o que é ser pós-moderno, devemos também refletir sobre o que significa cultivar uma psicologia da pós-modernidade.

O primeiro passo em direção a esta reflexão foi sem dúvida dado pela psicanálise já no início do século passado. O movimento psicanalítico trouxe enorme contribuição ao explicar o homem através de uma nova perspectiva, a do inconsciente, mas realmente não tinha como preocupação ocupar-se do sagrado. Embalada por uma toada positivista da ciência, acabou não permitindo que o indivíduo se apropriasse de um sentimento religioso, e, ao interpretá-lo inicialmente como sublimação de desejos, excluiu a experiência religiosa do plano de uma consciência ativa. A psicologia analítica, ao meu ver, avança ao devolver ao homem aquilo que lhe pertence, ampliando o conceito de religião.

Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que, de acordo com o emprego originário do termo "religio", poderíamos qualificar a modo de uma *consideração e observação* cuidadosas... (Jung, 1999, § 8).

Mais adiante, Jung continua:

Poderíamos, portanto, dizer que o termo "religião" designa a atitude peculiar de uma consciência transformada pela experiência do numinoso (Jung, 1999, § 9).

Com toda a disponibilidade em observar e considerar a experiência psíquica, Jung se movimenta no espaço entre o cientificismo clínico e do próprio dogmatismo das instituições religiosas, despertando-nos para um novo campo, o da realidade psíquica. Consciente desse estrangulamento que as sociedades modernas e as doutrinas religiosas já vinham nos infligindo, revela muitas vezes um sentimento nostálgico sobre esse estado humano trazido pela vivência mítica e pela experiência da *anima* e que aos poucos vem sendo sacrificado. A nostalgia de Jung talvez nos inspire a construir este repertório sobre como deve ser uma psicologia que de fato nos ajude a quitar as dívidas que nossa consciência, identificada unilateralmente com nosso ego, acumula com nossa alma.

...devemos levá-los (os pacientes) às vezes, por longos desvios, a um lugar escuro, ridiculamente sem importância, bem insignificante e desvalorizado de sua psique... (Jung, 2000b, § 301).

Mais do que nunca essa proposta de Jung nos parece arrojada, pois um dos maiores desafios da psicologia contemporânea é o de conciliar o ritmo eufórico, extrovertido e pragmático da modernidade, com a introversão que um aprofundamento na alma requer em um processo de análise. O caminho que percorremos com nossos clientes é realmente escuro, longo e aparentemente sem importância, se o encararmos com a postura imediatista à qual somos constantemente convidados. A sedução de uma vida feliz, mais produtiva e conseqüentemente mais bem-sucedida não atende necessariamente às demandas da psique como um todo, mas sim de uma parcela egoica já tão identificada com a falsa superficialidade das emoções que as diversas campanhas publicitárias e a cultura de autoajuda, de forma tão criativa ajudaram a construir. O canto da sereia é a tentação de darmos respostas rápidas e eficientes para problemas complexos e que na maioria das vezes nos demanda uma postura verdadeiramente analítica, muito mais do que uma simples atitude terapêutica. O percurso da análise muitas vezes nos exige, como analistas, uma atitude religiosa tal como Jung (1999) a definiu, de observação, consideração e principalmente determinação, para não nos deixarmos enganar por essa sedução que se apresenta em forma de verdades absolutas e promessas de segurança.

Outra importante colaboração de Jung foi o de nos conscientizar do compromisso ético com as imagens que emergem em nossa consciência, uma vez que elas não apenas pertencem a nós, mas também à nossa cultura ancestral. A revolucionária ideia de arquétipos. É por meio dos arquétipos que a história de um povo se expressa e nossa humanidade pode se consolidar. Olhar para o arquetípico em nós é olhar para nosso aspecto verdadeiramente humano. Para compreendermos nossa história pessoal, precisamos nos dedicar a uma melhor compreensão de nossa história coletiva. Para entendermos um pouco mais a psique individual, devemos, como nos demonstra a psicologia analítica, olhar para nossos símbolos coletivos com os quais nos estruturamos e dialogamos. O indivíduo sentado à nossa frente no consultório pode nos trazer em seu discurso um pouco do suicida muçulmano ou do prepotente europeu que, incorporados à sua experiência pessoal e à sua forma de expressar essa miscigenação arquetípica, o torna ao mesmo tempo único, porém comum, isolado, mas ao mesmo tempo globalizado, moderno e tradicional. James Hillman (1983) aprofunda-se na teoria dos arquétipos de Jung desenvolvendo a ideia de que o "conheça-te a ti mesmo" é, sob a perspectiva da psicologia analítica, um processo coletivo de desvendamento dos inúmeros personagens míticos que atuamos no decorrer da existência. A ideia junguiana de arquétipo nos insere na coletividade, mas nos dá também uma responsabilidade sobre a mesma.

O inconsciente coletivo é tudo, menos um sistema pessoal encapsulado, é objetividade ampla como o mundo e aberta ao mundo. Eu sou o objeto de todos os sujeitos, numa total inversão de minha consciência habitual, em que sempre sou sujeito que tem objetos. Lá eu estou na mais direta ligação com o mundo, de forma que facilmente esqueço quem sou na realidade. "Perdido em si mesmo" é uma boa expressão para caracterizar este estado. Este si-mesmo, porém, é o mundo, ou melhor, um mundo, se uma consciência pudesse vê-lo. Por isso, devemos saber quem somos. (Jung, 2000^a, § 46).

Talvez por isto a dívida que o Ocidente tem com o Islã reflita um pouco a que cada um de nós tem com nossa psique individual. Algo de nós é também mutilado nessa discriminação social e política que vemos e somos cúmplices no cotidiano. O que sacrificamos diariamente não é apenas a solidariedade com povos distantes ou "inimigos", mas uma parte de nossa psique que também é subjugada e esquecida, e por isso mesmo acaba tornando-se ameaçadora. De alguma forma sabemos disto, e em algum lugar de nossa alma as injustiças, traições e dívidas acumuladas entre povos encontram eco nas nossas psiques individuais. Acredito que uma psicologia da alma que tenha como verdadeira preocupação inserir o homem na sua dimensão arquetípica e ao mesmo tempo torná-lo um indivíduo único com suas próprias particularidades é um dos caminhos que nos possibilita quitar as dívidas com nosso mundo imagético e anímico, reconstituindo assim a ideia de uma alma conectada a uma comunidade consciente. E o que é isso se não o próprio processo de individuação defendido por Jung (1988)?

Referências Bibliográficas

- ELIOT, T. S. (1934). *Choruses from "The Rock" in The Complete Works and Plays*. Londres: Faber & Faber.
- GIDDENS, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- GRAY, J. (2004). *Al-Qaeda e O Que Significa Ser Moderno*. Rio de Janeiro: Record.
- HILLMAN, J. (1983). *Healing Fiction*. New York: Station Hill Press.
- JUNG, C. G. (2000a). *Os Arquetipos e O Inconsciente Coletivo*. O.C. 9/1. Petrópolis: Vozes.
- ____ (2000b). *Civilização em Transição*. O.C.10/3. Petrópolis: Vozes.
- ____ (1999). *Psicologia e Religião*. O.C. 11/1. Petrópolis: Vozes.
- ____ (1988). *A Prática da Psicoterapia*. Contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência. O.C.16. Petrópolis: Vozes.
- LIPOVETSKY, G; CHARLES, S. (2004). *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- SVENDSEN, L. (2006). *A Filosofia do Tédio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Artigo



Histórias que a Alma Conta: reflexões sobre eventos do filme *A História Oficial*

Elizabeth de Miranda Sandoval*

Sinopse: Este artigo propõe uma reflexão a respeito dos fatos históricos relatados pelo filme *A História Oficial* de Luiz Puenzo, faz um paralelo sobre a visão literal e a visão simbólica dos eventos relatados. Sugere que, por mais incompreensíveis que os fatos possam parecer sob o olhar unilateral da visão do ponto de visto do ego, existem motivos que evidenciam a intencionalidade do inconsciente. Esta reflexão assinala uma das maneiras sugeridas pela alma para recontar a história oficial, mais especificamente o motivo da criança. Num percurso que vai da análise do contexto histórico ao nascimento da criança, seu abandono, trauma, adoção e possibilidade de transformação, o autor aponta para os processos do mundo anímico.

Palavras-chave: alma, evento simbólico, propósito, solidariedade, trauma, transformação.

Resumen: Este artículo hace una reflexión sobre los datos históricos presentados en la película *La Historia Oficial* de Luiz Puenzo y hace un paralelo entre la visión literal y la visión simbólica de los acontecimientos relatados. Sugiere que, por más incomprendibles que los hechos puedan parecer bajo la mirada unilateral de la visión egóica, hay razones que evidencian la intencionalidad del inconsciente. El estudio aporta una de las formas sugeridas por el alma para se contar la historia oficial, más específicamente la motivación de niña. En un movimiento que va desde el momento histórico hacia el nacimiento de la niña, el abandono, los traumas, la adopción y la posible transformación, la autora indica los procesos del mundo anímico.

Palabras clave: alma, evento simbólico, propósito, solidaridad, trauma, transformación.

Abstract: This article reflects about historical events as reported by the movie *La Historia Oficial* by Luiz Puenzo. It traces a parallel between its literal and symbolic approaches. It suggests that although the facts reported may seem incomprehensible for the ego, there seems to be a motif which points at the purposefulness of the unconscious mind. This study intends to show one of the many ways suggested by the soul to retell the story, more specifically the story of the child. The presentation goes from an analysis of the historical context and covers the birth and abandonment of the child, trauma, adoption and possibility of transformation, pointing out the processes of the soul.

Key Words: soul, symbolic events, purposefulness, solidarity, trauma, transformation.

* Elizabeth de Miranda Sandoval é psicóloga clínica, pós-graduada em psicologia analítica e membro *trainnee* da Associação Junguiana do Brasil, Instituto Junguiano do Paraná-IJPR.

E-mail: magmapsicologia@terra.com.br

Na terra do não me lembro
Dou três passinhos,
E me perco.
Um passinho para ali,
Não me lembro do que fiz
Um passinho para cá
Que medo
Que me dá.
(Trecho da trilha sonora do filme).

A trama do filme ocorre em Buenos Aires, no ano de 1983, e relata a situação da Argentina após a ditadura. Conta a história de Alicia, uma professora de História da Argentina que, paradoxalmente, só vai descobrir que muito pouco sabia sobre a história de seu país quando, alguns anos mais tarde, suspeita que a criança que havia adotado poderia ser filha legítima de jovens considerados desaparecidos. A verdade sobre a origem da criança adquire papel fundamental no resgate da memória da história.

Lançar um olhar psicológico sobre o filme é observar os eventos com o máximo possível de isenção e preconceitos. É tomar distância do fato literal e apreciar o evento simbólico. É analisar o evento por analogia, afastando-se do paradigma causal tão utilizado pela ciência oficial. Para ser psicológico esse olhar, precisa ainda excluir a ética jurídica e a ética religiosa. Observar os eventos do ponto de vista da psicologia analítica, isto é, sob o olhar desfocado do inconsciente, é acolher a metáfora, é aceitar o paradoxo. É um pensar "como se": Isso é "como se" fosse aquilo. É um imaginar. Esse olhar atravessa o fato em busca de seu significado. Haveria um propósito que sustenta aquele fato? Este olhar não conclui, diz como as coisas parecem ser. Abre portas.

Com esse olhar, vamos então buscar a história "oficial" contada pela alma. Pique é alma. Quando dizemos alma não nos referimos ao sentido religioso do termo. Falamos do papel de relação que essa instância psíquica contém. Esta história conta do gosto que a experiência de um fato deixa na boca; fala do sabor do evento. É uma história por dentro da história, que atualiza, naquele evento, a história da humanidade, desde o princípio. Conecta os fatos à sua origem.

Existe paralelamente à história oficial uma história vivida, uma história da alma. A história oficial relata os eventos assim como eles aconteceram. Esses eventos ficam fixos na memória e só podem ser julgados. Já a história da alma conta como esses eventos foram experienciados por pessoas comuns. Fala da relação do evento com a pessoa. Transforma-o num evento psíquico. A forma simbólica de relatar a história mantém os fatos vivos na memória, permitindo que se transformem continuamente através do tempo.

Vamos então à história da criança abandonada, Gaby

Enquanto Gaby se preparava para nascer, o mundo vivia um momento turbulento após o grande conflito da Segunda Guerra Mundial. Ideologias políticas divergentes dividiam o mundo em polos opostos. As pessoas viviam como se o sistema hegemônico estivesse seriamente ameaçado. Como se uma nova ordem, uma nova corrente de pensamento ameaçasse o poder. A visão literal concluía: temos de nos livrar da ameaça. A Argentina, como várias outras repúblicas latino-americanas, tornara-se sombria. Instalou-se ali o caos.

O que acontece com o homem nessas ocasiões?

O medo se agiganta e se espalha. O sistema vigente já não protege os interesses do indivíduo. O novo modo de pensá-lo ainda é só promessa. O indivíduo fica só. Sem direção, agarra-se ao que lhe parecer mais forte. Cada um procura salvaguardar seus interesses. Sua consciência individual se apequena e se dilui no coletivo. Constela-se um fenômeno que conhecemos como identificação coletiva:

Via de regra, quando o inconsciente coletivo se torna verdadeiramente constelado em grandes grupos sociais, a consequência será uma quebra pública, uma epidemia mental, que pode conduzir a revoluções, guerras, ou coisa semelhante. Tais movimentos são tremendamente contagiosos, eu diria inexoravelmente contagiosos, pois quando o inconsciente coletivo é ativado ninguém é mais a mesma pessoa (Jung, 1998: § 93).

Isto acontece mais ou menos assim: aquilo que sou eu quando estou do avesso, aquele eu que às vezes me faz passar vergonha, sai do esconderijo, escapa do meu controle e mostra sua cara.

Quando estamos identificados a um grande número de pessoas por um mesmo ideal, por um mesmo temor, por uma mesma paixão, somos facilmente sugestionáveis. O grupo se relaciona num nível inferior de consciência em relação à consciência do indivíduo. Essa relação se dá via inconsciente. A moral torna-se duvidosa. Um pensamento apoiado pela maioria, ainda que imoral, é facilmente aceito por todos. O homem abandona a ética que o dirige. Sente-se mais forte e toma a justiça em suas mãos. Ele não mais se sente responsável por seus atos. A Argentina de então vivia um momento de identificação coletiva. Inocentes eram torturados e mortos.

Haveria um propósito oculto por trás de tudo isso?

Em períodos de tais turbulências sociais, há na humanidade uma fermentação que propicia a transformação. O mundo se transforma para o bem ou para o mal.

Que função teriam os pais biológicos de Gaby nesse momento histórico?

Os jovens pais de Gaby simbolizavam a nova ordem. Lutavam por ela, combatiam a estagnação de um sistema obsoleto e violento que se queria perpetuar. Eles eram ideias, eram ideais, promessas de futuro. Não tinham vínculo com suas vidas na terra. Não habitavam o presente. Suas vidas eram feitas do amanhã. Tudo neles era incerto, provisório. Eram seres apaixonados, alados, descorporificados. Não temiam a morte. Eram presas frágeis num mundo de carne e osso. Desprotegidos, não protegeram. São, hoje, os desaparecidos da história oficial.

Como instância psíquica, suas vidas se ocuparam do que é eterno em nós. Sua luta e sua inconsequência talvez quisessem salientar o quanto o homem se distanciara de sua essência, o quanto se desrespeitara. Eles semearam do alto os germes do amanhã e se foram. A menina nascida no cativo ficou abandonada.

O abandono

Ainda que indesejado, temido, o abandono é um fato humano. Todo ser humano sente-se de alguma forma abandonado. O nascimento já é um abandono, um trauma.

Uma criança abandonada de súbito desperta,
olhos arregalados errando, temerosos
por todas as coisas a sua volta,
e vê somente que não pode ver
os olhos acolhedores do amor.

(Eliot, tradução livre)

O olhar profundo, irrequieto, tristonho de Gaby, como o olhar de Eliot, denuncia sofrimento. Que marcas trará em seu corpo da história da violência que guarda na memória?

Seus olhos sondam, perscrutam o mundo a sua volta, buscando o elo que lhe falta. São olhos de abandono, são olhos que sabem...

[...] A criança se encontra de tal modo ligada e unida à atitude psíquica dos pais, que não é de causar espanto se a maioria das perturbações nervosas verificadas na infância devam sua origem a algo de perturbado na atmosfera psíquica dos pais (Jung, 1986: § 80).

É como se a pessoa abandonada pairasse acima do abandono, acima da realidade traumática, enquanto um movimento compensatório da psique luta contra a ruptura.

Teria ela uma segunda chance? Sobreviveria?

Nesses momentos de solidão a natureza conduz ao mundo do "como se", ao mundo da imaginação, onde o tempo em sua arte se utiliza de artimanhas juntando passado, presente e futuro; o que fomos; o que somos; o que podemos vir a ser. Esse movimento possibilita que conteúdos traumáticos possam ser processados e re-significados. (É o que faz a análise.)

As divagações tristonhas exprimem que uma parte do amor, que antes pertencia a um objeto real, e devia mesmo pertencer a tal objeto, se *introverteu*, isto é, voltou-se para dentro, para o próprio sujeito, e aí produz um aumento da atividade imaginativa.

(...)

Trata-se mesmo de um processo típico. Sempre que a vida esbarra num obstáculo e se torna impossível a adaptação, estanca a transferência da libido para o mundo real, e aparece a introversão. Neste caso, em lugar da atuação sobre o mundo real, aparece uma atividade acentuada da fantasia... (Jung, 1986, §: 13).

O trauma

Quando uma criança é abruptamente separada dos pais ocorre uma quebra, um perigo real de aniquilamento da essência, porquanto a existência do bebê não se limita à sua vida. Psicicamente aquela criança é ao mesmo tempo seu pai e sua mãe. O desaparecimento deles pode significar para ela o próprio desaparecimento. A ligação tanto biológica quanto psíquica da criança com seus pais é um fato. É como se a memória registrasse todos os lugares por onde a criança passou desde a vida fetal.

A 'díade' mãe-bebê existe e abarca a realidade da época em que o lactente não pode ser separado da mãe sem o risco de uma ruptura existencial. Trata-se de um estado fusional do organismo da criança com o organismo da mãe... (Dolto, 1989: 13).

Um trauma, um abalo psíquico nesse caso, pode ter ocorrido quando o bebê foi afastado violenta e irremediavelmente dos pais. Esse abalo poderá, como já dissemos, até mesmo significar a extinção da vida do bebê. Esse evento psíquico deixa marcas que vão além de seu corpo. Feridas que constituem um marco na história individual. É uma encruzilhada que se abre para vários caminhos. É, também, uma abertura.

A natureza dota-nos com mecanismos inatos que nos protegem contra eventos traumáticos. Esses mecanismos protegem o bebê contra a sua extrema vulnerabilidade, contra a sua extrema fragilidade.

O que pode socorrer o bebê do trauma, então?

Primeiramente a imaginação o protege, conduzindo-o ao mundo do "como se", do faz de conta, o que o distancia do evento literal; também sua ancestralidade, sua hereditariedade e singularidade e, ainda, o modo como essa criança for acolhida pela vida após o trauma. Todos esses aspectos combinar-se-ão de algum modo, formando as bases para seu desenvolvimento psíquico.

Disso decorre que o trauma vivido não é equivalente em intensidade ao fato traumático. Ele é em grande parte determinado pelo significado particular que o sujeito confere a esse evento.

Em outras palavras, não é o choque em si que provoca invariavelmente a doença, mas esta ocorre quando ele encontra uma certa disposição psíquica, que poderia ser o fato de o paciente atribuir inconscientemente um significado específico ao choque (Jung, 1995: § 9).

E acrescenta:

...na totalidade dos casos até então analisados, existia, ao lado dos fatos traumáticos da vida, uma perturbação de ordem específica, situada no plano erótico (Jung, 1995: § 10).

O grande trauma na vida de Gaby talvez venha a ser o silêncio, a farsa, a mentira da história. Ela vive a não verdade do relacionamento de seus pais adotivos, vive o silêncio a respeito da história de sua origem.

As crianças têm uma capacidade incrível de acabar eventualmente descobrindo os fatos, e, se descobrirem que a pessoa na qual confiavam as enganou, isto torna-se muito mais importante para elas do que aquilo que descobriram. Os fatos podem ser aceitos porque são fatos; o terrível é não saber se alguma coisa é um fato, um mistério ou uma fantasia (Winnicott, 2004: 138).

A vida se assenta sobre a verdade. Omiti-la é construir o vazio. E é neste vazio que se instalam o medo, a angústia. E para esse trauma não há proteção da natureza. A natureza não mente, ela se impõe, quer queiramos ou não.

O trauma só poderá ser re-significado se a história oficial da criança for respeitada. Se a verdade sobre sua origem puder ser buscada. Essa verdade é o elo que a conecta a si mesma.

Como a imaginação a protege?

A imaginação é o refúgio de Gaby: Ela canta... Cantando acalma sua alma.

"[...] se começa a criar pela imaginação inventiva aquilo de que se sente falta, com o intuito de compensar a perda irreversível" (Jung, 1986: § 13).

A imaginação conduz Gaby a seu mundo interno, à sua essência. Lá estão concomitantemente seu passado, seu presente e suas possibilidades futuras. Lá não existe abandono, nem medo. Seu cantar faz cantar essa estrutura interna. Ela tem um lugar para onde ir dentro de si.

No filme, quando ela fica só na banheira, canta para comunicar que está viva. Para dormir, canta para sua mãe. Quando apavorada com a brincadeira agressiva dos primos, entra em seu quarto e toca a música enquanto canta. Só, na cadeira de balanço, ela canta.

Acreditamos que aquela mãe, ao modo das mães, tenha cantado várias canções de ninar, mas Gaby repete sempre essa:

Na terra do não me lembro
Dou três passinhos,
E me perco.
Um passinho para ali,
Não me lembro do que fiz
Um passinho para cá
Que medo
Que me dá.

Sincronicamente a letra da canção fala de um solo, de uma terra de que não se lembra; há um doloroso hiato em sua história. Ela dá uns passos, tenta visitá-lo, mas se perde, não lembra, e isso lhe dá medo. Ela canta seu medo, seu cantar a protege dele.

Jung diz que a maior parte do relacionamento entre pais e filhos se dá via inconsciente, daí que, nesse ato de imaginação, a criança comunica à mãe repetidamente que precisa ouvir sua história. Pede que a mãe adotiva se comprometa com a verdade, que se comprometa com ela. Por meio da música ela mostra o quanto sente sua verdade.

Seria a adoção de Gaby diferente de qualquer outra adoção informal que ocorre todos os dias aqui mesmo em nosso país?

O que é oficial, afinal?

Chegamos a um ponto crucial na história. Mas de que história estamos falando? Da história oficial? Da história da alma? Qual é afinal a história oficial? Onde se encontra a verdade? E a que verdade estamos nos referindo?

Se, segundo o dicionário Aurélio, oficial significa "Proposto por autoridade, ou emanado dela", ou ainda "conforme as ordens legais" (Ferreira, 1975: 992), a que autoridade devemos nos reportar? Porque a história da alma é proposta pela autoridade que rege as leis da natureza. Será esta autoridade menos legal? Será ela menos verdadeira por ser paradoxal, metafórica?

O inconcebível acontece

Os vilões, aqueles mesmos que raptaram e talvez tenham matado os jovens pais, aqueles que talvez tenham também raptado a criança, os mesmos que, de uma forma ou de outra, causaram muito sofrimento à menina, se propõem agora a dar-lhe um lar. Um lar com telhado de vidro, assentado sobre a omissão, sobre o silêncio, um lar de mentirinha, mas ainda assim o lar que acolhe Gaby. O lar que lhe coube naquele momento de sua existência.

Do ponto de vista simbólico, haverá um propósito oculto, um propósito que não conseguimos captar e muito menos aceitar?

Do submundo de um regime despótico, emergindo do inferno da barbárie, por meios tortuosos, Gaby chega até Alicia.

Fato é que ela é adotada por Alicia e Roberto. Chega com suas roupas rotas, sua história, seu abandono. Despe-se de seu nome, de sua origem e ganha outra identidade. É agora filha, justamente, de representantes do velho sistema que seus pais biológicos com tanto afincamento combateram e pelo qual morreram. São, por vezes, abomináveis do ponto de vista da razão os caminhos que a alma trilha.

Qual é a história que a alma parece contar?

Aquele bebê precisava muito de aconchego. Sem um olhar carinhoso não sobreviveria. Ele ansiava por um coração que o amasse, um abraço que o acolhesse, um sentimento que lhe sussurrasse "você não está mais só" para poder então renascer.

Do outro lado da vida, havia outra criança, agora já crescida, que também tivera sido violentamente abandonada. Um acidente fatal roubara-lhe os pais. Ela soube da morte deles muitos anos mais tarde. Essa mulher tinha um grande abraço guardado no peito e esperava ansiosamente por aqueles bracinhos estendidos. Essa mulher vivia só, presa no casulo de seu próprio abandono. Fora enganada. Alienara-se do mundo a sua volta. A vida lhe reservara Gaby.

"O senso comum fala do 'amor maternal' como sendo natural e instintivo, mas existem polêmicas sobre este fato" (Bandinter, apud Weber, 2002: 85).

Embora não seja possível negar a existência de fatores biológicos atuando na história ontogenética de cada indivíduo, muitos depoimentos de pais que adotaram revelam que a aprendizagem no amor pode ser mais relevante (Weber, 2002: 85).

A mitologia apresenta várias histórias de vidas cheias de significado, sendo salvas da morte. Histórias de crianças especiais que sobreviveram enquanto tantas outras pereceram.

Se a filha do faraó não tivesse retirado das águas a cesta de vime do pequeno Moisés, não teria havido o Antigo Testamento e toda a nossa civilização! No início de todos os mitos antigos, existe uma pessoa que salva uma criança abandonada. Se Políbio não tivesse recolhido o pequeno Édipo, Sófocles não teria escrito sua bela tragédia (Kundera, 1984).

A maioria das histórias sugere que sobreviver a uma grande tragédia e ainda assim encontrar amor no mundo fazem com que uma pessoa se torne psicologicamente mais forte e com uma consciência ampliada, o que lhe permite ter maior controle sobre seu destino.

Alicia é uma professora de História da Argentina inteiramente inconsciente do mundo ao seu redor. Sempre acreditara, ingenuamente, no que lhe diziam. Ela nada sabia a respeito do momento histórico que vivia, nada sabia sobre a vida profissional do marido, não conhecia a origem de sua filha. Nada perguntara, não poderia se responsabilizar.

Podemos questionar psicologicamente, porém, se justamente toda essa inconsciência não teria possibilitado, ao menos a princípio, o abraço cúmplice, carinhoso que o bebê tanto necessitava.

Inconsciente de sua função no mundo, Alicia desempenha papéis. Aceita valores que lhe são transmitidos. Teme mudanças. Qualquer coisa fora daquilo que está escrito nos livros oficiais abala sua estrutura psíquica. Jung diz que o consciente ainda não está pronto para tomar uma decisão independente, mas prefere o inconsciente e para isso -inconscientemente- faz política de avestruz.

Roberto, o equivalente oposto de Alicia, recusa ativamente o novo. Ele se compromete com a máquina da repressão militar. Como Alicia, também não é livre, segue o rebanho. Silencia a voz que vem do coração. Sofre no encontro com seu pai, com suas raízes. Tornara-se presa do coletivo. É um pai distante, um marido distante, um homem distante de si.

Esses pais *velhos*, estagnados na manutenção do poder vigente, abrigam-se no silêncio e desempenham o que poderíamos chamar de uma farsa. Mas, ainda assim, mesmo tendo construído seu lar sobre a areia, o filme sugere que cuidaram e protegeram aquela criança, a filha do "amanhã".

A transformação

A vida dessa menina e o vínculo que os pais estão construindo com ela engendram uma tomada de consciência que modificará seus destinos.

O acaso semeia a transformação. Gaby vive num limiar entre a terra do não me lembro e a vida normal de uma criança de sua idade, vive entre a ameaça de ruptura e a confiança na vida. Ela está envolvida por um silêncio que a amedronta. Mas Ana, a amiga de Alicia, retorna inesperadamente do exílio e traz consigo um presente; ela traz um grande conflito. Ela é memória viva dos desmandos do poder, memória viva da tortura. Abre-se uma brecha no paredão feito de silêncio, de intolerância, de ignorância. Esse evento poderá salvar Gaby da mentira, enquanto oferece aos pais uma oportunidade de rever, reavaliar e reorientar suas vidas.

A história da origem da menina começa a se delinear. (Gaby acompanha com os olhos do sono, entreabertos, a conversa entre as amigas.) Ana compartilha o que acontecia por trás da história oficial. Alicia começa a questionar-se seriamente. Agora quer saber se não estaria enganada, se sua filha não seria filha da tortura, se Roberto não estaria envolvido em atividades escusas. Ela se debate, quer fugir; poderia perder a filha, perderia a estabilidade.

Esse conflito rasga o tecido já puído de suas frágeis verdades. Ele abala e faz ruir seu mundo velho, sua postura diante das questões ético-político-sociais, sua relação com Roberto.

As questões sobre a origem de Gaby tornam-se vitais também para Alicia. Juntas poderiam encontrar seus elos perdidos. Somente suas verdades poderiam lhes fornecer o verdadeiro sentido de pessoa. "A falta de conhecimento sobre nossas origens faz com que sintamos que nós mesmos também somos irreais" (Imber-Black, 1994: 99).

Somente o acolhimento das verdades que a alma conta pode construir bases sólidas para nossas histórias individuais.

Alicia arrisca-se a perder

Em sua busca Alicia se depara com as mazelas sociais, para as quais estivera cega. Envolve-se com a dor do outro. Encontra ou é encontrada, ao que parece, pela suposta ancestral materna de Gaby e se dá conta do quão envolvida estivera em sua passividade com todo o bárbaro processo que vinha acontecendo na Argentina. Ela chora.

Aquela mãe da Praça de Maio diz:

- Chorar não adianta!!!

Essa avó parece estar dizendo: essa solidariedade que nosso mundo pós-moderno cultiva não serve!!!

É curioso que Gaby sempre se confunda com essas palavras: *solidária* e *solitária*.

Na mesma medida em que sentimos solidariedade, sentimos não ser cúmplices daquilo que causou sofrimento. Nossa solidariedade proclama nossa inocência, assim como nossa impotência. Deste ponto de vista, apesar de nossas boas intenções, ela pode ser uma reação imprópria (Sontag, 2003: 86).

A solidariedade que apregoamos pode deixar o outro solitário; ela significa "sou diferente de você que sofre, e sou diferente do algoz que faz você sofrer". Estou acima do que está acontecendo, mas posso chorar por e com você.

Não haveria um convite à reflexão nesse lapso que a faz recorrentemente confundir aquelas palavras? Reflexão esta que abarca a mensagem deixada por aqueles jovens pais? Não estaria a vida gestando neste evento, mudanças nos paradigmas que norteiam nossas vidas, que norteiam nossas relações no mundo? Não estaria ela questionando a solidariedade que docemente pregamos, mas que nos isenta do comprometimento e da atitude? Não seria Gaby, em sua sobrevivência traumática, a memória que nos incita a tomar consciência? O olhar que perpassa a aparência e vai à busca da essência? Aquela centelha que nos incita a reinventar a história oficial?

"A verdade só existe para o indivíduo à medida que ele a transforma em ação" (Kierkegaard).

A nova velha Alicia solta seus cabelos, mais consciente de si, finca seus pés no chão e enfrenta, enquanto Roberto nega, esconde a cara e remenda a máscara. Traz estampada no rosto a face do torturador.

O filho é uma conquista que se incorpora à vida dos pais, modificando sua trajetória de vida, interferindo na sua história pessoal. Como consequência, a vida do filho é também modificada por seus pais, segundo a forma e a qualidade da relação afetiva (Schettini, 1998: 73).

Sabemos que toda mudança significativa na história da humanidade se engendra primeiramente no coração do homem. Aquela professora por certo será, doravante, diferente.

Ela já vive a mudança que Gaby corporifica.

Referências Bibliográficas

- DOLTO, Françoise (1989). *Quando os Pais se Separam*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ELIOT, George. *Daniel Deronda*. Wodsworth Editions.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1975). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- IMBER-BLACK, Evan (1994). *Os Segredos na Família e na Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- JUNG, Carl Gustav (1986). *O Desenvolvimento da Personalidade*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1987). *Psicologia do Inconsciente*. Vol. VIII. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1997). *A Vida Simbólica*. Vol. I. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1998). *Idem*. Vol. XVIII. Petrópolis: Vozes.
- KUNDERA, Milan (1984). *A Insustentável Leveza do Ser*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHETTINI FILHO, Luiz (1998). *Compreendendo os Pais Adotivos*. Recife: Bagaço.
- SONTAG, Susan (2003). *Diante da Dor dos Outros*. São Paulo: Companhia das Letras.
- WEBER, Lídia Natalia (2002). *Pais e Filhos por Adoção no Brasil*. Curitiba: Juruá.
- WINNICOTT (2004). *Pensando sobre Crianças*. Porto Alegre: Artmed.

Artigo

As Fases da Lua

W. B. Yeats

Tradução e comentário de Dora Ferreira da Silva



William Butlen Yeats nasceu em Dublin, Irlanda, em 1865. Sua obra poética e teatral valeu-lhe o Prêmio Nobel de Literatura, em 1923. É considerado pela crítica mais autorizada uma das maiores personalidades políticas da primeira metade do século XX. Os estudos herméticos e a teosofia o atraíram, desde a juventude, chegando a presidir, em 1900, a Ordem Hermética da Golden Dawn. Obras principais: *Autobiographies*, *The Collected Poems*, *Dramatis Personae*, *Early Memories*, *Last Poems and Plays*.

Um velho, sobre a ponte, aguçou atentamente o ouvido;
ele e o amigo, as faces voltadas para o sul,
trilharam o caminho desigual, as botas sujas de terra,
as roupas de Connemara deformadas pelo uso.
Apesar da lua trêmula e tardia, mantinham
Passo constante, embora o pouso fosse remoto ainda.
Um velho aguçou atentamente o ouvido.

Aherne *Que ruído é esse?*

Robartes *Um rato ou frango d'água*
Chapinhando, ou uma lontra a deslizar no rio.
Eis ponte, aquela sombra é a torre
e a luz mostra que ele ainda lê.
À maneira dos de sua raça, encontrou
Meras imagens; escolheu este lugar para viver
Por causa, talvez, da luz de vela
Da torre distante onde o platônico Milton
Empoleirou-se por último, ou Shelley, príncipe visionário:
A luz solitária que Samuel Palmer gravou,
Imagem de um saber singular ganho pelo árduo labor:
E ei-lo que procura em livro ou manuscrito,
O que jamais encontrará.

-
- Aherne* Por que, tudo sabendo,
não bates à porta e falas o bastante
para lhe mostrares que sua vida inteira
apenas bastaria para encontrar a côdea
dessas verdades que compõem teu pão diário?
E então retomarias o caminho
- Robartes* Ele escreveu sobre mim no estilo extravagante
que herdou de Pater, e para completar a história
Declarou-se morto. Aceito, pois, a condição de morto.
- Aherne* Canta-me outra vez as fases da lua,
Canção verdadeira, embora em prosa:
"meu autor cantou-m'a".
- Robartes* Vinte e oito são as fases da lua:
A cheia, a nova e todos os crescentes;
Vinte e oito, mas apenas vinte e seis
são os berços que podem acalantar o homem,
pois não há vida humana no plenilúnio
ou na lua negra. Do primeiro crescente à meia-lua,
o sonho apenas incita à aventura, e o homem
é sempre feliz, como animal ou pássaro,
Enquanto a lua avança para o plenilúnio,
Segue ele a mais difícil fantasia entre
As fantasias possíveis, e embora lacerado
pelo gato-de-nove-garras da mente,
o corpo moldado de dentro do seu corpo
floresce em graça. Transita a décima primeira lua:
Atena toma Aquiles pelos cabelos,
Heitor jaz no pó, Nietzsche nasceu,
pois o crescente do Herói é o décimo segundo.
E então, duas vezes nascido, duas vezes sepulto,
deve o homem crescer - antes do plenilúnio -
desamparado como um verme. A décima terceira lua
funda a alma em guerra, na raiz do seu ser
e, iniciada essa guerra, não há músculo no braço;
depois, sob a fúria da décima quarta lua,
estremece a alma em íntima quietude
para morrer no labirinto de si mesma!

- Aherne* *Canta a canção, canta-a até o fim, canta
A estranha recompensa de todo esse rigor.*
- Robartes* *Transforma-se o pensamento em imagem
e a alma em corpo: corpo e alma perfeitos em demasia
- durante o plenilúnio - para que um berço os
contenha. Demasiadamente sós para o tráfico do mundo:
corpo e alma arrojados e submersos
além do mundo visível.*
- Aherne* *Todos os sonhos da alma
terminam num belo corpo de homem ou de mulher*
- Robartes* *Não o sabias!*
- Aherne* *Diz a canção que aqueles
A quem amamos receberam seus longos dedos
da morte, e as chagas no cume do Sinai, ou de um açoite
maculado de sangue em suas próprias mãos. Errantes,
de berço em berço, eis que por fim
sua beleza goteja da solidão
de corpo e alma*
- Robartes* *Assim o sabe o coração do amante.*
- Aherne* *O terror de seus olhos talvez seja a memória
Ou o pressentimento da hora em que tudo
É saciedade de luz sob um céu vazio.*
- Robartes* *No plenilúnio, as criaturas da plenitude
são vistas nas colinas desoladas
por camponeses trêmulos que se afastam apressados:
corpo e alma alheados no pasmo de si mesmas,
elas são vistas em contemplação, o olhar da mente
fixo em imagens que uma vez foram pensadas,
pois só as imagens imóveis, perfeitas, apartadas,
podem romper a solidão
dos belos olhos saciados e indiferentes.*

E então soprando para o alto a voz roufenha.
Aherne riu, pensando no homem da torre.
em sua vela sem sono e em sua pena incansável.

-
- Robartes* *E depois disso, a fragmentação da lua
Recorda-se a alma de sua solidão
E estremece temerosa em muitos berços:
Tudo mudou, ela seria a serva do mundo
e assim, escolhendo as tarefas mais árduas
entre as tarefas possíveis, contrai
em seu corpo e em sua alma
a rudez do escravo.*
- Aherne* *Antes do plenilúnio
Buscou-se a alma a si mesma, e depois, o mundo*
- Robartes* *Porque persistis no esquecimento, vivendo a meias,
e nunca escrevestes um livro, vosso pensamento é claro.
Reformadores, comerciantes, eruditos, homens de Estado,
maridos fiéis, esposas honestas por seu turno,
berço após berço, tudo em fuga e deformado,
porque não há deformidade
que nos salve de um sonho.*
- Aherne* *E quanto àqueles
que o último crescente dos servos libertou?*
- Robartes* *Porque inteiramente escuros, como os que são
inteiramente luz,
eles são arrojados além da margem, numa densa nuvem,
gritando uns para os outros como morcegos:
imunes ao desejo, não podem distinguir
o bem do mal, nem sabem o que seja o triunfo
na perfeição da íntima obediência;
e repetem o que lhes insuflam na mente,
deformados além da deformidade, informes,
insipidos como a massa antes de ser levada ao forno,
mudando seus corpos a uma palavra.*
- Aherne* *E então?*
- Robartes* *Quando toda a massa enfim for bem socada
até tomar a forma imaginada pela mão da Natureza
o primeiro e fino crescente mais uma vez se configura.*
- Aherne* *Mas fuga... A canção não terminou ainda.*

Robartes O corcunda, o santo e o louco são os últimos crescentes.
O arco flamejante que outrora desferiu a flecha
além do acima e abaixo, a roda do carro
da bela crueldade e o palrar da sabedoria
- fora da onda delirante - são arrastados
em meio à deformação de corpo e alma.

Aherne Não fosse o caminho tão longo ainda e eu bateria
à porta, e ficaria sob rude teto do átrio,
junto à entrada, onde tudo é rija austeridade,
lugar propício à sabedoria que ele jamais
encontrará. Irreconhecível, depois de tantos anos,
representaria então o meu papel, embora tomado
por um campônio bêbado. De pé, ficaria a murmurar:
"corcunda e santo e louco" se aproximam
sob a fraca luz dos três últimos crescentes.
Noite após noite, a imaginação inquieta,
Ele velaria, sem encontrar qualquer sentido.

E o homem riu ao pensar quão difícil parecia
Coisa tão simples. - Um morcego surgiu de uma aveleira
e girando no espaço lançou um grito agudo.
Na janela da torre, a luz já se apagara.

Comentário de Dora Ferreira da Silva

Os críticos já assinalaram devidamente as relações que a poesia de Yeats mantém com certos movimentos esotéricos que floresceram na Inglaterra, em fins do século passado e começo deste século. Certos poemas significativos de Yeats nutrem-se dessas experiências mágico-metafísicas, as preocupações estéticas do poeta irlandês estando ligadas a intenções nitidamente religiosas. "A vida mística é o centro de tudo quando faço, penso e escrevo", responde Yeats a um amigo que o acusara de planar longe demais da vida real.

Para atingir a Grande Memória (o inconsciente coletivo, segundo Jung?), espécie de reservatório de um saber cósmico-histórico-caracterológico, o poeta invocava a mediação e o concurso de personagens simbólicos, que lhe ditavam as revelações dos arcanos. Tais são as misteriosas figuras dos "instructors", ou "communicators" Michel Robartes e John Aherne, que, à maneira dos heterônimos de Fernando Pessoa, têm uma effigie própria, uma face e alma inconfundíveis. Eles se interpõem na obra de Yeats, ora como projeção dialógica, ora como aparições metapsíquicas, portadoras de um saber essencial.

No poema "The Phases of the Moon", versão poética da doutrina yeatsiana exposta em seu livro *A Vision*, surpreendemos o diálogo fantástico desses personagens itinerantes entre o humano e o transumano, postados diante da torre em que o poeta medita em vão, procurando "em livro ou manuscrito o que jamais encontrará". O velho Robartes, que é um sacerdote de tipo singular, "*sometring between a debauchee, a saint, and a peasant*", com sua roupa surrada da província de Connemara e com muito "hymour", não considera com respeito o habitante solitário da torre antiga: não pertence ele à raça dos poetas puros, que se alimentam de "meras imagens"? Em sua qualidade de mistagogo, que faz do mistério seu pão de cada dia, Robartes lamenta com ironia os desacertos do esteta que procura em vão aceder a verdades mais profundas. Como acentua Warren, Yeats pertence à categoria dos poetas que consideram a poesia uma forma de conhecimento e de poder, e não mero jogo de imagens.

Sob as incitações de Aherne, Robartes dispõe-se a cantar seu poema iniciático, "canção verdadeira, embora em prosa", que consiste num sistema de representações cósmico-histórico-caracterológicas, cada fase lunar correspondendo a uma vida humana, na esfera do visível ou do invisível, no plano histórico ou individual.

Das vinte e oito fases da lua, apenas vinte e seis representam possibilidades humanas de existência, pois os polos extremos da metamorfose lunar (*the dark-moon and the full-moon*) exprimem, respectivamente, a pura animalidade e a plena manifestação da vida dos deuses. Esses dois extremos se dispõem, para Yeats, como inconsciência e passividade, por um lado, que caracterizam a vida animal, e, por outro, como subjetividade e desapego em relação ao mundo exterior, privilégio da natureza divina. E então, tomado por um verdadeiro furor divinatório, Robartes enumera o vasto painel das culturas humanas, seus signos e grandes expressões individuais; evoca a Grécia homérica, quando "o corpo moldado de dentro do seu corpo floresce em graça", e o seu ocaso, com a vitória do conhecimento crítico sobre as virtudes heroicas: "Atena toma Aquiles pelos cabelos/Heitor jaz no pó". E passando para o plano de uma caracterologia individual, situa Nietzsche no mesmo ciclo, como o representante nostálgico desse mundo auroral. Inicia-se então a fase seguinte, com a vitória do cristianismo, que "funda a alma em guerra, na raiz do seu ser". Nas fases seguintes, a luz caminha para a plenitude, atingindo sua culminância quando a progenitura da Terra é a de uma raça de seres fantásticos "vistos nas colinas desoladas,/por camponeses trêmulos que se afastam apressados". Essas criaturas do plenilúnio são pura interioridade e lembram os Anjos de Rilke ("solitários, espelhos, cuja beleza refluí restituída à face que se contempla", da Segunda Elegia). Expressão do onirismo mágico de Yeats, esta passagem é uma evocação do

mundo de elfos e duendes de sua infância. Prosseguindo, Robartes relata o descenso e a fragmentação da lua. Sucodem-se os vários estágios, que acentuam a sujeição do homem frente ao mundo. A vida perde sua graça espontânea, para converter-se numa procissão de desastres: fora da perfeita união de corpo e alma, há uma queda existencial e ontológica, até o homem converter-se no mecanismo das meras funções, na "persona", na acepção junguiana de "máscara": "Porque persistis no esquecimento, vivendo a meias. ... Reformadores, comerciantes, eruditos, homens de Estado,/ maridos fiéis, esposas honestas por seu turno/ ... / tudo em fuga e deformado...". E a lua empalidece, aproximando-se das fases finais: os homens da escuridão, da lua negra, vivendo em exames indiferenciados, contraindo em seu corpo e em sua alma "a rudez do escravo", "gritando uns para os outros como morcegos", dão-nos a viva imagem da civilização atual, no que tem de insensibilidade aos valores da vida e da beleza. Civilização que assassina homens e massacra a natureza! As técnicas de propaganda são profetizadas pelo poeta: "informes.../ mudando seus corpos a uma palavra".

Os prenúncios do fim do último ciclo cósmico-lunar se traduzem na imagem da tríplice deformidade, segundo o corpo, o espírito e o intelecto (o corcunda, o santo e o louco). E, então, "o primeiro e fino crescente mais uma vez se configura", reiniciando-se o novo giro da roda cósmica e os novos desempenhos históricos e individuais.

Ficar com a Imagem: uma entrevista com Patricia Berry

A presença e a contribuição da Dra. Patricia Berry em nosso campo é inestimável. Com ela temos a oportunidade de apreciar uma reflexão psicológica ao mesmo tempo delicada e poderosa, original e concisa, absolutamente sintonizada com seu tempo, ainda que fortemente sensível às dominantes arquetípicas que povoam a clínica e a vida. Patricia Berry foi uma das figuras de proa naquele momento de intensa renovação do pensamento junguiano ocorrido nos anos 1970 no Instituto Jung de Zurique, inaugurando com James Hillman e Rafael López-Pedraza aquilo que hoje conhecemos como psicologia arquetípica.

Além de diversos artigos espalhados nas principais revistas junguianas internacionais, suas importantes contribuições teóricas acham-se, algumas, recolhidas num volume, *Echo's Subtle Body (O corpo sutil de Eco*, sem tradução para o português), que neste ano de 2009 recebe sua segunda edição pela Spring Publications. Seu livro é uma preciosidade para aqueles que querem compreender o percurso entre alma e imagem, bem como para aqueles que querem estudar a fundo as implicações clínicas de um trabalho psicoterapêutico voltado para a imagem. **Cadernos Junguianos**, em sua terceira edição, de 2007, já publicou um dos ensaios desse livro - "Uma Abordagem ao Sonho", rica exposição de seu método - num esforço pioneiro de trazer para o leitor brasileiro um pouco da reflexão de Berry em torno da imagem.

Em meio a uma agenda de compromissos que inclui uma visita ao Brasil para conferências sobre arte e sobre o amor, Dra. Patricia Berry, sempre tão amável no contato e intensa na presença, gentilmente concordou em responder às perguntas que a equipe dos **Cadernos Junguianos** preparou com tanta curiosidade e atento interesse.

Entrevista



Gustavo Barcellos

Cadernos Junguianos: *Olhando para o mundo atual, o que mais a apaixonou? Existe algum tema em especial sobre o qual você gostaria de pensar e escrever?*

Patricia Berry: Eu fico fascinada com o tanto de novo que há no mundo. Eu me interesso pela mudança psíquica - quer ela apareça em nível global pelas mudanças na consciência coletiva, ou na consciência individual ou processos psicológicos pessoais. Claro que todos eles se interconectam em algum grau. Mas eu simplesmente amo as novas possibilidades psicológicas no mundo de agora. Essa é uma época muito excitante, fascinante, desafiadora para se viver.

CJ: *Qual foi o grande momento pessoal ou profissional que poderia ser considerado como um turning point em sua vida?*

PB: Provavelmente foram vários. Um deles, antes de mais nada, certamente foi ter ido para Zurique. Eu era tão jovem, perdida e deprimida naqueles dias. Mas estar lá em Zurique e perceber que não havia nenhum outro lugar para ir, que não tinha opções num sentido emocional - aquele foi o início do curso de minha vida de um modo de certa forma irrevogável.

CJ: *O que teve maior influência no seu trabalho com psicologia profunda?*

PB: Certamente Rafael López-Pedraza teve influência marcante em mim naqueles primeiros anos. Acho que eu não entendia muito o que ele estava dizendo (também, eu só tinha 23 anos), mas estar perto dele fez com que eu desenvolvesse uma atitude de simplesmente sorver as coisas por osmose, coisas muito além de onde eu estava intelectualmente. Pode-se chamar isso de "capacidade negativa", que serviu até que meu próprio entendimento estivesse pronto para emergir. E, claro, também havia James Hillman, que acabou sendo meu marido. Eu aprendi muito, muito com ele, em vários sentidos.

CJ: *Alguma leitura recente chegou a surpreendê-la?*

PB: Ensaios intelectuais não significam mais muito para mim. Eu leio muito menos, e ouço conferências com muito menos atenção. Mas eu vejo muitos filmes. Há períodos em que vejo um filme toda noite. Fico fascinada como as coisas estão e como a psique trabalha. Pode-se ver muito das sutilezas das emoções e das situações com as excelentes atuações no teatro e no cinema hoje em dia.

CJ: *Em nosso trabalho clínico vemos, com frequência, o paciente recair em seus modos "costumeiros" de funcionar, em seus sintomas, enredado nos mesmos padrões arquetípicos e complexos. Qual pode ser a saída? Qual o papel da análise nesse caso?*

PB: Depende de cada situação específica. Mas um analista precisa sempre, de alguma forma, confiar e ouvir o processo - sem ficar passivo. Percebo que quando as coisas se tornam repetitivas eu me disperso e paro de fazer meu trabalho. Muitas vezes percebo que na verdade sou eu que tenho que mudar. Sou eu que tenho que mudar minha atitude com relação ao paciente.

CJ: *Uma das questões mais trabalhosas na prática da psicoterapia é a luta contra a tendência inexorável da consciência em literalizar as imagens psíquicas, especialmente as oníricas. O que a senhora pensa sobre esse tema?*

PB: Não creio que eu tenda a tomar nada de modo apenas literal. Quando um cliente o faz, e obviamente faz - bem, esse é apenas um nível das coisas. Meu trabalho é falar a partir de outros níveis ou perspectivas. Às vezes não há um conflito real. Nós apenas estamos falando a partir de várias perspectivas diferentes ao mesmo tempo. Quando há um conflito, digamos, quando a atitude egoica da pessoa está vendo coisas de um modo com o qual eu estou muito menos preocupada, então tento inserir uma nova atitude na mistura. Às vezes faço isso diretamente e às vezes eles apenas pressentem que estou vendo as coisas a partir de um outro lugar. Acredito realmente que esse fato (de eu estar vendo as coisas a partir de um lugar diferente) tem um efeito enorme na análise.

CJ: *Rafael López-Pedraza, em entrevista a Axel Capriles em 2003, contou as origens da psicologia arquetípica, no Instituto Jung de Zurique, por volta de 1969. Lembra o impacto emocional de certas leituras sobre vocês, como o *Picatrix*, por exemplo. Qual sua visão pessoal sobre os instantes iniciais da psicologia arquetípica?*

PB: Sim, foi um período intenso quando estávamos engajados com o *Picatrix*. Aquele texto foi nossa primeira base de treinamento. Nós o levávamos muito a sério e tentávamos "ficar com a imagem", embora muitos de nós não soubessem naquela época o que a imagem era e de que modo ela poderia ser interessante. Nós estávamos todos apenas meio que intuindo o que ela significava, eu acho. (Na verdade esses encontros não eram no instituto, eram sim encontros regados a vinho fora do instituto. Qualquer um que ouvisse falar deles poderia aparecer, então muitas pessoas passavam por lá.)

CJ: *O que podemos esperar da psicologia arquetípica para o século XXI?*

PB: Bem, não tenho muita certeza o que é a psicologia arquetípica. Parece haver muitas atitudes e diferentes modos de proceder que se chamam psicologia arquetípica. Uma coisa que devemos creditar a Hillman é o fato de que ele nunca fundou uma escola. Alguns dizem que isso é uma pena, um descrédito. Mas sinto que isso tem suas vantagens. Hillman parece sempre ter encorajado seus alunos e pacientes a desenvolver as próprias inclinações - que poderiam ser superteóricas e intelectuais, ou mesmo mais do sentimento ou intuitivas num modo menos verbal. Eu acho que o que juntou e ainda junta, numa associação bastante solta, o grupo daqueles interessados em psicologia arquetípica era/ é uma certa estima, um certo fascínio pelo próprio Hillman, por qualquer razão que seja.

Talvez haja apenas um psicólogo arquetípico, e ele é James Hillman. Ele a nomeou e ele é essa psicologia. O resto de nós usa métodos que desenvolvemos a partir dela. Mas, no final das contas, o que fazemos é de nosso modo.

EURÍPIDES PARA JUNGUIANOS

As Fenícias

Eurípides (411 a.C.)

L&PM Editores

Introdução e tradução do grego: Donaldo Schüler

Rubens Bragarnich*

As *Fenícias* propõe uma abordagem genealógica da família de Cadmo, fundador de Tebas, antepassado de Édipo e de sua linhagem amaldiçoada. A tragédia é narrada em uma perspectiva feminina por Jocasta e Antígona, mãe e filha, assinalando elementos significativos das origens da Cidade até a guerra fratricida entre os filhos de Jocasta e Édipo, Etéocles e Polínice.

O coro, representante dos habitantes tebanos, elemento cênico essencial nas tragédias gregas, é também feminino e constituído por jovens fenícias, através do qual Eurípides definitivamente elege o ponto de vista sensível das mulheres nesta e em outras de suas peças.

Mas por que fenícias? Vejamos o que Schüler nos diz sobre o coro: "...enviadas como oferenda a Apolo, exprimem, na iminência da guerra, solidariedade com os que sofrem, desejo de paz. Esta é a resposta fenícia ao sacrifício de jovens atenienses à sanha cruel do Minotauro".

A introdução "A eclosão do Irracional no teatro de Eurípides"

de Schüler é bastante competente em sua proposta informativa; leva-nos a passear por algumas das 18 peças que restaram da extensa dramaturgia euripidiana, tecendo com especial habilidade os fios das análises e interpretações, bem como em suas comparações com Sófocles e Ésquilo, outros grandes tragedistas gregos. Transita por *Alceste*, *Medeia*, *Hipólito*, *Andrômaca*, *Hécuba*, *As Suplicantes*, *As Troianas*, *Electra*, *Ifigênia na Táurida*, *Helena*, *Íon*, *Hércules*, a extraordinária *As Bacantes*, pavimentando o caminho até *As Fenícias*.

Numa tradução apurada e primorosa, *As Fenícias* tem os seus versos numerados, como é usual nas edições críticas dos clássicos greco-romanos devido à importância da padronização das citações, o que nos é familiar pela similaridade com as *Obras Completas de Jung*, que são paragrafadas.

A peça é composta por um prólogo, três episódios e o êxodo. Schüler nos ensina:

"O prólogo antecede a entrada do coro e é constituído por um

Resenha



monólogo ou um diálogo". Nele Jocasta invoca o deus Hélio fazendo uma breve retrospectiva dos Cadmeus até o conflito entre os seus filhos pelo poder de Tebas.

Cada episódio corresponde a um ato, e o êxodo é a parte final da tragédia. As notas de rodapé trazem informações elucidativas ao leitor pouco familiarizado com aspectos formais da dramaturgia clássica.

Eurípides reúne numa só peça o que sabemos em frações sobre Édipo; oferece uma visão genealógica dos Cadmeus, as suas complicações intergeracionais, as *harmatias* (maldições), facilitando a compreensão do chamado ciclo edípico, o que foi especialmente estudado e teorizado pela abordagem psicanalítica.

Freud utilizou-se, ao contrário, do modelo sofocleano de *Édipo Rei*. Como se sabe, a tragédia de Sófocles tomada sozinha, seccionada das relações intergeracionais, induziu a uma concepção e uma interpretação psicológica personalista que formaram a argamassa na edificação da psicanálise.

Com *As Fenícias* podemos entrever os seguintes aspectos:

a) Processual: descrevendo desdobramentos dentro uma dimensão histórica, revelando o encadeamento das gerações interligadas, com suas lógicas portadoras de significados que vão além do pessoal, do imediato e do particular.

b) Histórico: envolvendo sequência, temporalidade linear, cronologia; antecessores e sucessores, genitores e gênitos, pais e filhos, ascendentes e descendentes. O plano histórico permite discernir o que é entremeadado organicamente com um povo, uma nação, seus vários estamentos sociais e suas elites, o estado, as instituições de referência de um espaço geográfico considerados na linha do tempo.

c) Arquetípico: uma vez que envolve o mistério das *harmatias* se desdobrando entre familiares de uma geração e entre as anteriores e as seguintes explicando e ao mesmo tempo vinculando umas às outras. Mitologicamente as *harmatias* são maldições advindas de delitos praticados pelos humanos contra os deuses, ou, de modo psicológico, são atos e vivências humanos desmedidos, experiências de inflação de ego que trazem complicações ao desenvolvimento da vida psicológica individual e coletiva, formando sintomas, distúrbios e patologias. Muitas delas, quando não elaboráveis, podem comprometer além da vida individual, a vida do casal, dos filhos e netos.

O foco central de *As Fenícias* é a luta política entre irmãos pelo poder de Tebas nas mãos do tio materno Creonte após a retirada de Édipo da vida pública; mais do que tudo, os desdobramentos de *harmatias* dos ascendentes geram novas desmedidas que agora se expressam perigosamente em conflitos fraternos levados além dos limites da tolerância, no ódio e

na destruição, observados através dos olhos sofridos de Jocasta e de Antígona, mãe e irmã dos beligerantes. Antígona será a guardiã final e a personificação da *anima* que conduz o pai cego até a sagrada Colona, região próxima de Atenas.

Podemos dizer que a peça revela uma forte verdade arquetípica

à medida que deixa evidente que determinantes inconscientes podem interferir nas relações intergeracionais em todas as famílias, em qualquer formação social da cultura ocidental, onde os problemas e as mazelas não resolvidos por uma geração são transportados para as gerações seguintes, para filhos e netos.

* Rubens Bragarnich é psicólogo clínico, membro analista do Instituto Junguiano de São Paulo-AJB e da International Association for Analytical Psychology-IAAP. Editor de resenhas dos *Cadernos Junguianos*.

ACERTO DE CONTAS

As Brasas.

S. Márai

Tradução de Rosa Freire d'Aguiar.

São Paulo: Companhia das Letras, 2008

Acaci de Alcantara*

Impossível não se apaixonar por Sándor Márai. Dono de uma narrativa elegante e profunda, revela-se um profundo conhecedor das motivações humanas e usa a literatura com maestria a serviço da alma.

Nasceu em 1900, em Kassa, no Império Austro-Húngaro e figurou entre os grandes escritores da língua húngara na sua juventude. Depois da Segunda Guerra Mundial, sai de seu país e vive na Suíça e Itália, vindo a se estabelecer finalmente nos Estados Unidos, onde morre em 1989.

Márai só recentemente obteve reconhecimento internacional, sendo equiparado a Thomas Mann e Kafka. A tradução brasileira deste volume, feita do italiano, contém em seu posfácio uma biografia crítica de excelente qualidade, elaborada por Marinella D'Alessandro.

A obra começa com o velho general Henrik recebendo uma carta após quarenta e um anos de espera. Chama sua ama que o acompanha desde o nascimento, mostra-lhe a carta de Konrad e pede que ela prepare um jantar idêntico ao que preparou há quarenta e um anos.

A narrativa nos infunde uma grande curiosidade; penetramos no castelo que está como que adormecido no tempo desde o último encontro há quatro décadas. Somos convidados a compartilhar com o protagonista reflexões profundas sobre as vicissitudes e feridas de sua vida desde a infância, o início de sua amizade com Konrad, a vida em comum com o amigo na juventude, o surgimento de Krisztina, seu casamento com ela e a relação de amizade entre os três.

Tudo indica que Henrik irá tirar a limpo, com muita elegância, uma situação que lhe amargura por mais da metade dos seus anos vividos. Enquanto aguarda o jantar, repassa a sua vida e os acontecimentos que a transformaram no que é. Quer respostas, precisa compreender os porquês e se teria ou não sido traído pelo amigo e sua esposa. Sente-se uma vítima da deslealdade de pessoas queridas.

Diante de Konrad, fala da traição e sobre a responsabilidade de ambos pela morte de Krisztina. Henrik tem as suas questões, mas percebe que elas não precisam mais de resposta; agora compreende a sua participação em tudo o que

Resenha



ocorreu; dá-se conta de sua arrogância e da pouca importância que deu às próprias percepções.

Márai provoca o leitor que já tomava o partido de Henrik; incita-o a fazer uma reflexão sobre os seus aspectos sombrios, deixa claro que o grande acerto de contas a ser feito é consigo mesmo. Talvez

seja um alerta para que não se espere tanto tempo ou, ao contrário, um alento por mostrar que as questões com nosso lado obscuro podem demandar uma vida, um tempo longo e necessário para a elaboração de situações que envolvem a profundidade da alma.

* Acaci de Alcantara é psicóloga, membro analista do Instituto Junguiano de São Paulo-AJB e da International Association for Analytical Psychology-IAAP. Editora assistente dos *Cadernos Junguianos*.

A VOZ E O TEMPO

Reflexões para jovens terapeutas

Roberto Gambini

São Paulo: Ateliê Editorial, 2008

Silvia Graubart*

Resenha



Quase como uma autobiografia, o livro de Roberto Gambini nos coloca não apenas frente aos conceitos da prática junguiana, mas também diante de constatações que se foram engendrando a partir da experiência. Conversas. Olho no olho. A arte do tempo fazendo transformações alquímicas, gerando material para reflexão sobre a vida em ambos, analista e paciente.

Em *A Voz e o Tempo*, o autor relata sua trajetória acadêmica e o despertar de um ofício que começa a exercer por pura intuição: "A vocação tentando achar uma brecha para vir para fora e adquirir contorno". Delinea-se aí o que se consolidaria, anos depois, na habilidade de ouvir (em si e no outro) a voz interior que transforma alma em palavras - a fala capaz de mobilizar, abrir novas perspectivas e suscitar novos questionamentos. Cronos e Kairós ao mesmo tempo na arqueologia da psique, extraindo da história factual os movimentos do processo interior.

Essa familiaridade foi-se construindo ao longo de trinta anos de exercício contínuo de tudo quanto aprendeu com Jung e seus discípulos e proporciona ao leitor um passeio pela psicologia analítica,

repleto de paisagens nítidas e esclarecedoras. Não um manual de psicoterapia, mas alimento pessoal e nutritivo, resultado de muita intimidade com o ofício. Amadurecimento de ideias próprias. Liberdade para entrar no mundo desconhecido do "outro" e, juntos, caminharem em direção à profundidade. Liberdade, também, para traduzir em prosa o que a experiência lhe acrescentou com tanta peculiaridade.

Por anos vivi seu jeito amoroso de tocar as feridas, amenizar a dor, ou aprofundá-la, para que o tecido emocional fosse capaz de se regenerar. Re-gerar, dar à luz ao que está lá, escondido. No dizer de Gambini, "há sempre uma dor na alma. A proposta é acolhê-la - e isso dói para os dois, cada um na sua poltrona -, por acreditar que a única maneira de começar a cuidar da alma é lidar com sua dor e não com sua plenitude feliz, porque nesse caso a pessoa não estaria no consultório, mas regozijando-se com a vida" (p. 133).

Entremeando seu percurso pessoal com os grandes temas que Jung formulou, Gambini, entretanto, não nos oferece uma leitura acadêmica. Tampouco

apresenta às questões da prática clínica respostas convencionais, como aquelas da bibliografia junguiana consagrada. Faz o que poucos se arriscaram: um estudo crítico comparado entre as diversas produções a partir de Jung e as tentativas de atualizá-lo ao pensamento contemporâneo, seus riscos, ganhos e lacunas não preenchidas.

O livro tem a marca personalíssima do autor. Nasceu falado e sintetiza dois momentos de vida, o primeiro, em 1997, e outro, dez anos depois, maturado pelo tempo. Fala de sonhos, símbolos, transferência, alma. Sua sensibilidade criativa pode ser apreciada, por exemplo, na metáfora da *diálise reflexiva*: "É como se o sangue de meu paciente fosse transfundido para a minha veia, circulasse em mim e fosse re-transfundido nele. É o dele, não o meu, que de alguma forma passou por mim. Por quê? Porque estou oficiando um procedimento que é uma *diálise reflexiva*. A sua matéria pensante não pode fluir em você, porque você está sofrendo, você está tomado por emoções bloqueadoras, você está mal, está confuso, você está fora de foco. Mas ela está em você, a matéria pensante. Ela surgiu como sonho, ou como símbolo, ou como imagem. Daí você a conta para mim. O meu ofício é recebê-la e fazê-la circular dentro de mim - com um método... Então eu a deixo percorrer meus circuitos mentais adequados àquela situação e a devolvo a você" (p. 155/156).

Ou então quando expressa a dimensão arquetípica da transferência como a busca de "um outro capaz de me compreender... Os termos da questão poderiam ser: a transferência é a manifestação contemporânea, observada e teorizada na terapia, de um fenômeno geral, um comportamento arquetípico, no sentido de que ele é anterior às formas culturais - sendo antes de mais nada uma pulsão de busca por um outro que nos compreenda" (p. 181/182).

Legítima ainda o indescritível mistério do encontro ao falar do tema que aflige terapeutas em formação: o estudo de caso. Passo a transcrever, então, trechos do que ele reflete, sob o intertítulo Pesquisa (p. 191/192): "Quando comecei a atender, meu analista aconselhou-me a escrever todas as sessões, e todos os sonhos que eu ouvisse... Perguntei-lhe: é um *aide-mémoire*? Ao que ele respondeu: você deve registrar dados importantes porque, afinal de contas, o trabalho com o inconsciente é uma pesquisa. Essa foi a palavra-chave... Hoje consigo responder a mim mesmo que pesquisa é essa: uma grande busca de conhecimento dos fenômenos da psique. Há pequenas anotações sequenciais que são germes de futuras expansões desse desejado conhecimento. ... Dados biográficos não são para mim peças fundamentais... Quando busco conhecer o outro, não é no sentido em que faz um biógrafo, um genealogista, ou um historiador. Não sou muito bom para reproduzir em detalhe a história de

vida de um paciente, porque o ângulo de visão é distinto... Sustento enfaticamente a ideia de que o âmago da questão é uma busca de conhecimento do ser, da sua dor e da sua lógica... A biografia, portanto, é apenas um organizador de dados segundo uma linha cronológica, algo que a pessoa quer contar de si, mas no fundo não é a

biografia literalizada que ela quer contar. Ela quer contar outra coisa, e, como não sabe fazê-lo, conta como biografia, como uma história. É por isso que depois de um tempo a esqueço".

A Voz e o Tempo é um encontro com informações preciosas. Quem lê também sai transformado.

* **Silvia Graubart** é psicóloga, terapeuta sexual, jornalista, analista junguiana, membro didata pelo Instituto Junguiano de São Paulo-IJUSP, membro da International Association for Analytical Psychology- IAAP, editora-executiva dos *Cadernos Junguianos*.

Email: Silvia.graubart@uol.com.br

Ivo Storniolo: 1944-2008



Ivo Storniolo foi um intelectual brilhante que desenvolveu seu vasto trabalho em duas vertentes complementares: como clérigo e como estudioso da psicologia analítica, conseguindo fazer a interlocução desses dois âmbitos.

Pela psicologia analítica, desempenhou papel ativo na tradução de autores junguianos, na coordenação de grupos de estudo, como conferencista e editor da coleção "Amor e Psique", uma das fontes mais conhecidas e consultadas pela comunidade junguiana. Fez parte do Conselho Editorial dos **Cadernos Junguianos**.

Retirado da vida sacerdotal para dedicar-se à atividade intelectual em São Paulo como, entre outras, redigir os roteiros que serviram de base teológico-filosófica para as homilias dos clérigos nas igrejas católicas brasileiras.

Exegeta respeitado, Ivo era formado em Filosofia e Teologia, com mestrado em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Foi editor, autor profícuo e exímio tradutor de textos eclesiais. Sempre didático e claro, sua escritura não perdia a delicadeza e profundidade que o caracterizavam. Teve parte de sua obra traduzida fora do Brasil.

Biblista havia mais de quarenta anos, foi revisor exegético e dominava facilmente línguas antigas como hebraico e latim, tanto quanto inglês, alemão, espanhol e francês.

Foi um dos responsáveis pela edição da *Bíblia* de Jerusalém, verdadeira referência de confiabilidade e excelência para estudos acadêmicos e sacerdotais, e da *Bíblia Sagrada - Edição Pastoral*, destinada ao leitor laico.

Ainda nessa vertente religiosa, publicou vários volumes da coleção "Como ler a Bíblia" dos livros constitutivos do Antigo e Novo Testamento.

Polêmico, veemente *puer aeternus*, possuía uma atitude crítica da realidade social brasileira e dos seus equívocos e mantinha uma postura combativa em prol das classes socialmente oprimidas a que chamava "meu povo".

Por outro lado, foi um mestre da serenidade, paciência e gentileza como um velho sábio personificado.

Homem de fé inabalável, conseguia transitar com habilidade entre o mundo religioso, literário, psicológico e social, construindo interfaces criativas e competentes. A despeito de tantos títulos e créditos, Ivo era uma pessoa simples e acolhedora que atendia a todos com ternura e delicadeza. Foi um promotor da re-ligação amorosa do humano com a divindade.

Amigo querido e um grande interlocutor da consciência com a alma e o mundo espiritual.

Gratus!

Rubens Bragarnich

Orientações aos autores para publicação

As edições dos *Cadernos Junguianos* estão abertas para receber apenas contribuições inéditas no Brasil, que tratem de qualquer aspecto da psicologia junguiana, sua prática clínica e reflexão teórica, assim como resenhas de livros, filmes ou outras manifestações artísticas. Os artigos recebidos serão selecionados para publicação pela Comissão Editorial. Os *Cadernos Junguianos* reservam-se o direito de editar todo o material aceito para publicação. Para a próxima edição, as colaborações deverão ser enviadas até 30 de Março de 2010.

1. Os originais dos artigos e contribuições devem ser entregues via email, gravados em .doc do WORD, para o endereço eletrônico: cadernos.junguianos@uol.com.br
2. Os artigos devem conter: a) no máximo 8.000 palavras ou 50.000 caracteres com espaço; b) página com sinopses e palavras-chave em português, espanhol e inglês, de no mínimo 100 e no máximo 180 palavras, e cinco palavras-chave nos três idiomas; c) folha de rosto com biografia sucinta do autor, seu endereço para correspondência, telefone, fax e e-mail; d) autorização para publicação assinada e datada, em folha separada.
3. Normas para o corpo do texto: a) tipologia *Times New Roman*, corpo 12, espaço duplo, sem qualquer formatação, exceto recuo de parágrafo; b) títulos e subtítulos em **negrito**; c) destaques de texto e palavras estrangeiras em *itálico*; d) títulos de obras em *itálico*; e) títulos de artigos entre aspas (" "); f) a palavra *Self* (com letra maiúscula) e em *itálico* e as palavras *anima* e *animus* em *itálico*; g) uso de minúsculas para os termos da psicologia (psicologia analítica, sombra, persona, arquétipo, complexo, ego, psique etc.).
4. Citações de até três linhas devem aparecer entre aspas (" ") no corpo do texto, com o sobrenome do autor, data de publicação e o número da página ou parágrafo entre parênteses (). Para citações com mais de duas linhas mudar de parágrafo, dar espaço e usar corpo 11, sem aspas, indicando no final, entre parênteses () o sobrenome do autor, data da publicação e número da página ou parágrafo. Ex: (Bachelard, 1990: 75).
5. Não inserir notas de rodapé. As notas devem ser numeradas no final do texto.



6. Os artigos devem ser acompanhados de **Referências Bibliográficas** completas ao final do texto, com a lista dos autores em ordem alfabética pelo sobrenome do autor. Conferir exemplos abaixo.
7. Gráficos e ilustrações (no máximo três por artigo) podem ser incluídos apenas se estritamente necessários, e devem ser enviados em mídia eletrônica de alta resolução (300 dpi).
8. Resenhas de livros e filmes, bem como comentários sobre artigos já publicados, não devem exceder 8000 caracteres com espaço.
9. A Comissão Editorial reserva-se o direito de aceitar, recusar ou reapresentar o original ao autor com observações e sugestões de alteração. Os originais recebidos não serão devolvidos.

Exemplos de referências bibliográficas:

LIVRO

SOBRENOME, Prenome (Ano de publicação). *Título*. Nota de tradução. Edição. Local: Editora.

Ex: BACHELARD, Gaston (1990). *A Terra e os Devaneios do Repouso*. São Paulo: Martins Fontes.

Padrão específico de referência para as obras de C. G. Jung:

JUNG, C. G. *The Collected Works of C. G. Jung*, traduzidos para o inglês por R. F. C. Hull, editados por H. Read, M. Fordham, G. Adler e Wm. McGuire. Princeton: Princeton University Press, Bollingen Series XX, volumes 1-20, referidos pela abreviatura *CW* seguida do número do volume e do parágrafo. Londres: Routledge & Kegan Paul. Ou pela abreviatura *OC* (*Obras Completas de C. G. Jung*), seguida do número do volume, brochura e parágrafo da edição brasileira da Editora Vozes, Petrópolis.

PERIÓDICO

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO (Ano de publicação). Local: editor, ano do primeiro volume e do último, se a publicação terminou. Periodicidade (opcional). Notas especiais (títulos anteriores, ISSN etc.).

Ex: *EDUCAÇÃO & REALIDADE* (1975). Porto Alegre: UFRGS/FACED

ENTREVISTA

ENTREVISTADO (SOBRENOME, Prenome) (Data). *Título*. Publicação. Nota da Entrevista.

Ex: EDINGER, Edward (2004). *Tomas B. Kirsch Interviews Edward Edinger*. The San Francisco Jung Institute Library Journal, vol.23, nº2, p.48-66.



DISSERTAÇÃO E TESE

SOBRENOME, Prenome. (Ano da defesa). *Título: subtítulo*. Local: Instituição, nº de pág. ou vol. Indicação de Dissertação ou Tese, nome do curso ou programa da faculdade e universidade, e local.

Ex: OTT, Margot Bertolucci. (1983) *Tendências Ideológicas no Ensino de Primeiro Grau*. Porto Alegre: UFRGS, 1983. 214 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CONGRESSOS E SIMPÓSIOS

SOBRENOME, Prenome (Data). Nome do Evento, nº de edição do evento, ano, local. *Título*. Local: Editor, nº de pág. (opcional).

Ex: WOOD, D. R. Augusto (2004). Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, 3, 2003, Salvador. *Anais*. São Paulo: Lector Editora.

DOCUMENTO ELETRÔNICO

SOBRENOME, Prenome. *Título*. Edição. Local: ano. Nº de pág. ou vol. (Série) (se houver) Disponível em: <<http://...>> Acesso em: dia.mês(abreviado).ano.

Ex: WOOD, Daniel Ricardo Augusto. *A Metáfora Alquímica*. Disponível em <http://www.milenio.com.br/danwood/psi/psia001.htm>. Acesso em: 10.jan.2005.

